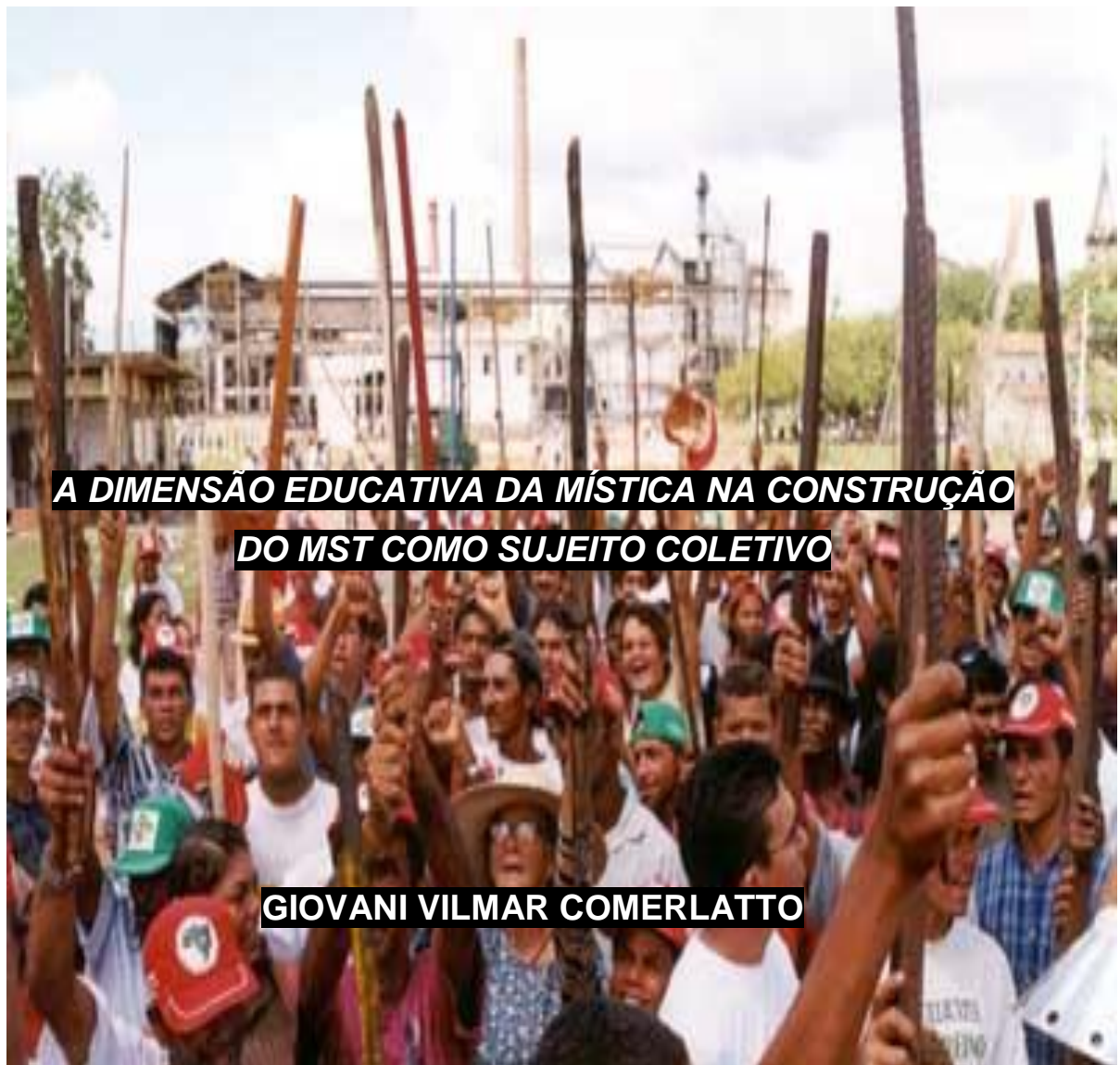


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PRORAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



***A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍSTICA NA CONSTRUÇÃO
DO MST COMO SUJEITO COLETIVO***

GIOVANI VILMAR COMERLATTO

Porto Alegre RS

2010

GIOVANI VILMAR COMERLATTO

***A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍSTICA NA CONSTRUÇÃO
DO MST COMO SUJEITO COLETIVO***

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e final para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Marlene Ribeiro.

Porto Alegre

2010

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Marlene Ribeiro, pela dedicação incondicional à orientação da tese e da vida. Exemplo de intelectual comprometida com a classe trabalhadora e explorada no mundo rural. A confiança depositada em mim para a realização desse trabalho e as orientações ao longo do processo faz parte de um aprendizado inesquecível.

Aos colegas de orientação agradeço a troca de experiências de vida e as constantes discussões para a melhoria das pesquisas, principalmente no compromisso de inseri-las nos contextos das lutas dos Movimentos Sociais rurais.

Aos meus familiares pelo apoio irrestrito a esse trabalho, mesmo significando uma troca de momentos significativos da vida. Especialmente a Luciani, companhia incentivadora desde os primeiros passos no mestrado; aos meus filhos nem tão pequenos, Eduardo, Luiza, Carol, motivos pelos quais sonho com um futuro melhor.

Ao Rudinei, um irmão que a vida me presenteou e que sempre foi um crítico das minhas incongruências filosóficas; algumas delas presentes neste trabalho. À Betina, (a)filha(da), constante presença de alegria e descontração.

Agradeço ao MST pela partilha de experiências vividas, ouvidas; pelas utopias emancipatórias. Foi uma honra poder estudar um Movimento Social tão importante e combativo dos nossos dias. Agradeço especialmente a Nina, a Irma e suas companheiras de trabalho, mulheres de fibra e luta na base do MST, símbolos de militância e de vivência da Mística revolucionária.



DEDICATÓRIA

Em memória aos mais de 150¹ mortos (2005 a nov. 2009 – período da realização dessa tese), vítimas da violência do latifúndio e seus apoiadores no Brasil. Mártires da terra. Esquecidos pela sociedade, lembrados nas Místicas do MST. Que seus sonhos se concretizem na vida dos militantes que continuam resistindo na luta por ***“Reforma Agrária por Justiça Social e Soberania Popular”***.

A todos os integrantes do MST que fazem da preparação da Mística uma tarefa cotidiana de transformação de sonhos numa grande utopia coletiva.

¹ Dados da CPT. Disponível em www.cpt.org.br.

VERDADES JÁ APRENDIDAS

Não diga que é preciso organizar o povo
Nem que os Bancos exploram o cidadão
Que a água não pode ser privatizada
E o caminho é a revolução.
Que a terra está entregue ao latifúndio
A renda está muito concentrada
O governo é conivente com o império
Que as idéias socialistas não estão superadas.
Que a soberania está quase perdida
O desemprego é irreversível
O homem está irreconhecível
Porque o consumismo já o venceu.
Que há milhões de indigentes pelas ruas
A fome come a vida das crianças
O povo perdeu as referências
A mídia atenta contra a inteligência
E a esquerda se rendeu.
Não diga que A globalização não é coisa do presente
Que a “elite” é incoerente
Os governos de esquerda são incoerentes
E o império já domina a humanidade.
Que o problema do povo é a propriedade
Que a riqueza é a fonte da violência
E que é preciso elevar a consciência.
São verdades talvez muito batidas
Que sem ação podem perder a própria vida.
Não. Não diga nada!
Pergunte se há um caminho... uma estrada?
Se está disposto a alinhar os passos
E convencido a descruzar os braços
Para agarrar com força a solução?

Pergunte o que é a revolução?
Porque é chegado o momento
Onde as palavras já não servem como exemplo.
Entenda de uma vez:
Que a dominação e a liberdade podem ter a mesma idade.
Há momentos em que uma só olhada
Organiza uma longa caminhada
E incendeia o coração dos que já não se queixam.
Acredite que tudo guarda uma força interna
Que as injustiças não conseguem ser eternas
Simplesmente porque os revolucionários não deixam.

Ademar Bogo

RESUMO

A Mística é uma prática coletiva e enraizada historicamente dentro do MST. Através dela o integrante do MST é capaz de criar forças e juntar-se com outros membros em torno da luta pela terra. O camponês vence a barreira do individualismo liberal e torna-se parte de um sujeito coletivo, um Movimento Social. Vista por esse ângulo, a Mística cumpre um papel estratégico decisivo no desenvolvimento de alternativas emancipatórias gestadas no interior dos Movimentos Sociais que buscam transformações sociais. É dentro do processo do desenvolvimento da luta desse novo sujeito coletivo que as práticas místicas evidenciam seu caráter pedagógico, pois são originadoras de práticas sociais revolucionárias dentro da construção de um projeto social alternativo. Animam e fortalecem a organização do Movimento Social pois trazem a esperança de uma vida com dignidade.

Palavras chave: Mística – Dimensão pedagógica – Movimentos Sociais – MST.

ABSTRACT

The mystic is a collective and grounded practices historically within the MST. Through this the member of MST is able to create strengths and join with other members around the struggle for land. The peasant overcomes the barrier of the liberal individualism and becomes part of a collective subject, a social movement. In this perspective, Mystic has a strategic role which is crucial for the development of emancipator alternatives put forth in the center of the social movements which pursue social transformation. It is within of the process of the development of fight for this new collective subject that the mystic practices identify its pedagogic character, as they are springboard of revolutionary social practices within the construction of an alternative social project. These practices motivate and strengthen the organization of the social movement as they bring hope of a dignified life.

Key words: Mystic - Pedagogical Dimension - Social Movement - MST

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 OS MOVIMENTOS SOCIAIS NOS LIMITES DO ESTADO LIBERAL..... | 24 |
| 2.1 O MST dentro dos limites da cidadania liberal..... | 30 |
| 2.2 A importância do MST para a democracia brasileira..... | 48 |
| 3 A MÍSTICA NA PERSPECTIVA DO MST..... | 66 |
| 3.1 Aspectos etimológicos e históricos da Mística..... | 66 |
| 3.2 A visão da Teologia da Libertação sobre a Mística..... | 78 |
| 4 A MÍSTICA NO MST..... | 109 |
| 4.1 A mística nas comemorações dos 25 anos do MST..... | 111 |
| 4.1.1 A programação..... | 111 |
| 4.1.2 Caracterizando o local..... | 117 |
| 4.1.3 A Mística da Abertura Dia 20 de janeiro de 2009..... | 120 |
| 4.1.4 A Mística de Abertura do dia 21 de janeiro de 2009..... | 131 |
| 4.1.5 A Mística do dia 22 de janeiro..... | 133 |
| 4.1.6 Noite do dia 22/01 Jornada Socialista..... | 143 |
| 4.1.7 Mística do dia 23/01..... | 144 |
| 4.2 Alguns escritos sobre a Mística do MST..... | 147 |
| 4.3 A Mística revolucionária..... | 173 |
| 5 A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍSTICA..... | 184 |
| 5.1 O caráter pedagógico das lutas nos Movimentos Sociais..... | 184 |
| 5.2 A Dimensão Educativa da Mística dentro do MST..... | 188 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 194 |
| ANEXO 1 | 207 |

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa feita no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Trata-se de um estudo que pretende elucidar a importância pedagógica da Mística para a constituição própria do MST enquanto sujeito coletivo, e por consequência, a importância da Mística na proposição de alternativas emancipatórias e revolucionária para a sociedade liberal.

Para poder alcançar esse objetivo primeiramente abordei a questão dos Movimentos Sociais dentro do Estado Liberal mostrando os limites da *legalidade* imposta pelo Estado de Direito e com isso questionei os limites da cidadania liberal que nada mais é que a garantia apenas abstrata dos direitos individuais. Nesse mesmo viés apresentei argumentos que mostram a necessidade de se repensar a democracia liberal dando vazão às reivindicações desses Movimentos Sociais sob pena de crescer a deslegitimação das ações desse Estado Liberal. Além disso, pretendi mostrar que o MST, apesar das vozes discordantes midiáticas, cumpre um papel importante para a extensão da democracia brasileira.

Em um segundo momento aprofundei conceitualmente a Mística através de uma avaliação de um apanhado conceitual e histórico da Mística, passando rapidamente pelas origens etimológicas da palavra e de algumas acepções ao longo da história do pensamento cristão e filosófico até chegar às concepções da Teologia da Libertação, lugar de origem teórico-teológica dessa concepção de Mística. Logo em seguida discorro através da utilização de alguns textos de teólogos da Teologia da Libertação, qual é a visão de Mística presente nessa corrente de pensamento que influenciou muito o surgimento do MST.

Posteriormente (4º capítulo) faço um apanhado prático-teórico de como essa Mística acontece dentro do MST, tomando como caso paradigmático o Encontro Nacional do MST, comemoração dos seus 25 anos, ocorrido em Janeiro de 2009, em Sarandi RS. Partindo das observações das Místicas ocorridas nesse encontro, de entrevistas com as equipes realizadoras dessas Místicas, de entrevistas com militantes do MST que dedicam sua militância à Mística dentro do Movimento, de entrevista a apoiadores do Movimento, apresento uma pequena descrição daquilo que vi e ouvi nesse encontro nacional. Partindo desse evento que reuniu mais de 2000 pessoas de todos os lugares do país e representantes de entidades

apoiadoras do mundo inteiro, apresentei alguns escritos que o MST e seus militantes têm produzido no campo da Mística. Faço algumas considerações sobre esse conceito que me levaram a necessidade de apresentar a Mística dentro do MST como uma prática altamente contra-hegemônica, contra-ideológica e revolucionária por ser um espaço de construção da participação, da expressão das convicções e dos sonhos individuais e coletivos e por isso representa um espaço de construção de um projeto emancipatório que pretende ultrapassar o modelo liberal. Desenvolvo uma reflexão sobre a produção teórica de integrantes do MST sobre a Mística e como ela se relaciona com a construção de um projeto que possa vir a ultrapassar o modelo liberal. Como se dá a sua influência para a construção dos sujeitos coletivos e as práticas emancipatórias dentro do MST.

O caráter educativo da Mística deverá mostrar que o projeto pedagógico que vem sendo gestado pelos Movimentos Sociais é muito mais amplo do que a concepção de educação moderna que prepara as elites para comandar e os trabalhadores para a mão-de-obra de mercado. Ao valorizar o educativo dentro do próprio MST na sua vivência ampliada para além da escola, insere-se este caráter pedagógico dentro de sua própria dinâmica e em sincronia com suas lutas. Procuo corroborar com a idéia que captar esses processos educativos dentro dos Movimentos sociais, e especialmente dentro do MST, é penetrar na compreensão dos processos concretos de transformações sociais que se efetuam dentro da sociedade.

Busco também apontar como a Mística ajuda a aumentar o sentimento de pertença a um projeto maior de transformação social, uma dimensão humanitária e solidária da construção da identidade coletiva. Uma utopia enquanto sonho e motivação para a luta, que dê sentido à existência, que dá impulso para ação política. Trato também da Mística como uma dimensão essencial da vida humana, que impulsiona o caráter emancipatório da sociedade liberal, e, nesse sentido, assume uma dimensão altamente educativa de construção deste sujeito coletivo que é o MST.

Uma questão metodológica precisa ser acrescentada aqui. A escolha de escrever em primeira pessoa e a tratar meus entrevistados e ao MST como sujeitos e não “objetos” e nem “atores”, se deve a uma postura metodológica de não reproduzir as falas de um “ator social” longínquo e que pouco tenho contato, muito menos dissecar analiticamente as contribuições orais e inserí-las dentro de um

código de interpretação linguística. Penso que ao escrever esse trabalho queria apresentar o que esse sujeito coletivo tem a ensinar para a educação, para os Movimentos Sociais, apresentar as práticas de pessoas concretas, seus ideais e seus pensamentos. Por isso entendo que seria quase uma traição a escrita longínqua e asséptica da 3ª pessoa com aquelas pessoas de dentro do MST que colaboraram para que esse trabalho fosse completado.

Além disso, só acredito na possibilidade de se fazer pesquisa comprometida e situada dentro de contexto social e ideológico de classe. A neutralidade e a assepsia nada mais é que um jogo lingüístico de uma cientificidade comprometida ideologicamente, algo que é impossível de se escapar.² Portanto prefiro apresentar resumidamente os motivos que me levaram a fazer esse trabalho para esclarecer de antemão minhas preferências teóricas, o lugar social de onde parte minha pesquisa e as motivações que me levam a abordar tal temática nessa tese. É o que passo a fazer agora.

Sou filho de uma família pobre que garantia a sobrevivência através do trabalho na agricultura. Meu pai, como tantos outros foi obrigado a abandonar a agricultura na década de 1960. Estabeleceu-se na cidade, e como milhões de brasileiros foram obrigados a abandonar a agricultura e aumentar o contingente de pessoas que buscam trabalho nas cidades.

Minha mãe saiu da agricultura para tornar-se religiosa. Não conseguiu levar a diante esse projeto de vida e se tornou catequista numa paróquia do interior. Semi-alfabetizados tiveram o apreço pela escola que não tiveram, mas para os filhos. Como aluno da escola pública dessa cidade interiorana, quero narrar dois fatos importantes que lembro até hoje, ocorrido na 3ª ou 4ª série do ensino fundamental. Foi a organização da turma como um quartel.

Todos eram soldados³ e semanalmente a professora fazia um parecer sobre as coisas boas e ruins dos alunos. A cada ponto obtido ou perdido, avaliado pela professora como bom ou ruim, subíamos ou descíamos na escala do quartel. Os lugares mudavam na sala; quanto mais alto o “posto”, mais perto da professora sentava o aluno. Eu nunca passei de cabo e não entendia o motivo, pois me esforçava para a realização das tarefas. Um colega – eternamente soldado - me

² FOUREZ, Gérard. A Construção das Ciências; introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995. O autor mostra como é impossível escapar das ideologias e também como a ciência é ideológica, precisamente quando quer ser neutra.

³ A visão idílica da Escola como promotora da igualdade social entre as classes parece estar reproduzida aqui.

disse: “só os ricos chegam a capitão”. Voltei a ser soldado quando minha borracha caiu no chão e levantei para pegá-la sem a permissão da professora⁴.

A cada ano os “melhores” alunos das turmas eram agraciados com prêmios e homenagens na escola. Notas altas, bom comportamento e toda a matéria copiada no caderno eram alguns quesitos importantes desse reconhecimento. Atualmente quando leio textos do Pedro Demo (2000), que discorrem sobre a quase igualdade do “bom aluno” com o “bom prisioneiro”, da bestialização escolar pela cópia, sinto-me mais conformado de nunca ter sido condecorado com qualquer prêmio escolar.

Um dos meus colegas, “o bichinho”, era chamado assim pelas peculiaridades de suas roupas e calçados – sempre maiores do que ele. Morava no interior do município e não havia escola perto de sua casa⁵. Um dos seus hábitos estranhos para nós era que, quando estava gripado, sua mãe fazia-o trazer na pasta limão e alho para chupar e mascar durante o recreio⁶. Nós, que estávamos mais adaptados aos remédios químicos para combater qualquer espécie de mal-estar, o chamávamos de “bicho do mato” ou simplesmente de “bichinho”. Nos meados do ano abandonou a escola. Estávamos todos felizes. Nós, seus colegas, porque não precisaríamos suportar o “mau cheiro” dos seus “remédios” caseiros e da incompatibilidade com nossos hábitos higiênicos. Os professores, porque ele não era um aluno que se interessasse com o estudo escolar, e ele próprio que preferiu ajudar os pais a cultivar a terra.

Dessas experiências escolares acredito retirar o primeiro aprendizado significativo entendido na época, mas refletido hoje com uma carga teórica muito maior: a escola foi “feita” para os trabalhadores, não é “dos trabalhadores”. A escola que os filhos dos trabalhadores freqüentam pouco acrescenta à sua vida prática, não se interessa pelos seus reais problemas. Cria-se a crença que a escola do interior é ruim e atrasada⁷.

Comecei a participar de organizações de jovens no município incentivados pela minha prática eclesial. Posteriormente fiquei convencido que deveria cursar

⁴ Seria reflexo do modelo de produção fordista vigente na época que exigia operários obedientes ou simplesmente atraso pedagógico?

⁵ O fechamento das escolas rurais, ou melhor, o descaso pela educação rural ainda é uma particularidade da educação brasileira. Ao agricultor resta adaptar-se ao modelo cultural urbano, como se este fosse de qualidade superior (BARRIONEVO, 2005).

⁶ Algo que hoje se comprova ser eficaz no combate aos resfriados.

⁷ Na atualidade, as escolas itinerantes dos acampamentos podem representar uma nova concepção para adequar a educação à problemática do campo. Veja-se a tese publicada de CAMINI, Isabela. Escola Itinerante – na fronteira de uma nova escola. SP: Expressão Popular, 2010.

Filosofia dentro da Igreja, pois acreditava que a Igreja possuía um papel importante na transformação da realidade brasileira. Estudei Filosofia em uma organização religiosa que possuía um trabalho de inserção social e tinha uma orientação mais ligada à Teologia da Libertação. Tive contato com a obra de Enrique Dussel⁸. Com ele aprendi que a união da Teologia e da Filosofia se dá de forma engajada, longe da “neutralidade” acadêmica. Nesse ambiente é que se insere minha monografia conclusiva do curso: *“É possível filosofar a partir do pobre latino-americano? O pensar metafísico e libertador de Enrique Dussel”*. Nela sobressaiu a necessidade de a Filosofia pensar a partir da nossa realidade de latino-americanos, pois se ela não fosse capaz de levar em consideração a marginalização e o empobrecimento no contexto em que se desenvolve, seria apenas abstrata, irreal e sofística. Assim, Filosofia e Teologia estavam como que unidas teoricamente na busca de um ideal que nos impelia ao engajamento nos movimentos eclesiais.

Depois de alguns anos comecei a notar que a maioria do tempo que eu dedicava à organização da comunidade se referia mais às funções religiosas. Minha vocação de engajamento ao trabalho inserido e à luta nos movimentos eclesiais tinha sido “empanturrada” por uma espiritualidade que não refletia, mas era apenas um ritualismo repetitivo. Aquilo que pensara ser a alternativa para uma sociedade nova não passara de um sonho espiritual desvinculado e destituído de realidade concreta, sem estar fundada na práxis cotidiana. Os estudos de teologia abriram caminhos mais amplos de reflexão, impulsionados pela leitura das obras de dois teólogos, Hugo Assmann e Franz Hinkelammert⁹. Com esses autores foi possível repensar o engajamento social de uma forma mais ampla, contribuindo também para um maior ceticismo subjetivo quanto às alternativas reais para a transformação da realidade social. Dessas experiências de engajamento religioso penso ter retirado um segundo aprendizado significativo: a espiritualidade precisa ser parte de um engajamento social, muito mais amplo que o subjetivo. Ela precisa fundir-se com a luta diária pela transformação social. A espiritualidade cristã precisa estar presente dentro da luta, dos sonhos e aspirações da classe trabalhadora engajada pela

⁸ Enrique Dussel é um filósofo argentino radicado (exilado) no México. É um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e do pensamento latino-americano em geral. Veja-se sua página na Web: http://www.enriquedussel.org/Home_cas.html. Suas principais obras estão relacionadas em http://pt.wikipedia.org/wiki/Enrique_Dussel.

⁹ Referente à produção teórica profunda desses pensadores, aponto simplesmente ao livro que teve maior amplitude da temática que ainda se desenvolve na teologia latino-americana. Refiro-me ao livro ASSMANN, H, HINKELAMMERT, F. *Idolatria de mercado: ensaio sobre teologia e economia*. SP: vozes, 1989.

transformação social, não apenas dentro dos ambientes eclesiais. A experiência mística cristã é maior que a experiência ritualizada nos ambientes eclesiais e, portanto, não há como reduzi-la a lugares específicos, hierarquicamente pré-estabelecidos

Depois da saída das fileiras eclesiásticas, atuei e atuo como professor passando por algumas escolas católicas e Universidade privada do RS. Sobre minha experiência com alunos de ensino médio quero compartilhar uma pequena história. Numa dessas escolas particulares, em que ministrei aulas de Ensino Religioso, procurei discutir com os alunos sobre as problemáticas atuais que tivessem no centro do interesse a realidade social e que, de alguma maneira, os atingisse. Para isso, elaborei um projeto de trabalho voluntário e conquistei muitos alunos para, no turno inverso, realizarem esse projeto que era visitar a FEBEM e brincar com crianças abandonadas e portadoras de deficiências. No primeiro ano de execução, ficamos todos satisfeitos, os alunos, eu e a direção da escola. Conseguimos o trabalho voluntário com quase quinze alunos. No próximo ano letivo apresentei um projeto maior, bem estruturado e com parceria da Coordenação do Voluntariado da FEBEM. Atingiríamos três casas da instituição e seriam realizadas visitas semanais por parte dos alunos. Projeto aprovado e assinado pela direção escolar, a irmã diretora se amedrontou com os 75 alunos interessados.

Recusei-me a explicar aos alunos o motivo do cancelamento do projeto. Ela mesma o fez. No auditório com mais de 70 alunos a diretora tentou convencê-los do perigo que a convivência deles com os “marginais da FEBEM” representavam. “Além do mais”, dizia ela, “É preciso fazer caridade na sala de aula, respeitando o professor e os colegas; o objetivo dessa etapa da vida de vocês é estudar; deixem para os outros a caridade com os pobres. Vejam a irmã (citou o nome de uma colega sua) passou a vida trabalhando no colégio, fazia caridade com os alunos diariamente na sala de aula; hoje que está aposentada se dedica aos pobres. Façam a mesma coisa”. A falta de mecanismos de inserção da escola na sua realidade local com sua abstinência de ver a realidade que a cerca era, e de certa maneira ainda é, uma das causas da indisciplina estudantil. Os alunos não conseguiam notar, projetados na vida das religiosas, nem na realidade da escola, os princípios religiosos fundamentais apregoados pela instituição. Recusava-me, até então, a acreditar na constante marxista de que as instituições visíveis do capitalismo

transformam os homens em coisas, objetos, subordinando-os aos seus fins lucrativos, não importando suas crenças religiosas.

No mestrado de Filosofia acreditei ser possível fazer uma crítica à estrutura interna do capital partido da obra de Marx e, conseqüentemente, conseguiria entender a real possibilidade de emancipação social. Com ele aprendi que a quantificação mercadológica de todas as coisas dentro do capital também atinge o humano e o reduz a força de trabalho. A valorização da qualificação humana e social do trabalho, aspecto oculto no capital, resultaria em valorizações de práticas emancipatórias da classe trabalhadora (ou partes dela) que poderiam se tornar futuros caminhos emancipatórios mais amplos da sociedade contemporânea. Por essa perspectiva tive um terceiro aprendizado significativo: existe a possibilidade de crítica da sociedade liberal e capitalista. A valorização das lutas dos Movimentos Sociais na contemporaneidade se torna um ponto de partida basilar para a emancipação.

A transformação de tudo em mercadoria é processo inerente ao sistema capitalista¹⁰. A Escola, vista nesta perspectiva, transformou-se em um supermercado, onde o consumidor escolhe qual tipo de educação quer comprar Apple (1995). Isso afasta o debate do campo educacional, das políticas públicas, jogando para os pais (indivíduos) a responsabilidade das “escolhas” educativas de acordo com as tendências já traçadas pelo mercado. O lado dramático dessa mercantilização também é apontado por Mészáros (2003) quando afirma que não há rotas de fuga, ou melhor, a correção do modelo é uma quimera, e que a possibilidade do extermínio da humanidade é real se não houver “um movimento radical de massas” (MESZAROS 2003, p.108). É nessa perspectiva de movimento de massas que esse trabalho pretende contribuir. Pretendo afirmar que a Mística é uma prática privilegiada de aglutinação de massa, capaz de contribuir muito para a unidade da massa trabalhadora na busca da realização de uma nova perspectiva social. É uma prática de Movimentos Sociais Populares que se inserem na luta por emancipação social.

A organização dos trabalhadores que lutam pela terra enquanto lugar de trabalho, o MST, a meu ver, aponta para uma dimensão humanitária, solidária e

¹⁰ Não é de hoje que os teóricos falam da cooptação da educação pelas leis de mercado. Nesse sentido, vale o alerta de Frigotto onde a educação neste sistema se transforma em mercadoria ou “um mero negócio como qualquer outro e, que, portanto, deve ser regulada pelo mercado” (FRIGOTTO 2000 p. 87).

educativa de construção da identidade coletiva, da utopia enquanto sonho e motivação para a luta, do sentido da existência, impulso para ação política. Neste processo, a Mística, vista como uma dimensão essencial da vida humana dos acampados, dos assentados, enfim, de todos os membros do MST, impulsiona a perspectiva do caráter essencialmente humano e social do trabalho. Por práticas com esse caráter pode-se ver que alternativas de transformação da sociedade liberal e de emancipação humana estão sendo gestadas dentro dos Movimentos Sociais atuais, em particular, no MST, que tomo, simultaneamente, como sujeito coletivo de transformação social e como objeto sobre o qual focalizo o olhar, direcionando-o para a Mística na sua dimensão educativa, formadora deste sujeito.

Como sugestão de um dos integrantes da banca e tentando clarificar mais a questão metodológica dessa tese apresento aqui um quadro síntese.

PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

| | |
|-----------------------------------|--|
| TEMA | <ul style="list-style-type: none"> • A Mística no MST |
| OBJETO | <ul style="list-style-type: none"> • A Mística no MST como prática revolucionária em busca da emancipação social, geradora de aprendizagens |
| QUESTÃO CENTRAL | <ul style="list-style-type: none"> • Como se dá a dimensão revolucionária e educativa da Mística no MST enquanto sujeito coletivo e de emancipação social? |
| DESDOBRAMENTOS DA QUESTÃO CENTRAL | <ul style="list-style-type: none"> • Os Movimentos Sociais para além dos limites do Estado Liberal; • A importância do MST para a democracia brasileira; • Aspectos etimológicos e históricos da Mística; • A origem da Mística do MST dentro da Teologia da Libertação; |

| | |
|--|--|
| <p>DESDOBRAMENTOS DA QUESTÃO CENTRAL</p> | <ul style="list-style-type: none"> • A transformação da Mística dentro do MST; • A prática da Mística dentro do MST a partir das comemorações dos 25 anos; • A Mística como ideologia revolucionária; • A Mística do MST e sua contribuição para o desenvolvimento de uma alternativa emancipatória à sociedade neoliberal; • A dimensão educativa da Mística na construção do sujeito coletivo Sem Terra; |
| <p>BASES TEÓRICAS METODOLÓGICAS</p> | <ul style="list-style-type: none"> • O estudo dos Movimentos Sociais a partir de teóricos que situam o Estado Liberal; • Estudo de alguns referenciais teóricos da Teologia da Libertação; • Pesquisa teórica a partir dos autores que tratam a educação do campo para além da educação formal, considerando o educativo presente no processo de luta do Movimento Social. • Conceitos de Mística historicamente marcantes, centrando o foco na conceituação que a TL produziu. • Análise da documentação escrita do MST e dos textos produzidos pelos seus pensadores e teóricos apoiadores. Mística, Emancipação, Alternativas para o desenvolvimento social e econômico. • Apreciação dos conceitos como Movimentos Sociais, Estado de Direito Liberal, Racionalidade do Mercado e a Lógica da Exclusão, Emancipação humana, Transformação Social, • A ação educativa dentro dos processos de lutas sociais. Os aprendizados e os ensinamentos da classe trabalhadora. • Pesquisa empírica das práticas místicas do |

| | |
|---|---|
| <p>BASES TEÓRICAS METODOLÓGICAS</p> | <p>MST dentro das comemorações dos 25 anos do Movimento.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas com integrantes de acampamentos e assentamentos • Entrevistas com diversos membros do MST que prepararam as místicas no encontro dos 25 anos do MST • Entrevista com lideranças do MST do RS que se dedicam à preparação das místicas • Entrevista com lideranças nacionais do MST • Entrevista com autor de escritos de mística do MST • Entrevista com alguns apoiadores do MST presentes no encontro dos 25 anos • Entrevista com membros do ITERRA; participação e observação de mística no mesmo local • Participação e observação do encontro dos 25 anos em Sarandi - RS - janeiro de 2009 |
| <p>TESES CENTRAIS</p> | <ul style="list-style-type: none"> • A Mística opera como um sustentáculo das lutas do MST; • A luta do MST como recuperação do Espaço democrático dentro do Estado de Direito com vistas à sua superação; • A prática da Mística, ao desenvolver-se acoplada aos aprendizados desse Movimento Social, situa-se dentro de um conceito ampliado de educação; • A militância revolucionária do MST é Mística, a atividade política do Movimento é Mística; • Mística no MST pode se transformar em uma estratégias e/ou arma da luta revolucionária. • Há uma releitura da realidade, posicionando a crença religiosa ao lado dos movimentos |

| | |
|---|--|
| <p>TESES CENTRAIS</p> | <p>contestatórios que nos convidam e exigem a superação desse Estado de Direito. Em direção de uma democracia não liberal.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como podemos pressupor que o MST apresenta uma alternativa de superação? Partimos do pressuposto de que o Estado de Direito Liberal é apenas uma alternativa da sociedade democrática e extremamente injusta, inclusive alertada desde o início pelos seus teóricos, Hegel, por exemplo. |
| <p>IDÉIAS CENTRAIS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS</p> | <p>1) Os Movimentos sociais dentro dos Limites do Estado Liberal</p> <ul style="list-style-type: none"> - O MST dentro dos limites da cidadania Liberal - O Estado liberal é uma construção classista onde a classe dominante organizou o Estado em vista dos seus interesses privados e não do bem público e se utilizou do aparato jurídico e institucional para impedir a materialização desses direitos para todos. Por isso a lei não é uma garantia da efetivação dos direitos, mesmo que sejam os direitos humanos. - Mesmo dentro do Estado de Direito Brasileiro a ocupação é legítima e não pode se confundir com o esbúlio possessório, pois não quer tirar nada de ninguém, mas chamar a atenção para o grave problema da estrutura fundiária brasileira. Apesar disso o Estado se comporta de forma classista ao negar esses direitos dos trabalhadores e colocar a força repressiva unilateralmente contra o MST. <ul style="list-style-type: none"> - A Importância do MST para a Democracia brasileira - Os movimentos sociais são importantes porque pressionam as instituições para a materialização desses direitos. Pois a simples lógica que organiza o Estado de Direito é classista. - O MST, mesmo dentro do Estado Liberal, possibilita |

| | |
|---|--|
| | <p>conquistas fundamentais para a sociedade como um todo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alguns sociólogos dizem que o MST é uma afronta a democrática, pedindo sua extinção. Mas de fato ele a realiza ao implantá-la nos espaços mais longínquos. |
| <p>IDÉIAS CENTRAIS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS</p> | <p style="text-align: center;">2) A Mística na perspectiva do MST</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aspectos etimológicos e históricos da Mística - A mística surge como algo restrito a um grupo de iniciados, depois foi incorporado pela filosofia iniciante e na filosofia cristã se tornou uma prática ascética individual e ritualística; como tradição institucionalizada. <ul style="list-style-type: none"> - A visão da Teologia da Libertação sobre a Mística - A teologia contemporânea e principalmente a Teologia da Libertação incorpora o profetismo como denúncia das injustiças e anúncio de práticas libertadoras; - A teologia da libertação consegue ler a atuação política, comprometida com os excluído, como mística. A CPT surgida nesse contexto faz isso com os acampados, transformando a compreensão de Deus. Exemplos mostram a transformação da consciência operada pela mística. |
| <p>IDÉIAS CENTRAIS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS</p> | <p style="text-align: center;">3) A Mística no MST</p> <ul style="list-style-type: none"> - A mística na comemoração dos 25 anos; <ul style="list-style-type: none"> - Mostro que a Mística se torna parte do cotidiano do movimento e como isso acontece em um lugar concreto. A programação mostra a importância que o MST dá para a Mística; - Mostro que o MST entendeu que a mística faz parte da vida e incorporou-a no seu cotidiano; |

| | |
|---|--|
| <p style="text-align: center;">IDÉIAS CENTRAIS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS</p> | <ul style="list-style-type: none"> - A Mística como representação da vida, da luta, das idéias, das crenças, das motivações; - A utilização dos frutos da terra como símbolos, da vida como músicas, de cantos, de poesias, encenações das lutas travadas, das vitórias e derrotas sofridas; - A forma de agir dentro do MST é Mística, reflete valores, consciência. A incorporação interna da Mística como atitude do militante revolucionário característica do MST, enquanto sujeito coletivo. Sentimento de pertença. <p style="text-align: center;">- Alguns escritos do MST sobre a Mística</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Mística no início do MST era muito influenciada pelas Igrejas e pelos símbolos religiosos; - Com o tempo, assim como o MST se torna autônomo das Partidos Políticos, também se torna autônomo das liturgias religiosas das Igrejas e reinventa a Mística em um sentido laico. A cruz, símbolo cristão começa a ser lentamente substituída pelos símbolos da luta pela terra como a foice, a enxada, a bandeira, os hinos, os frutos da terra, a lona preta; - Surgem escritos dentro do MST sobre a Mística, algo novo dentro da perspectiva da esquerda brasileira. Neles a Mística é apresentada como um sustentáculo do projeto de classes; - A Mística se torna o termômetro da saúde do MST. Se ela vai mal, então o MST vai mal; <p style="text-align: center;">- A mística revolucionária.</p> |
|---|--|

| | |
|---|--|
| <p>IDÉIAS CENTRAIS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS</p> | <ul style="list-style-type: none"> - A mística é o cimento, a motivação, ânimo e unidade da luta revolucionária; - Ela educa a consciência; - Os indivíduos atomizado pelo liberalismo se transformam em sujeitos coletivos e revolucionários, místicos; - A Mística como ideologia em sentido gramsciano desenvolve os valores e ideais da classe trabalhadora na prática política e de luta pela hegemonia social contra a classe dirigente; - A Mística é uma contra-ideologia, um espaço real e concreto onde é possível reavivar as esperanças das pessoas. É a possibilidade da experimentação de um espaço transcendente ao modelo liberal; - A Mística reafirma os valores contra ideológicos, cria espaços de reflexão, incentiva a participação, alicerça o compromisso com a luta. O mundo passa a ser visto de “baixo para cima” e não de “cima para baixo”; - A Mística como militância revolucionária do MST, a atividade política do Movimento é Mística; - A Mística do MST inspira outros movimentos sociais na sua luta revolucionária, por isso concordo com um dos escritos do MST sobre mística onde diz que a Mística faz parte da teoria revolucionária brasileira; |
| <p>IDÉIAS CENTRAIS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS</p> | <p>4. A dimensão educativa da mística</p> <p style="padding-left: 40px;">- O caráter pedagógico das lutas nos movimentos sociais</p> <ul style="list-style-type: none"> - A educação para além dos muros da escola, na própria luta social. A existência do movimento social já é educativo para a |

| | |
|---|---|
| <p style="text-align: center;">IDÉIAS CENTRAIS DE ACORDO COM OS CAPÍTULOS</p> | <p>sociedade;</p> <ul style="list-style-type: none"> - As diferentes práticas do MST como educativos para a sociedade democrática como um todo; está ensinando que se faz democracia na capacidade de lutar pelos seus direitos, no respeito as diferenças. <p style="text-align: center;">- A dimensão educativa da mística dentro do MST</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Mística possibilita que o sujeito se encontre nas suas convicções e rompa sua consciência habitual e o faz sonhar com alternativas diferenciadas, transformadoras. - A Mística mantém o ânimo da luta, alimentando sonhos e utopias individuais e coletivas; - Garante a solidez e a unidade da luta revolucionária; - A Mística se configura como algo novo, como elaboração de uma proposta emancipatória em relação ao liberalismo. - Talvez apenas o desenvolvimento das forças materialmente constituídas apontarão o caminho a seguir, mas a mística dará o sentido da luta. - A Mística, como o simbólico, pode não transformar a realidade, mas lhe dá sentido. |
| <p style="text-align: center;">ALGUNS DEPOIMENTOS MARCANTES</p> | <p>“Revolucionário tem que ser místico; Veja o exemplo de Che: toda a revolução é um ato de amor. O místico não se conforma com o mundo que está aí. Se não fosse para a política, para a fraternidade, não seria Mística” (Antônio Cecchin).</p> <p>“A mística é para ser um motivador. O que dá início aos trabalhos para o dia. É uma ação motivadora. As crianças fazem mística a partir de um acontecimento no acampamento, da escola, dos problemas do seu dia-a-dia” (prof. de Escola Itinerante em um acampamento no RS)</p> <p>“A mística é feita para resgatar a luta pela terra, os valores de construção coletiva. Sempre preparados com símbolos, com</p> |

| | |
|---|--|
| <p>ALGUNS DEPOIMENTOS MARCANTES</p> | <p>ambiente. Traz a energia da revolta ao sistema (indignação) e a alegria das nossas conquistas. Tem música, poema, machado e facão, abraço e aperto de mão” (relato em reunião de acampamento no RS).</p> <p>“O processo de organização da marcha é pedagógico por que a pessoa precisa se explicar no coletivo quando começam os problemas. Militantes se formaram na marcha” (Assentado do RS que participou da marcha até Brasília caminhando mais de 17 dias).</p> <p>“A luta do MST não poderia ser realizada sem a mística por causa da dureza da luta, da repressão e das dificuldades materiais”. “A Mística não é só um momento solene, é toda a luta que se expressa” “A luta pode ser em qualquer lugar. Cada espaço tem a sua forma” “Depois que você coloca o boné do MST nunca mais abaixa a cabeça” (Nina)</p> <p>“Se Deus quiser, vocês vão hoje”. Policial militar respondendo se poderíamos visitar a ocupação de uma fazenda no RS que estava cercada pela PM. “Deus quer, mas é vocês que não deixam” resposta de um militante do MPA ao mesmo policial.</p> <p>“É verdade que no início a mística era um pouco mais para animação e motivação nos encontros, isto dava uma diferença enorme com a tradição partidária pois ninguém se preocupava com isto. Então passávamos por igrejeiros” (Ademar Bogo).</p> <p>“Em um encontro na Venezuela com representantes de 19 países, articulados pela Via Campesina, houve preparação da mística a cada dia, com ornamentação e tudo. Então já é uma cultura internacional” (Ademar Bogo).</p> |
|---|--|

2 MOVIMENTOS SOCIAIS DENTRO DOS LIMITES DO ESTADO LIBERAL

Os Movimentos Sociais e o MST questionam o Estado Liberal e provocam teorias interpretativas de suas ações, embora não naturalmente aceitos e, aparecendo muitas vezes como um “estorvo social”¹¹. O que pretendo mostrar é a validade e a legitimidade dos Movimentos Sociais de corte popular, e principalmente do MST, para o Estado de Direito Liberal, mostrando os limites dessa compreensão política e a possibilidade de sua transcendência por 3 vieses. São eles: 1) Os Movimentos Sociais são legítimos na sua própria existência dentro do Estado de Direito; 2) Os Movimentos Sociais tem legitimidade em não cumprir de alguns deveres (leis) do Estado de Direito, quando na maior parte das vezes são negados de antemão seus direitos; 3) Os Movimentos Sociais agem de forma legítima e a ação do MST é uma forma de pressão social legítima, que através da ocupação, busca pressionar a realização da reforma agrária e com isso faz um exercício de cidadania.

Além disso, pretendo desenvolver o entendimento da importância dos Movimentos Sociais e do MST como uma alternativa de emancipação social. Por isso faz-se necessário apontar alguns caminhos teóricos na contextualização dos Movimentos Sociais e suas relações com o Estado de Direito Liberal, que vão balizar um pouco mais os referenciais teóricos de trabalho frente às pretensões desse trabalho, para justificar a importância do MST e a prática da Mística que assume, para o Movimento, uma dimensão pedagógica.

Não é de hoje que os Movimentos Sociais estão na pauta da Sociologia e de outras áreas de interesse teórico. Alguns falam que o interesse vem de 200 anos atrás (HONNETH¹²), mas o que a realidade histórica indica é a sua existência desde tempos mais remotos. Entretanto, o desenvolver do olhar mais apurado sobre esses fenômenos sociais, o interesse dentro da academia, começou desde os clássicos da sociologia, como Karl Marx e Max Weber, e se desenvolve até nossos dias em

¹¹ No caso do MST ultimamente há uma campanha difamatória midiática tentando enquadrá-lo como movimento terrorista. Qualquer simples pesquisa em jornais e revistas de circulação nacional pode comprovar tal fato.

¹² Aspectos diferenciados são abordados na revista “CIVITAS” sobre a obra de Honneth. Veja-se em CIVITAS. Revista de ciências sociais. Vol. 8, No 1 (2008). Reconhecimento e teoria crítica. Porto Alegre: Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/issue/view/311>.

diversificadas teorias e paradigmas de análises e com diferenciados e até contraditórios pontos de vista sobre os mesmos fenômenos. Entretanto, o estudo sistemático desse fenômeno social só se intensificou na década de 1960.

Sabemos que a partir do ano 1960, em várias regiões do mundo, o estudo dos Movimentos Sociais ganhou espaço e status de objeto científico de análise; inscreveram-se ou produziram-se várias teorias – aqui entendidas como frutos da “reflexão sistemática e do pensar voltado para entender e conceituar, delimitar alguns marcos referenciais explicativos sobre as ações sociais dos seres humanos, entre si e a sociedade” (GOHN, 2008, p. 10).

A variedade de teorias revela uma compreensão múltipla dos Movimentos Sociais, principalmente, do seu papel social. Para alguns teóricos eles são um fenômeno-chave; para outros são parte de um problema já fundamentalmente encaminhado através da institucionalização de práticas sociais, caracterizando-o como um tema mais do passado do que do futuro; para um terceiro grupo eles ainda não teriam realizado o seu “dever ser” – transformar as relações sociais, assumindo o papel de sujeitos, de agentes do processo de mudança social; e ainda há os que os consideram como o resultado de construções estratégicas de ação coletiva civil, para recompor certa ordem social interrompida¹³.

Atualmente são tantas e tão variadas as correntes de pensamento que tratam dessa temática que aqueles que pretendem inserir-se nesse diálogo teórico são obrigados, de antemão, a “aparar arestas” ou delimitar de forma mais específica seu aproximar-se dessa temática, para não serem rotulados de forma “a priori” de seguidores desta ou daquela vertente. Basta procurar minimamente na literatura de especialistas brasileiros sobre os Movimentos Sociais e estaremos diante de uma gama imensa de autores, estudiosos dos mais variados campos e que abordam a questão de diferentes maneiras¹⁴. Mesmo na tentativa de compilação em manuais corre-se o risco de minimizar interpretações e maximizar pontos subjetivos de análise.

Entretanto não é o objetivo desse trabalho teorizar comparativamente os diferentes modelos teóricos sobre os Movimentos Sociais, até porque acreditamos que esse trabalho já está vastamente delineado em Gohn (1997 e 2008). Contudo é preciso apresentar algumas referências que julgamos importantes para mostrar o

¹³ Cf. Gohn, 2008, p. 10 e 11.

¹⁴ Veja-se, por exemplo, os livros de Gohn (1997, 2008) e sua produção sobre o tema.

pano de fundo no qual essa questão se move. Utilizo para isso os estudos efetuados por Maria da Glória Gohn, pois compreendo que essa estudiosa foi a que, ao longo dos anos, mais se preocupou em oferecer uma visão ampliada do fenômeno dos Movimentos Sociais no nosso meio.

Segundo essa socióloga, as grandes correntes teóricas estão divididas basicamente em três: a histórica estrutural (Marx e seus seguidores até os contemporâneos como Hobsbawm, Kurtz, Thompson, Mészáros, Francisco de Oliveira, Emir Sader e outros), que teve grande influência até os anos de 1950 e foram progressivamente “perdendo terreno” explicativo para outras correntes; a corrente culturalista-identitária (idealismo de Kant, Hegel, Nietzsche, Teoria Crítica, Habermas, Bobbio, Giddens, Bourdieu, Touraine, Offe, e outros), que se posicionou criticamente frente à corrente anterior, mostrando novos significados da vida e ação social e não apenas as sindicais e de classe; a corrente institucional e organizacional-comportamentalista (com raízes nos clássicos do liberalismo, nos utilitaristas, em Parsons, Olson, Smelser e atualmente no pragmatismo e comportamentalismo americano) que ressalta a institucionalização das organizações como objetivo principal.

Nas teorias contemporâneas acentuam-se mais o caráter urbano das contradições sociais e no Brasil dos anos de 1970-1980, com o cenário multifacetado de mulheres, índios, crianças, negros, vários autores começaram a despontar em novas e diferenciadas análises. Na década de 1990 surgem os movimentos ecológicos, as Organizações Não-Governamentais – ONGs, o Terceiro Setor e conceituam-se os “novos Movimentos Sociais”. As esquerdas são abaladas pela crise do socialismo real com a queda do muro de Berlim. Autores como Habermas, Offe, Bobbio são os que mais influenciaram novas análises. Também estiveram presentes estudos de Dussel¹⁵, versando sobre a emancipação dos oprimidos. Resgatam-se também as contribuições de Paulo Freire, Levinás, Escola Crítica, focado na transformação do sujeito pela comunidade enquanto ética de libertação¹⁶.

Como já era de se esperar a própria forma como os teóricos dos Movimentos Sociais os definem já aponta os rumos de suas análises. Para o interesse dessa

¹⁵ Esses últimos voltados mais às correntes denominadas paradigmas latino-americanos por Gohn (2008).

¹⁶ Apontei apenas alguns exemplos citados em Gohn (2008) para se ver a multiplicidade de questões envolvidas e as diferentes perspectivas dos autores.

pesquisa quero salientar alguns elementos que diferentes teóricos apresentam. Acredito que assim poderei deixar mais claro onde pretendo situar o MST.

Segundo Caldart (1987)¹⁷, os Movimentos Sociais são organizações que tomam consciência da repressão social e da própria alienação e iniciam um “processo de tomada de consciência dessa repressão e dessa alienação coletiva, na tentativa organizada de rompê-la” (CALDART, 1987 p. 21). A autora também reconhece que existem alguns Movimentos Sociais que não se enquadram nos moldes tradicionais (grandes movimentos vinculados a partidos políticos) e os denominados de “Novos Movimentos Sociais”, que são “ações organizadas em funções de conquistas específicas a um determinado grupo social”. Seguindo a autora, esses “novos” movimentos surgem da crescente insatisfação das condições de vida e da “descrença no poder político constituído e mesmo em qualquer forma de poder político... trata-se do uso da pressão organizada para conseguir aqui e agora alguma modificação na estrutura da sua vida cotidiana” (CALDART, 1987, p. 22).

Essa visão em parte é compartilhada por Sobottka (2000). Este acredita que os Movimentos Sociais podem ser vistos por duas tendências opostas; uma que vê os Movimentos Sociais como grandes projetos históricos como o liberalismo, o socialismo e o feminismo e objetivam a revolução das relações sociais; outra que vê os Movimentos Sociais como qualquer tipo de ação coletiva em busca da satisfação de condições mínimas e das mais variadas (SOBOTTKA, 2000, p. 82). Os novos Movimentos Sociais se diferenciam dos antigos por levarem em consideração critérios mais afetivos que objetivos e de organizações horizontais. Enquanto os Movimentos Sociais antigos privilegiaram objetivos materiais, orientados à conquista do Estado como uma organização vertical “esses novos movimentos sociais, nas suas ações, freqüentemente orientam-se por interesses fragmentados e são tributários de uma noção corporativa dos direitos” (SOBOTTKA 2000 p 89).

Alain Touraine é um dos estudiosos que fez seguidores no país dá o tom dos debates. Sobre ele Viola diz:

Alain Touraine chama de “velhos” os movimentos sociais típicos da segunda metade do século XIX e das três primeiras décadas do século XX.

¹⁷ Outros autores apresentam concepções parecidas como, por exemplo, Gohn (2003, p. 13) “ações sociais e coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas”.

Foram movimentos organizados pelos trabalhadores industriais que englobaram desde as lutas por direitos sociais e econômicos até modelos distintos de organização social. O mesmo autor chama de “novos” movimentos sociais aqueles nascidos na segunda metade do século passado. Movimentos que se caracterizaram para além dos clássicos conflitos pelo controle do Estado. Entre eles os movimentos feministas, os movimentos ambientalistas e aqueles relacionados à defesa dos direitos humanos. No caso do Brasil, os chamados “novos” movimentos sociais se constituíram no vazio de participação sociopolítica decorrente da intensa repressão exercida contra os setores organizados da população após o golpe de estado e, especialmente, após a decretação do AI-5 em 1968. A grande contribuição desses movimentos para a sociedade brasileira tem sido a formação de uma nova cultura que se manifesta em novas formas de organização social e de participação política¹⁸.

Apesar de os novos movimentos sociais terem méritos, como a abertura da discussão e reflexão sobre as políticas sociais do Estado, a grande maioria esgota-se quando os serviços e/ou direitos reivindicados são atendidos, sem contar ainda que sejam sectários e frágeis (RIBEIRO, 1998). No dizer de Gohn são processos de “mobilizações pontuais” (GOHN 2003 p. 17).

Vieira (2004) assume outra posição, muito significativa para essa pesquisa. Acredita que os teóricos da sociologia têm demonstrado dificuldade em enquadrar os Novos Movimentos Sociais, pois tentam adequá-los dentro dos conceitos já existentes. Deixam escapar, no entanto, o que seria sua centralidade: “o esgotamento dos canais legais de participação e representação política, decorrentes da crise de legitimidade das instituições do Estado Liberal de Direito” (Op. Cit. p. 332). A tese central de Caldart (2000) sobre o MST enquanto Movimento Social vai de encontro com esta posição, pois há uma dificuldade de “enquadrar o MST na categoria de movimento social” (CALDART 2000, p. 326) justamente pelo seu caráter dinâmico e às vezes por suas características serem contraditórias.

Melucci¹⁹ corrobora com esse pensar que apresenta os Movimentos Sociais como ações não cristalizadas e que podem ser vistos como um “sinal” (no dizer do GOHN 2003, p. 153). Ou melhor, é possível descobrir onde estão os grandes problemas que uma sociedade enfrenta através da compreensão das ações que os movimentos sociais fazem. Assim, a influência que esses movimentos podem ter,

¹⁸ VIOLA, Solon. A força dos movimentos sociais na luta por direitos humanos e democracia no Brasil. Disponível em http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_eventos&Itemid=26&task=evento&id=190&id_edicao=285

¹⁹ Cf. AVRITZER, Leonardo; LYRA, Timo. *Movimentos Sociais, Inovação Cultural e o Papel do Conhecimento – Entrevista com Alberto Melucci*. in: AVRITZER, Leonardo (coord.). Sociedade civil e democratização. Belo Horizonte: Livraria Del Rey Editora, 1994, pp. 183-211.

têm ou podem vir a ter dentro dos sistemas políticos, é que são capazes de uma alargamento dos limites da política, ou do político (VIEIRA, 2003) uma mudança nas regras e nos procedimentos; e uma transformação nas formas de participação, no interior dos sistemas políticos. E isso somente de forma direta, pois se considerarmos as influências indiretas, serão vistos em casos difusos de organizações, de empresas, sistemas educacionais entre outros. Exemplos disso não faltam segundo ele: a preocupação ecológica, os discursos progressivamente menos machistas, entre outros, são parte dessa ampliação proporcionada pelas lutas sociais dos movimentos e suas influências (Cf. AVRITZER, Op. Cit.).

Touraine expõe uma visão parecida com a de Melucci quando apresenta os Movimentos Sociais como o coração e o “pulsar da sociedade” ou nos escritos mais atuais, quando os conceitualiza como agentes que “questionam uma forma de dominação social”²⁰. Isso o faz vincular-se com a questão do Sujeito na atualidade e como ele se liga com o Movimento Social. O Sujeito não pode ser definido como uma experiência apenas individual, mas através do trabalho, ação, experiência coletiva, convergindo assim para uma concepção de sujeito acoplado com as ações coletivas, possível, portanto, de ser identificado através de uma construção social. Ou melhor: “o sujeito não é uma reflexão do indivíduo sobre si mesmo, seu interior ou espelho de sua intimidade. Ele é ação, é um trabalho, que nunca coincide com a experiência individual” (idem). O caráter coletivo desse sujeito é compreensível através da sua concretização histórico social. E é só dessa forma que podemos atribuir o caráter alienado e o potencial emancipador desses fenômenos.

Os Movimentos Sociais são sujeitos na história para Touraine²¹, compreendendo-os como criadores e capazes de interferir nos processos sociais. Nesse aspecto encontramos em Honneth outra referência significativa, pois ele destaca que as injustiças e o não reconhecimento da identidade do outro geram as lutas e as mobilizações sociais, as revoltas contra os desrespeitos aos direitos individuais. Os indivíduos constroem-se por sentimentos de pertencimento, de identidades marcadas pela injustiça sofrida. Segundo Gohn (2008) o conflito social tem um papel educativo em Honneth, pois a luta pela ampliação dos direitos faz

²⁰ TOURAINE, Alain. Os movimentos sociais: o conflito central. In: TOURAINE, A. Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 112-118.

²¹ Touraine desprezará o conceito de classes sociais e no seu lugar colocará a importância dos movimentos sociais.

surgir os movimentos²². Ou na expressão de Saavedra: “As reações provocadas pelo sentimento de injustiça devem ser vistas como estopim 'par excellence' da luta por reconhecimento”²³.

Dessa perspectiva brotam dois pontos muito significativos que podem vir a ser explorados no debate dos Movimentos Sociais e que desenvolverei a seguir: a re-introdução da temática da questão democrática dentro dos limites do Estado Liberal – os limites da participação popular e os direitos da cidadania – e, por conseguinte, as possibilidades de emancipação, ou como alguns preferem, a ampliação do espaço do “político”²⁴.

2.1 Os limites da Cidadania

Para podermos entrar no debate central em torno do tema da emancipação dos movimentos sociais devemos inicialmente tornar claro o conceito de Movimento Social a partir do qual pretendemos trabalhar. Pois este, por si mesmo, já nos ajuda a indicar um horizonte para reflexão. Como podemos verificar em Gohn 2008, p. 12:

Na atualidade, muitos dos novíssimos movimentos, ou ações civis denominadas movimentos, não tem mais o universal como horizonte, mas sim o particular, os interesses imediatos, o direito de sua categoria ou grupo social. E as ações coletivas que são movimentos sociais de fato tiveram de alterar sua práticas e reivindicações para não ficar à margem da História.

De certa maneira, os assim chamados novos movimentos sociais, devido ao fato de se restringirem a uma questão pontual, não podem ser considerados movimentos sociais propriamente ditos, aceitando como critério que “Um movimento social é sempre expressão de uma ação coletiva e decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural” (GOHN, 2008, p. 14). Sendo que usualmente é constituído

²² Essa mesma temática Marlene Ribeiro desenvolveu mais amplamente adaptada ao trabalhador amazonense. O educativo para os movimentos sociais se dá mais pela luta diária da existência que em locais predeterminados como a Escola. Cf. RIBEIRO, M. A dimensão pedagógica da violência na formação do trabalhador amazonense. Disponível em <http://www.ufrgs.br/tramse/perural/artigos/pedagogiaviolencia.rtf>.

²³ SAAVEDRA, G.A., E.A. SOBOTTKA, Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/issue/view/311>.

²⁴ Refiro-me às investigações feitas por Vieira (2004 e 2008).

por demandas que configuram sua identidade, adversários e aliados. Mas o essencial é que os Movimentos Sociais propriamente ditos, criados e desenvolvidos a partir da sociedade civil, têm nos direitos básicos a fonte de inspiração para a construção de sua identidade. Podemos dizer que um movimento social é expressão de um determinado grupo social, que tem por identificação a negação de um direito fundamental, negação esta resultante do sistema jurídico liberal, em contradição aos próprios pressupostos desse sistema jurídico e à própria democracia pressuposta por este.

De acordo com essa compreensão para podermos caracterizar um movimento social precisamos pressupor o Estado do Direito Liberal. Pois só é possível compreender, caracterizar e legitimar um movimento social segundo o conceito acima apresentado, expondo os limites das instituições – do Estado, a partir do qual ele se identifica, reclamando direitos que o contexto social, institucional promete, mas não cumpre sistematicamente.

Ou melhor, a legitimidade de um Movimento Social emancipador só é possível se suas reivindicações e ações já estão pressupostas nessa forma de organização da sociedade. O que podemos verificar é que o próprio conceito de movimentos sociais só faz sentido relativo às sociedades ocidentais modernas, oriundas das transformações sociais, econômicas e políticas da própria Revolução Francesa que estabelece como exigência de legitimidade de qualquer Instituição a realização universal dos seus princípios: liberdade, igualdade e fraternidade. Não faz nenhum sentido pensar um movimento social para uma sociedade que não atribui, pelo menos discursivamente, direitos humanos universais²⁵.

Mesmo se não compreendermos mais os Movimentos Sociais sob a caracterização tradicional de luta de classes, estruturadas a partir da inserção do indivíduo na sociedade mediante o trabalho, devemos compreendê-los através da sua relação com a sociedade como um todo, relativo às suas experiências de frustração na busca dos seus direitos, desde sempre prometidos por essa sociedade. De certa forma os Movimentos Sociais, na sua busca por emancipação, reclamam, afirmam e exigem da sociedade a realização dos princípios a partir dos

²⁵ Deve-se caracterizar o “universal” como o universal concreto, como característico de uma determinada sociedade em um determinado momento na história – a sociedade moderna. Essa perspectiva baseia-se em Hegel, 1975.

quais ela mesma se constituiu. Podemos dizer que os movimentos sociais exigem do Estado Liberal de Direito a realização das suas promessas como ética política; como a garantia universal e existencial da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Dessa forma podemos dizer que os Movimentos Sociais nos obrigam a expor a própria auto-compreensão da sociedade liberal burguesa. Mostra-se assim que “os movimentos sociais hoje não são um estorvo político, mas uma chance de enfim reconquistar a idéia substancial do político” (FLICKINGER, 2004, p. 28).

Uma vez que os movimentos sociais só fazem sentido quando relacionados ao Estado moderno – Estado Liberal do Direito, compreendemos que a única forma de podermos justificar esses movimentos é através da “compreensão da lógica interna que move a conceitualização política liberal e que busca justificar a atual ordem social econômica e política” (VIEIRA, 2004, p. 30). Ou, os princípios subjacentes da teoria liberal, que dão coesão e funcionamento sistêmico da sociedade liberal, estão entrelaçados com os movimentos sociais. Segue-se assim a tradição crítica hermenêutica moderna, que afirma a crítica imanente como uma forma legítima, aceitando a ultrapassagem em relação a esse sistema, a partir das suas próprias insuficiências. Isso significa que a crítica ao próprio sistema liberal poderia ser feita de forma interna, através das promessas do Estado de Direito aos Movimentos Sociais e a resposta destes a essas implementações estatais.

Marx²⁶ havia reconhecido a filosofia de Hegel como a mais lógica, profunda e completa expressão do real, afirmando “a crítica da filosofia alemã do direito e do Estado, que teve a mais lógica, profunda e completa expressão em Hegel,” (MARX, 1993, p. 85) e que “a filosofia alemã do direito e do Estado é a única história alemã que está *al pari* com a época moderna oficial.” (MARX, 1993, p. 84). Quer dizer, Marx reconhece a dialética hegeliana como método para verificar se o capital é realmente o que ele mesmo diz: princípio sintético absoluto da forma de organização econômico-social da sociedade moderna. E com o peso dessa indicação, penso estarmos autorizados tratar o assunto nos moldes hegelianos da Filosofia do Direito, para verificarmos as conseqüências da forma liberal de organização da vida pública.

No entanto, para podermos tratar do sistema do direito moderno através de

²⁶ MARX, Karl - Manuscritos Económico-Filosóficos. Lisboa. Ed. 70. 1993.

Hegel, sigo as interpretações de Flickinger²⁷, que apresenta esse teórico liberal de uma forma que interessa a esse trabalho. Segundo esse último, a Filosofia do Direito de Hegel não é um texto ingênuo, de simples afirmação do “status quo”, mas também uma exposição crítica que mostra o preço que a sociedade moderna liberal paga para afirmar a liberdade como princípio universal. É o que veremos a seguir.

Hegel escreve essa obra, não muito tempo depois da Revolução Francesa, onde afirma a liberdade, igualdade e fraternidade como os únicos princípios legitimadores de qualquer instituição social. E na sua Filosofia do Direito ele se ocupa em mostrar sob quais condições é possível pensar o “reino da liberdade objetiva” (HEGEL, 1975, p 37)²⁸. Ou quer dizer, sob quais condições, limites o Estado Liberal do Direito pode assegurar a liberdade para todos, garantindo que todos sejam iguais perante a lei.

Um segundo aspecto que considero importante é que para Hegel essa obra se ocupa do racional, que é o efetivo, mas diferente do real. Ou quer dizer a obra Princípios da Filosofia do Direito “contém a ciência do Estado, que não deve ser outra coisa do que a tentativa de conceber e expor o estado como algo em si mesmo racional” (HEGEL, 1975, 24). Compreendendo a liberdade que é de direito, o que é racional assegurar, não de uma forma absoluta, mas relativo ao seu tempo, pois “a filosofia é seu tempo apreendido em pensamento” (ibidem). A liberdade é real de acordo com o que é conceitual, ou racional; sob as condições em que ela pode ser efetivada racionalmente, pois como ele mesmo diz: “O que é racional é real (efetivo) e o que é real (efetivo) é racional” (Idem, p. 23)²⁹.

A Ciência Filosófica do Direito de Hegel tem como objeto a idéia do direito. Ou quer dizer, mostrar o conceito do direito e sua realização. Demonstrar a realização do conceito do direito, como o único que possui realidade a partir de si mesmo, expondo os momentos essenciais da realização dessa idéia, que passa por diversas

²⁷ Justifico esse seguimento por se tratar de meu orientador de mestrado em Filosofia. Nessa ocasião tive oportunidade de aprofundar essas questões de Hegel e Marx a partir de um enfoque hermenêutico e crítico, abrindo horizontes interpretativos. Disso resultou minha dissertação em Marx como fruto da crítica que esse autor faz às concepções hegelianas de metafísica e a possibilidade de crítica social e emancipatória. COMERLATTO, G. A metafísica em Marx. (dissertação de Mestrado) PUCRS, 2000.

²⁸ HEGEL, G.W.F. Principios de la Filosofia del Derecho o Derecho Natural y Ciencia Política. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1975.

²⁹ É a famosa afirmação hegeliana criticada posteriormente por Marx. Hegel acreditava que o real está no pensamento, no racional.

figuras até alcançar a forma do Estado de Direito³⁰, base ético-política de todo sistema liberal. O Estado assim compreendido é, ou deveria ser a condição de possibilidade para a realização e garantia de qualquer direito. Ele se apresenta como o fundamento de todos os momentos anteriormente expostos. Sendo que

No centro de sua atenção está, portanto, o reconhecimento abrangente da livre vontade humana em todos os contextos sociais, a saber, tanto naqueles em que se determinam as relações interpessoais, quanto naquelas institucionais da sociedade civil e do espaço político (FLICKINGER, 2009, p. 96).

Mas, se para Hegel a liberdade se encontra no centro das suas atenções, no entanto, devemos destacar que já nos primeiros parágrafos ele deixa claro que o sistema do direito só pode ser o reino da liberdade, restringindo a liberdade à sua dimensão espiritual. O espaço do direito é o espiritual³¹; seu lugar mais preciso e seu ponto de partida é a vontade, que é livre, de modo tal que a liberdade constitui a sua substância e determinação, e o sistema do direito é o reino da liberdade realizada, o mundo do espírito que se produz a si mesmo como uma segunda natureza (HEGEL, 1975, p. 37).

O que podemos verificar é que Hegel reduz o Direito à vontade livre, restringindo com isso os sujeitos como pessoas de direito, àqueles indivíduos que têm vontade livre e gozam das condições para exercê-la. Pois, segundo ele, a liberdade é a sua substância. No entanto o direito deverá determinar, identificar e reduzir o espaço da liberdade ao espiritual. No entanto, esta garantia do exercício livre da vontade sob o contrato civil, não inclui a preocupação com o possível desequilíbrio material ou social que daí possa resultar.

Trata-se de desconsiderar as vantagens individuais que possam motivar os negociantes, pois essa concretude não é levada em consideração pelas regras jurídicas. “O Direito Abstrato”³² de Hegel, só busca garantir a livre expressão da vontade. Ou quer dizer: a validade dos contratos depende unicamente da forma como foram realizados. Sendo que o conteúdo contratado e as intenções dos

³⁰ Cf. Hegel, 1975, p. 27.

³¹ Essa compreensão de Hegel é bem explicativa porque muitos operadores do direito não conseguem conceber as condições concretas e sociais das ocupações do MST, preferindo seguir esse entendimento hegemônico liberal de acreditar na abstração universal da lei e tê-la como única fonte de para proferir suas sentenças, hegemonicamente contrárias ao MST.

³² Parte da obra. Hegel, 1975.

contratantes não entram em jogo.

Podemos verificar essa mesma abstração no “Direito da vontade subjetiva”³³. Também ali Hegel mostra como o sistema do direito liberal restringe-se *com o mero cumprimento de deveres legais*. Assim sendo, como único critério de aceitabilidade moral do agir das pessoas. E o faz independente das conseqüências materiais, mesmo injustas, para as pessoas envolvidas, do ponto de vista da idéia da justiça social e/ou do bem comum. Desta forma, o direito da vontade subjetiva consiste muito mais em uma desresponsabilização moral perante as conseqüências do agir subjetivo, do que uma responsabilização, quando ao nível da moralidade se esperaria por uma teoria da responsabilização.

Em termos da realidade concreta vivida pelos Sem Terra, tanto o juiz que determinou a ordem de despejo de uma fazenda ocupada, quanto o proprietário dessa área ociosa ou não, com trabalho escravo ou não, fruto de grilagem ou não, de especulação fundiária nacional/internacional ou não, podem ficar moralmente satisfeitos com o cumprimento da lei, pois essa é segundo Hegel, a única exigência moral da sociedade liberal burguesa³⁴. Conseqüência lógica desse pensamento é que se qualquer demanda social quiser ser atendida deverá buscar o seu atendimento através da formulação de leis³⁵.

Continuando as reflexões sobre Hegel, o lugar central para a nossa exposição da Filosofia do Direito de Hegel é a Sociedade Civil, que é identificada, qualificada pelo próprio Hegel como Estado da Necessidade e do Entendimento (HEGEL, 1975, p 228). É nesse espaço conceitual que ele percebeu as reais conseqüências da institucionalização dos ideais burgueses em uma sociedade capitalista ou do sistema liberal-burguês. Segundo ele, a Sociedade Civil é na sua essência dedicada à reprodução econômica e sociocultural da sociedade. “A sociedade civil oferece nessas contraposições e em seu desenvolvimento o espetáculo da libertinagem e a miséria, com a corrupção física e ética que é comum a ambas” (HEGEL, 1975, p. 229). Ou melhor, Hegel já se dá conta que seguindo esse modelo liberal, o que vai

³³ Também parte da mesma obra referida.

³⁴ Não existe outro critério de legitimidade social segundo esse autor para o Estado de Direito. Este é o império da lei realizado, que evidentemente traz conseqüências que veremos a seguir.

³⁵ Aqui se compreende as tentativas de muitos brasileiros ao criticarem a não institucionalização do MST. O que se quer no fundo é enquadrar o Movimento dentro dos esquemas Liberais. Seria o fim do MST enquanto “movimento” contestatório.

se ver não são apenas as maravilhas da liberdade individual, mas a devassidão da luta cega pelos interesses individuais acima de qualquer coisa.

E ainda acentuando o caráter formal do direito liberal, podemos ver: “Esta liberação é formal, pois a particularidade dos fins segue sendo o conteúdo básico” (HEGEL, 1975, 238). Essa formalidade, essa abstração da liberdade espiritual, está diretamente relacionada com a incapacidade da Sociedade Civil de dar voz ao princípio da solidariedade, como podemos ver nesse mesmo §195, onde Hegel diz: “a tendência da situação social a multiplicar e especificar imediatamente as necessidades, os meios e os gozos, não tem limites” (HEGEL, 1975, p. 238). E conclui dizendo que “isto é o que constitui o luxo, que é, ao mesmo tempo, um aumento infinito da dependência e da miséria” (Idem, p. 238).

A garantia das vontades livres individuais conduz necessariamente para uma sociedade onde o luxo de uma pequena maioria faz crescer inevitavelmente a dependência e a miséria dos outros, que são a maioria. Promove a divisão e a inevitável exclusão social. Então, a sociedade liberal burguesa optou por ter uma liberdade individual assegurada a alguns que podem gozar do luxo, das fortunas e de toda a riqueza possível de ser acumulada sem que isso possa causar nenhuma espécie de transtorno de consciência. Ou melhor, havia consciência, por parte dos liberais, desde o início, de que esse sistema só poderia servir a uma pequena classe social e que os outros seriam relegados à própria sorte material. Com isso, é possível ver o quão rapidamente foi transformado o ideal da Revolução Francesa “fraternidade” em algo específico para apenas aqueles que compartilham as benesses burguesas³⁶.

Com isso parece que podemos concordar que a verdade do Estado do Direito Liberal não é exatamente o que ele costumeiramente diz, mas o contrário. Sua racionalidade inclui a todos – garante a liberdade a todos – mas ao preço de aceitarmos a sua coisificação, sob a lógica econômica capitalista. Com esses argumentos quero mostrar o avesso daquilo que os liberais diziam fazer, denunciar o engano proposital desse discurso da eticidade. Com isso aparecem as verdadeiras

³⁶ Exemplo disso é a solidariedade de classe entre os latifundiários do RS. Quando a fazenda do Sr. Southal foi ocupada, seus pares prestaram-lhe solidariedade unindo-se à ele em defesa do latifúndio improdutivo. Mas não prestaram solidariedade àqueles agricultores do MST que marchavam para poder se sustentar pelo trabalho na terra e que representavam a outra classe social. Nesse sentido propor uma sociedade baseada no princípio da Solidariedade geral, como faz a Doutrina Social da Igreja, é ingenuidade política. É propor a volta ao início do sistema que se está criticando.

conseqüências, a saber, a coisificação humana, a exclusão da grande maioria da população das questões propriamente éticas, a exclusão do bem comum como norma do agir social, a justiça social subjugada pelos interesses privados e a desresponsabilização do Estado pelas questões materiais e sociais.

O espetáculo da devassidão descrito por Hegel, além de apontar tais aspectos intrínsecos à Sociedade Civil, denuncia a sua origem na própria construção jurídica que a sustenta. É nela que os indivíduos buscam o seu lugar de sujeitos sociais no intuito de garantir sua subsistência material, sendo que sua fortuna depende muito mais das condições econômicas do mercado de trabalho, do que de sua habilidade individual. Nem mesmo o máximo de desempenho pessoal pode garantir o sucesso de alguém nesse mercado³⁷. Do que nos dá prova o crescimento também da força de trabalho qualificada sem emprego, em tempos de recessão ou de racionalização tecnológica da produção (FLICKINGER, 2009, p. 97).

O sistema do Direito liberal é em si mesmo coerente. Devido a isso, ele como um todo é afetado pela abstração. Segundo a forma de pensar hegeliana, a eticidade, principal base do Estado Liberal de Direito, também é afetada pela mesma relação entre a liberdade como princípio da socialização e a idéia da justiça social. Pois, é conseqüência das instituições jurídicas da Sociedade Civil e do Estado de Direito que estes renunciem a intervir na estrutura material do relacionamento social, lugar garantido para a manifestação livre do homem. O Estado não tem o direito de desrespeitar unilateralmente os direitos anteriormente estabelecidos na estrutura da Filosofia do Direito. O Estado, diz Hegel “tem sua força na unidade de seu fim último universal e dos interesses particulares dos indivíduos, o que se mostra no fato de que estes têm frente ao Estado tanto direitos como deveres (§155)” (HEGEL, 1975, 292).

Com essa referência ao §155 Hegel identifica a real dificuldade do sistema do Direito Liberal, que é equacionar o egoísmo individual com o bem comum. O Estado não pode interferir nos direitos dos indivíduos anteriormente assegurados. É aqui que conseguimos verificar o motivo e as reais conseqüências do Estado Liberal de Direito ao identificar “a condição suficiente de legitimação das decisões político-

³⁷ Comum ouvir nos discursos escolares que os melhores, os mais preparados terão lugar garantido no mercado de trabalho, ou que o MST é lugar de “bandido ou marginal que não gosta de trabalhar”. Nesse discurso, todos têm oportunidades iguais. Baseado no próprio Hegel, esse discurso se revela incontestavelmente falso e enganador.

institucionais, nada mais é do que aceitação das regras legalmente instauradas” (FLICKINGER, 2009, p. 98).

A restrição se impõe ao Estado, deixando-o impotente para intervir no mundo da propriedade privada e suas regras, em vista de uma questão ética ou de justiça social. O Estado já está sempre totalmente comprometido com os deveres de garantir os direitos das vontades particulares – propriedade privada, legitimando e promovendo o processo inevitável de exclusão social, ao critério da lógica do mercado capitalista. Por isso, no entendimento desse trabalho, não será a solução para os problemas do campo a busca da inclusão de benefícios materiais no ordenamento jurídico brasileiro, visto que isso só tornaria a legislação mais formal do que já é, sem concretude material. A inclusão dos direitos sociais e materiais na Constituição brasileira, visto por esse viés, não logrou êxito ou a sua implementação, por ser uma legitimação material, fato que escapa das determinações jurídicas abstratas do Estado de Direito³⁸ que fogem do seu alcance de atuação.

Dessa forma a argumentação legitimadora torna-se tautológica e o sentido forte da ética enquanto capaz de assegurar o bem comum e de valores reconhecidos, não encontra mais espaço no discurso político, reduzindo-se ao jurídico. “Perde-se o espaço autêntico do político, oportunizando a negociata de interesses particulares disfarçados de interesses comuns” (FLICKINGER, 2009, p. 98)³⁹.

O que verificamos através dessa forma de constituição social exposta por Hegel é que a sociedade que optar pelo Estado Liberal de Direito deve abrir mão da real preocupação com os Direitos Humanos, a solidariedade e a justiça social, reduzindo-se a garantir a livre expressão da vontade, ou quer dizer, a garantia e proteção da propriedade privada. Dessa forma, as próprias instituições sociais, como também seus membros, ficam desresponsabilizados com qualquer questão humana e social enquanto tal, caso já tenham cumprido todos os seus deveres jurídicos. A garantia universal da liberdade espiritual, assim como identificamos na lógica

³⁸ A moradia digna, a educação de qualidade, o salário mínimo, apesar de garantidos por lei, não são cumpridos por causa desse paradoxo constitutivo da sociedade liberal. A aplicação da lei precisa abster-se de interferir na materialidade das condições de vida.

³⁹ A formulação de leis é o caso paradigmático no país. Fazem mais de 10 anos que foi proposta a lei de desapropriação sumária para reforma agrária das terras onde fosse comprovada sua compra através do tráfico de drogas. Está até agora engavetado. O espaço político que deveria ser o local de discussão para o bem público se tornou local de negociatas econômicas. O interesse comum da reforma agrária para a população brasileira está à mercê dos interesses dos ruralistas no Congresso Nacional que apenas se solidarizam com seus pares.

abstrata do Direto Liberal, que estabelece a eticidade do Estado de Direito liberal, ao mesmo tempo, as relações humanas e sociais para a racionalidade coisificadora, como acontece no sistema da economia capitalista. O indivíduo está jogado à sua própria sorte dentro da racionalidade econômica.

O resultado disso é a impossível fundamentação dos Direitos Humanos e sua implementação a partir do Estado do Direito Liberal, e por mais absurdo que possa parecer, supor que através dos Direitos Humanos, possamos promover a liberdade existencial humana. O que fica bem claro é que esta estrutura jurídica mostra a total incapacidade de garantir direitos humanos universais reais, materialmente objetiváveis em condições dignas de vida. Os direitos humanos nesta perspectiva liberal são apenas as garantias abstratas da livre vontade individual.

Devido a isso, a única forma de fundamentar e legitimar os Direitos Humanos de modo que possa fugir dessa abstração formal é a partir do reconhecimento da liberdade enquanto condição existencial do ser humano, independente da estrutura jurídica liberal e anterior a qualquer forma de organização social. Isso significa que devemos buscar o fundamento da liberdade em outras bases teóricas além do liberalismo e justificar nossas práticas além da simples afirmação de direitos legalmente garantidos nas constituições burguesas.

É impossível, portanto, fazer dos Direitos Humanos o meio da implementação da liberdade. “Esta é uma das conseqüências desastrosas da concepção liberal do direito que, ao invés de fazer da liberdade existencial do homem o seu pressuposto próprio, condiciona-o ao seu legislar” (FLICKINGER, 2009, p. 99). E o que percebemos é que os Direitos Humanos, como qualquer outra questão realmente ética (solidariedade e justiça social), ficam expostos à manipulação da ordem liberal, legitimadora e justificadora da imposição juridicamente (in)controlável de interesses e poderes da (ir)racionalidade econômica vigente⁴⁰.

A concepção liberal do direito vai dizer que é da vontade livre de qualquer pessoa ter 400.000 ha de terra e que é um desrespeito ao Estado de Direito a “invasão” de terras. Então defender o “direito” de ser proprietário das terras é

⁴⁰ Exemplo disso são os constantes massacres que os integrantes do MST foram submetidos. O mais escandaloso é o Massacre de Eldorado dos Carajás. Veja-se isso em MST. Massacre de Eldorado de Carajás completa 13 anos sem desfecho. Disponível em <http://www.mst.org.br/especiais/27/destaque>.

garantir a liberdade na sociedade. Nesse caso, defender o proprietário é defender os direitos humanos. Veja-se que, com isso, efetua-se uma das maiores e mais brutais inversões dos direitos humanos e do próprio Estado⁴¹. O bem comum se torna uma quimera espiritual, a liberdade abstrata não consegue garantir a sobrevivência real daqueles que estão do outro lado da cerca (Estima-se que existam hoje 1.000.000 de famílias sem-terras no Brasil) que não têm como promover sua existência material ainda são considerados culpados das mazelas e conflitos no campo. Segundo Hinkelammert (2003) essa inversão dos direitos humanos se deu em nome da garantia irrestrita da propriedade burguesa. O direito humano da dignidade da pessoa humana foi substituído pela dignidade da propriedade. Diz este autor:

A humanidade, como gênero, é constituída pela propriedade privada. O indivíduo é parte dessa coletividade da humanidade enquanto é proprietário. Assim, pois, Locke não constitui nenhuma dignidade humana, unicamente a dignidade da propriedade provada na qual participa o ser humano na medida em que é proprietário (HINKELAMMERT, 2003, p.89).

Sob esse raciocínio liberal é a propriedade privada o sujeito de direitos, na obra de Locke, conforme argumenta Hinkelammert. Com isso, a integridade corporal da pessoa humana está ligada diretamente à propriedade, sendo que aqueles que estão privados da propriedade estão também privados da propriedade de seu corpo. Por isso, conclui Hinkelammert, no poder do Senhor está o direito de matar, escravizar, torturar, etc. “Tudo isso é produto de sua concepção de propriedade, sendo a propriedade o sujeito dos direitos humanos e não a pessoa” (Op. cit., p. 91).

Com essa referência histórica vemos que já nos primórdios da concepção liberal de sociedade os direitos humanos não estavam garantidos para todos, mas só para alguns. Criminosos são aqueles que tentam sobrepujar esse direito da propriedade, por qualquer outra causa que seja. Eles podem ser caçados como feras, diz Locke. Prática essa ainda não superada no Brasil. Ou melhor, muitas lideranças dos movimentos sociais rurais, muitos militantes são ainda perseguidos, emboscados e mortos todos os anos⁴², como se fossem bárbaros, selvagens, que infligem um mandamento sagrado da racionalidade econômica, a inviolabilidade da

⁴¹ Essa inversão dos Direitos humanos remonta a época inicial do Liberalismo. Em Locke mais precisamente.

⁴² Vejam-se os relatórios da CPT disponível em www.cpt.org.br.

propriedade privada⁴³.

Essa racionalidade econômica, que está livre para agir dentro do mercado e sem regulações, pode simplesmente propor o extermínio de populações inteiras⁴⁴ sem que isso seja constrangedor, pois faz parte da “racionalidade” instrumental da economia. Isso também se faz presente no nosso estado do Rio Grande do Sul, quando os apoiadores dos fazendeiros de São Gabriel distribuem panfleto anônimo mostrando o que pensam das pessoas que integram o MST e a defesa do sagrado direito à propriedade. Faço questão de reproduzir este Panfleto anônimo na íntegra:

GABRIELENSES DIZEM NÃO À INVASÃO E A SEUS APOIADORES. Povo de São Gabriel, não permita que sua cidade tão bem conservada nesses anos, seja agora maculada pelos pés deformados e sujos da escória humana. São Gabriel, que nunca conviveu com a miséria, terá agora que abrigar o que de pior existe no seio da sociedade. Nós não merecemos que essa massa podre, manipulada por meia dúzia de covardes que se escondem atrás de estrelinhas no peito, venham trazer o roubo, a violência, o estupro, a morte. Estes ratos precisam ser exterminados. Vai doer, mas para grandes doenças, fortes são os remédios. É preciso correr sangue para mostrarmos nossa bravura. Se queres a paz, prepara a guerra, só assim daremos exemplo ao mundo que em São Gabriel não há lugar para desocupados. Aqui é lugar de povo ordeiro, trabalhador e produtivo. Nossa cidade é de oportunidades para quem quer produzir e não há oportunidades para bêbados, ralé, vagabundos e mendigos de aluguel. Se tu, gabrielsense amigo, possuis um avião agrícola, pulveriza a noite 100 litros de gasolina em vôo rasante sobre o acampamento de lona dos ratos. sempre haverá uma vela acesa para terminar o serviço e liquidar com todos eles. Se tu, gabrielsense amigo, és proprietário de terras ao lado do acampamento, usa qualquer remédio de banhar gado na água que eles usam para beber, rato envenenado bebe mais água ainda. Se tu, gabrielsense amigo, possuis uma arma de caça calibre 22 atira de dentro do carro contra o acampamento, o mais longe possível. A bala atinge o alvo mesmo há 1200 metros de distância. FIM AOS RATOS. VIVA O POVO GABRIELENSE⁴⁵.

A dignidade humana perdeu sua significação e a glorificação⁴⁶ da propriedade

⁴³ Esse é a concepção política que está escondido por trás das manifestações dos promotores gaúchos que querem a extinção do MST, pois “são uma organização revolucionária, que faz da prática criminosa um meio para desestabilizar a ordem vigente e revogar o regime democrático adotado pela Constituição Federal”. Disponível em <http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/nacional/nacional/acao-do-mp-gaicho-contramst-repete-discurso-anti-comunista-pre-1964>.

⁴⁴ Segundo Frigotto (2000 p.84) os dirigentes do Fundo Monetário Internacional, falando sobre a situação de crise no México, afirmaram que “os investidores internacionais somente voltarão a ter confiança para novamente investir naquele país se o governo *exterminar* os rebeldes de Chiapas”.

⁴⁵ Panfleto anônimo distribuído na cidade de São Gabriel quando houve a Marcha do MST rumo ao Latifúndio, em 2003. Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/06/256696.shtml>

⁴⁶ A glória de Deus é o homem vivo diria Santo Irineu.

privada tomou seu lugar⁴⁷.

Voltando a Hegel, mas nessa mesma linha de raciocínio, essa é a lógica clandestina e perversa que organiza a eticidade e aparece como legitimadora do Direito Liberal. Com essa compreensão não podemos mais esperar dessa estrutura jurídica a possibilidade de garantir e promover a Justiça Social, o Bem Comum e a solidariedade, pois já sabemos que o seu verdadeiro interesse é “limpar o terreno de qualquer questão ética” para que a racionalidade econômica possa se impor de forma total, mas despercebida aos que estão acostumados ao discurso hegemônico. Assim, não causa estranheza e é absolutamente normal que empresas multinacionais efetuem compras monstruosas de terra no Brasil e milhões de outras pessoas precisem recorrer à ocupação de terras como forma de pressão política. Também é legítimo, dentro dessa lógica, que apenas algumas famílias possuam a maior parte das propriedades rurais do país e sequer morem nelas.

Verificamos que o discurso sobre os direitos humanos e justiça social, defendido, principalmente pelos países mais poderosos, carrega consigo, nos seus subterfúgios, as exigências da lógica de mercado, instrumentalizando estes valores, em vista da promoção do capital, em vez de promovê-los enquanto direitos existenciais humanos.

Com isso descobrimos a necessidade de revisitarmos o originário sentido iluminista da liberdade, que deve incluir sempre a possibilidade de escolhas, de alternativas, também em relação ao sistema social e institucional que pretende implantar como modelo de sua sociabilidade. É só dessa forma que podemos pensar a possibilidade dos movimentos sociais segundo o seu conceito, de poderem indicar direitos universais a serem reivindicados para as pessoas concretas e não para as suas propriedades. Essa possibilidade exige o conceito de liberdade enquanto condição existencial do ser humano, afirmado anterior e independente de toda estrutura jurídica. Pois, como mostramos é impossível ou totalmente ingênuo, querer justificar e promover esses fenômenos sociais, enquanto força emancipadora, sob a lógica do Estado de Direito Liberal.

⁴⁷ Para um aprofundamento sobre a transmutação que passa o ser humano com a introdução das mercadorias como fonte de valor na sociedade capitalista veja-se KAMMER, M. A dinâmica do trabalho abstrato na sociedade moderna: uma leitura a partir das barbas de Marx. Porto Alegre: Edipuc, 1998.

Por mais que queiramos compreender, identificar os movimentos sociais a partir da lógica interna do próprio Estado de Direito, mostrando o seu limite, a sua lógica interna de exclusão dos Direitos Humanos, da Justiça Social e da solidariedade, não podemos mais supor, querer que esse mesmo Estado possa ser a base positiva para garantir e promover esses valores éticos. Pois já sabemos que a lógica interna da sua estrutura jurídico-econômica é coisificadora e excludente das questões relativas aos direitos humanos e a justiça social.

Mas, com a determinação dessa restrição do Estado de Direito Liberal já apontamos para a sua própria transcendência, o espaço do Político, da luta, das manifestações de rua, das ocupações, das greves etc., como independente à sistematicidade dessa sociedade. Este espaço é recuperado e reinventado pela luta dos Movimentos Sociais, que ousam afirmar a importância dos Direitos Humanos, do Bem comum e da Justiça social como o substancial de toda e qualquer organização social. Vistos dessa forma, os Movimentos Sociais podem ser considerados como os verdadeiros proponentes da democracia, recuperando o espaço autônomo do social e político imanente e ao mesmo tempo transcendente a essa mesma sociedade.

Nesse sentido, em vez de esperar dos governos a promoção da justiça social, os próprios Movimentos Sociais, conscientes do comprometimento do Estado de Direito Liberal com os interesses do capital, vêm assumindo a tarefa de promover a formação de uma consciência livre, bem antes de se perguntar pelo sistema econômico social mais adequado a ser escolhido pelas comunidades.

De acordo com essa argumentação o agir do cidadão e a luta pela cidadania estão disciplinadas e limitadas pelas regras institucionalizadas legitimadas pelas leis⁴⁸. Se por um lado, o indivíduo/cidadão tem o direito de cobrar legalmente seus direitos formais, nada mais justo que ele também tenha a obrigação de aceitar as “regras do jogo” válidas para todo o Estado, até porque é o Estado de *Direito* ou “o sistema de direito é o império da liberdade realizada” (HEGEL, 1975 § 4). Em outras palavras, pode-se afirmar que a liberdade de ação reivindicatória individual ou de grupos da sociedade civil está relacionada e alicerçada no fato de ser o Estado de

⁴⁸ Ribeiro (2002) também aponta os limites da cidadania burguesa. Aceitar a cidadania burguesa significa aceitar o sistema burguês como um todo. É isso que se quer impor aos Movimentos Sociais ao tentar enquadrá-los dentro das políticas sociais governamentais.

Direito o elemento garantidor desse espaço de liberdade e/ou livre arbítrio⁴⁹.

Esse paradoxo é constitutivo da sociedade liberal: o Estado de Direito garante a legitimidade e a legalidade formal aos seus indivíduos, às suas iniciativas, mas não garante a concretização material real das vontades livres, mas as deixa expostas a lógica exploradora do capital. A crescente exclusão social, a falta de postos de trabalho, de condições materiais mínimas de sobrevivência e de outros benefícios assistenciais são conseqüências dessa lógica interna de organização da sociedade liberal burguesa. E com o desenvolvimento social baseado nesse padrão liberal proporcionará um aumento das suas contradições internas e a intensificação dessas contradições.

Não é possível sequer pensar a superação desses conflitos sob a lógica dessa mesma sociedade. Assim, tratar os temas de exclusão, inclusão como princípios estruturantes de um agir social nada mais é do que alimentar um estado de sonolência⁵⁰. Até porque, como advertia Marx em suas obras, essa sociedade é excludente desde suas bases constitutivas. Sequer faz sentido falar em inclusão dos excluídos, pois essas categorias estão incluídas dentro do horizonte do capital. Entretanto é necessário levar em consideração o fato de que uma das formas do Estado administrar essa realidade de conflitos é fazendo algumas concessões aos desfavorecidos, para que estes continuem leais, acreditando na forma liberal de sociedade⁵¹. Também Ribeiro (1999, p.46) já havia constatado que a “exclusão está incluída na própria dinâmica do processo de produção capitalista, daí porque Hegel, já antes de Marx, não fez mais do que apreender a sua própria dinâmica”, como já defendi nas páginas acima.

É preciso que os Movimentos Sociais forcem o Estado e a sociedade como um todo a assumir os custos de tais demandas implementando os organismos assistenciais com novas formas de administração desses conflitos. Criar novos modelos de desenvolvimento sustentável, mesmo que seja para a própria sobrevivência, pelo menos enquanto esses paradoxos persistirem.

⁴⁹ Nesse sentido é explícito ver que as demandas sociais dos excluídos da sociedade não consigam ser representadas por canais tradicionais de participação popular como os partidos políticos e os sindicatos.

⁵⁰ Proliferam os estudos sobre os aspectos de inclusão/exclusão nas faculdades de Educação. Basta fazer uma pesquisa simples nas teses e dissertações defendidas nos programas de PG da nossa universidade e aparecerá mais de uma centena de trabalhos sobre essa temática.

⁵¹ Os programas governamentais parecem estar vinculados a essa forma de administrar os conflitos.

Os Movimentos Sociais – e o MST é um deles – não podem mais pensar a sua ação e legitimação unicamente a partir da legalidade do Estado de Direito Liberal. Precisa denunciar a organização econômica, jurídica e social como a verdadeira origem da exclusão social e da contradição fundamental: cada vez menos ricos com mais capital e mais miseráveis com menos dinheiro. “Na América Latina, entre 1987 a 1998, o número de indigentes saltou de 63,7 milhões para 78,2 milhões. Em contrapartida, houve um crescimento da riqueza concentrada na mão de poucos” (GOHN, 2003, p. 57). Essa é a sociedade que continua querendo nos convencer de que a miséria resultada das habilidades e capacidades subjetivas. E o Estado “ético” entrega as pessoas à sua má sorte, salvando grandes banqueiros e empresários com o dinheiro público, sob o discurso de estar promovendo justiça social.

Estudos da própria Organização das Nações Unidas – ONU - mostram que o dinheiro envolvido no salvamento das grandes empresas e bancos que especularam e quebraram, em termos mundiais, foi maior que todo o dinheiro empregado no combate à pobreza nos últimos 50 anos⁵². Isso significa que aqueles que controlam a economia, e que tomam as decisões não estão preocupados com a miséria e a inclusão dos excluídos. Estão preocupados com a extensão dos seus lucros e sua acumulação de capital pouco importando a sobrevivência das populações atingidas pelo desemprego.

Se o Estado cumpre o papel de manutenção das regras da economia de mercado girando, joga de volta para a sociedade civil toda responsabilidade para gerir as suas próprias crises. Quer se desresponsabilizar pelas demandas sociais. Quanto mais elas surgirem mais o Estado precisa gastar, Isso acarreta o aumento do custeio da máquina pública, uma afronta para qualquer economista liberal. Assim os cidadãos são chamados às responsabilidades das mais variadas como “amigos da escola”, voluntariado, etc., Completa esse quadro o repasse de verbas públicas às Organizações Não-Governamentais – ONGs que desempenham o papel que o Estado deveria ter em muitas frentes de atuação.

O predomínio e o aprofundamento dessas relações mercantis na sociedade liberal levaram à ampliação do espaço da racionalidade econômica na vida das pessoas e das instituições, restringindo no lado inverso o papel do espaço de

⁵² É cínica a forma como é tratada a pobreza pelos países ricos. Veja-se em <http://thaleramendes.blogspot.com/2009/06/em-2008-bancos-tiveram-mais-ajuda-que.html>

manifestação livre das forças sociais e políticas. O que se chama de Estado mínimo é essa dilatação desmedida da racionalidade econômica e a restrição ainda maior do espaço das decisões públicas democráticas, ou podíamos dizer sem exagero, a exclusão do espaço do público das próprias instituições político-sociais. A cooptação governamental realizada pelo governo atual em relação aos movimentos sociais de esquerda tem como uma consequência uma maior institucionalização da sociedade civil que protestava, combatia, fazia greves e se manifestava. A arena de luta dessas organizações aos poucos é absorvida pelo Estado de Direito Liberal que impõe sua lógica e transforma esses movimentos contestatórios em coadjuvantes no cenário público, transferindo as grandes decisões sociais do povo nas ruas para as estruturas judiciais⁵³.

É no Estado de Direito Liberal que o capitalismo pode se desenvolver naturalmente, possibilitando que as empresas possam seguir o seu objetivo central, que é maximizar os seus lucros; ter a maior produtividade com o menor custo de produção. E como os trabalhadores são partes do custo, todas as empresas almejam produzir mais com menos trabalhadores. O que quer dizer, com menor custo.

Uma das consequências mais diretas desta lógica é a eliminação de postos de trabalho através de ajustes produtivos, o que implica na introdução de tecnologias poupadoras de mão-de-obra e produção de exclusão social. Por isso, segundo Antunes (2004, p. 100), para acabar com o desemprego é necessário atingir o sistema como um todo, na sua lógica essencial, pois “falar em *eliminar* o desemprego sem ferir diretamente a lógica do capital é pura mistificação”. A essencial contradição do capitalismo, protegida pela eticidade do Estado de Direito Liberal, é a lógica do acúmulo do capital ao custo da produção infinita da miserabilidade econômica social. Esta só pode ser realmente resolvida, superada ao ultrapassarmos a própria forma de distribuição da produção econômica social.

O Estado, na versão liberal, é considerado o responsável último pela sua ineficiência em organizar a sociedade em vista do bem comum e da justiça social, entregando a “solução” desses problemas à ineficiência da economia de mercado. E

⁵³ É a chamada juridificação da política onde os sujeitos sociais institucionalizados dentro da legalidade passam a abrir mão das suas decisões e pressões políticas e esperam as decisões da justiça. Algumas cenas da política brasileira, capitaneada pelo presidente do Superior Tribunal Federal, podem ser entendidas a partir dessa chave de leitura.

é por isso que, quanto menor for seu tamanho, maior será a fluidez e a dinamicidade da economia e a “esperança” de “dias melhores”. Assim, a flexibilização do trabalho, a desregulamentação dos direitos trabalhistas, as privatizações e terceirizações de setores fundamentais e estratégicos são algumas ações de acordo com essa “eticidade” liberal. Como também no campo da educação, os subsídios ao capital privado, resultam na transformação da educação em “um mero negócio como qualquer outro e, que, portanto, deve ser regulada pelo mercado” (FRIGOTTO 2000 p. 87).

Também Apple (1995) aponta nessa mesma direção quando afirma que a escola se transformou em um supermercado, onde o consumidor escolhe qual tipo de educação quer ou pode comprar. Com isso, o Estado se afasta do debate do campo educacional, das políticas públicas, jogando para os pais (indivíduos) a responsabilidade das “escolhas” educativas de acordo com as tendências já traçadas pelo mercado.

Em termos de críticas ao modelo neoliberal, Anderson (1995) alerta que o mercado não responde nem pelo mínimo de acesso aos bens imprescindíveis das pessoas e o puro extermínio não é uma hipótese descartada⁵⁴. O lado dramático dessa mercantilização também é apontado por Mészáros (2003) quando afirma que não há rotas de fuga, ou melhor, a correção do modelo é uma quimera, e que a possibilidade do extermínio da humanidade é real se não houver “um movimento radical de massas” (p.108). A sociedade liberal, de acordo com a sua dinâmica interna não consegue impor limites às vontades livres particulares para proteger qualquer Bem Comum, solidariedade ou de Justiça Social. Isso simplesmente lhe é absurdo e estranho, portanto impossível. Cabe a outra instância (os Movimentos Sociais), autônoma à lógica dessa sociedade recuperar a verdadeira vocação ética e social do político, que é buscar o bem comum, preocupar-se com a *pólis*.

Há alternativas propostas pelos Movimentos Sociais, que, apesar de aparentemente pequenas, se inserem nesse campo de luta muito maior, como as cooperativas autogestionárias. Elas se apresentam em um duplo sentido: podem ser vistas como um diferencial de luta, pois não se contentam apenas com a garantia política de direitos formais; por outro lado, vivenciam a necessidade de se manterem

⁵⁴ Segundo Frigotto (2000 p.84) op. cit..

inseridas, às margens da economia de mercado, abrindo novas frentes mercadológicas onde os produtos dessas cooperativas são comercializados. Sendo sistêmica a sociedade como um todo, os trabalhadores cooperativados necessitam da economia de mercado para se manter, mas são capazes de lhe apresentar alternativas. Sempre “correm o risco”, de ficarem apenas reféns da lógica capitalista, podendo se tornar só mais um nicho a ser explorado pelo próprio mercado (RIBEIRO, 2001 e BONAMIGO, 2008).

Se há teóricos que apontam para as contribuições dos Movimentos Sociais na ampliação e maior dinamização da própria economia de mercado (HABERMAS,1990) ou na ampliação da cidadania enquanto busca pelos direitos sociais em que são preteridos (OFFE, 1992), acredito que a necessidade teórica e prática atual é de irmos além da reflexão sobre a cidadania ou ampliação da economia de mercado. Necessário transpor essa cerca teórica, pois as práticas dos Movimentos Sociais, especialmente do MST, vêm rompendo-as concretamente desde seu nascimento. Urge a necessidade da reflexão teórica ampla sobre as possibilidades de fortalecer alternativas apresentadas enquanto contraditórias ao modelo liberal, aprofundando o conhecimento sobre as formas educativas e estratégias pedagógicas dentro dos próprios Movimentos Sociais, capazes de impingir novos horizontes de luta além do instituído pelo Estado de Direito Liberal.

2.2 – Movimentos Sociais e Democracia

Não é de hoje que a grande mídia brasileira publica matérias que desqualificam os Movimentos Sociais, tendência essa que se manifestou muito mais forte nesses últimos tempos em que passou para uma ação mais recrudescida: a criminalização destes Movimentos. Até mesmo alguns órgãos públicos como o Ministério Público do Estado do RS tomou uma posição radical contra o MST, exigindo punições, o seu fim. Basta olhar os grandes jornais, revistas e telejornais que se nota essa perspectiva. Nessa parte do trabalho quero mostrar como essa criminalização está contra os princípios do próprio Estado Liberal, e que a democracia brasileira perde muito se o MST silenciar. Com isso, promove-se uma

redução da prática democrática, além de que a reforma agrária ainda é uma alternativa econômica para o desenvolvimento do Brasil.

Quero começar com a criminalização do MST partindo da grande mídia brasileira apoiada pelos setores rurais mais oligárquicos, aliados às grandes empresas multinacionais do agro-negócio. Que o MST incomoda muita gente isso é verdade. Suas ações provocam não apenas apoios, mas, sobretudo, vozes discordantes. O problema não está no debate politizado e consciente sobre a questão da reforma agrária, onde dois movimentos sociais protagonistas sentam em uma mesa de negociações e debatem propostas e chegam a um consenso⁵⁵. O problema está nos interesses econômicos que o Movimento desafia, ao propor e forçar a realização da reforma agrária no país.

Segundo Nadja dos Passos⁵⁶ está em curso a tentativa da revista *Veja* de transformar o MST em um movimento terrorista internacional. Baderneiros, atrasados, selvagens, representantes da 'sub-raça brasileira' são alguns dos adjetivos utilizados pela grande mídia para tentar chegar ao seu objetivo. Segundo Nadja "as classes dominantes no Brasil sempre foram extremamente hábeis em utilizar o repertório cultural disponível nas suas respectivas épocas para desumanizar os mais pobres, os excluídos" coisa que não vem de hoje, alerta a pesquisadora. Já na época colonial os índios e os negros foram tratados desta forma ou pior. Dizia-se que os índios eram preguiçosos, que os negros não eram humanos, eram selvagens,

É interessante notar que os termos bando, quadrilha e mesmo terror já eram amplamente utilizados pelos jornais da época para transformá-los em coisas. Data desta época, também, as primeiras referências ao discurso de que o trabalho na terra é indigno dos homens cultos, letrados, dotados de civilidade. Decorrência disso é a construção da ideia de que a foice, mais do que um instrumento de trabalho, é uma arma. Ideia que corrobora com a associação largamente difundida até nossos dias da relação entre trabalhador rural e criminalidade.

⁵⁵ Esse é o Ideal romântico das teorias da ética do discurso, proposta pelos filósofos contemporâneos Habermas e Apel. Segundo eles os problemas se resolveriam se houvesse um diálogo franco sobre qualquer questão esquecendo que, antes do diálogo, as condições materiais de exploração econômica já estão dadas e são determinantes do diálogo social. É possível entender isso no "diálogo" realizado entre os fazendeiros incendiando os barracos dos indígenas, referidos em outro lugar nesse texto.

⁵⁶ Cf. PASSOS, Nadja. A revista *Veja* e a invenção de um movimento terrorista. Entrevista com Nadja dos Passos. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=28153.

Os sertanejos rebelados de Canudos também tiveram a mesma sorte. Pior, se tornaram um exemplo clássico, pois na época os recursos para a confecção dos jornais estavam se desenvolvendo. Eles foram tratados como “animais retrógrados que “manchavam” a construção do Brasil moderno, livre, republicano”. Foi aí que a construção cultural da dicotomia entre a cidade/civilização versus campo/atraso, que a imprensa hoje faz parecer tão moderna e atual, firmou-se como premissa do discurso republicano. Mesmo os imigrantes brancos que vieram tentar a sorte no Brasil foram tratados de forma pejorativa e discriminatória, mostrando que a questão de classe, neste aspecto, sobrepõe-se às questões de gênero e raça. Esse estereótipo construído pela elite midiática brasileira agora se volta contra o MST. Repete-se todo o discurso que o sem terra é

perigoso, indomável, sempre “armado” com foices, o analfabeto boçal, ignorante e atrasado que impede o país de se desenvolver, modernizar-se e tornar-se o tão sonhado país do futuro... são loucos insanos, como os terroristas islâmicos, pintados como fanáticos dispostos a impedir a modernidade global até mesmo com a própria vida, se necessário for (idem)

Mesmo sendo uma vítima de todo o processo de acúmulo e expropriação de terras no país, o MST passa a ser considerado como o grande vilão da história, o principal causador da violência no campo, responsável por crimes de toda natureza⁵⁷. Depois de construído essa imagem do MST fica fácil associá-lo à

facções criminosas urbanas como o PCC, acusado de fanatizar as crianças, incentivando-as a adotar posturas ideológicas consideradas atrasadas, como o comunismo e o socialismo, e, enfim, considerado o responsável por colocar em xeque toda a ordem democrática estabelecida no Brasil (PASSOS).

Esse ataque precisava ser feito pela revista *Veja*, pois sua penetração, força política e mesmo pelo seu tempo maior de elaboração, ela é como “uma espécie de usina ideológica da classe dominante, na qual são testadas as ideias que depois serão difundidas pelo restante da mídia comprometida com o capital” (idem). Ela sempre contou com grande aporte de capital estrangeiro e sempre defendeu os interesses do neoliberalismo norte-americano acima de quaisquer outros. Segundo Nadja dos Passos não foi por acaso, que ela elegeu o MST como o principal inimigo

⁵⁷ Insisto que essa é a inversão dos Direitos Humanos pelo liberalismo, praticado desde Locke até em Popper, que é considerado com um dos grandes epistemólogos da liberdade na contemporaneidade, o que não impediu de ser o autor de cabeceira dos grandes ideólogos das ditaduras latino americanas, como a chilena. Veja-se HINKELAMMERT Franz Josef. *Crítica à Razão Utópica*. SP: Paulinas, 1986.

do avanço neoliberal no Brasil, porque o MST constitui-se num movimento que figura as propostas de esquerda no país, coisa totalmente inaceitável para a elite brasileira.

A isso se soma o fato que o presidente Lula, supostamente de esquerda, não podia mais ser demonizado de forma tão aberta⁵⁸ a revista precisou chamar a atenção da sociedade brasileira para as ligações que o MST tem com os “fundamentalistas” seguidores de Antonio Conselheiro. Tentou a todo custo construir a imagem de lideranças do MST como insanas, e fanáticas como o líder de Canudos. A guerra contra o terror posterior a 11 de setembro de 2001 mostrou a direção que a revista deveria seguir: os sem-terra são a imagem e a semelhança dos conselheiristas, imagem da “sub-raça brasileira” que, à margem da ordem e do progresso da civilização letrada, constituem a imagem do Brasil baderneiro e atrasado. Segundo Nadja, “de brasileiros humildes e vítimas de um Estado omissos, os sem-terra, tal como os sertanejos de Canudos, foram transformados em representantes combatidos pelas forças hegemônicas” (idem).

Essa imagem de movimento terrorista e que prega o ódio e a violência desenfreados, desrespeita todas e quaisquer leis do Estado brasileiro e tem como pano de fundo o pânico da violência e do terrorismo. A revista tentou até ligar as lideranças do MST com as lideranças do PCC (Primeiro Comando da Capital), mais uma forma de mostrar o quão nocivo esse movimento pode ser para a sociedade brasileira. Assim tenta criar a idéia comum de que a simples existência do MST é uma afronta para a democracia.

No final das contas, a jornalista chega à conclusão de sua pesquisa que:

É possível concluir também, a partir dessa pesquisa que, ao contrário do que a revista *Veja* apregoa em nome das forças hegemônicas, não é o MST que é anacrônico e atrasado, mas sim a elite brasileira comprometida com o ideário neoliberal. Afinal, é essa elite que precisa se ancorar em um discurso ultrapassado, insustentável cientificamente, já largamente desgastado pela imprensa de séculos atrás, em tentativas desesperadas de combater a luta dos trabalhadores em geral, nominados por ela de “classes perigosas”, em uma república proclamada pelo alto (PASSOS).

Essas ideologizações liberais reacionárias só insuflam setores mais radicais antagonistas dos Movimentos Sociais, por questões ideológicas ou por alianças

⁵⁸ Essa demonização ainda é velada. Veja a grande cobertura que Luis Nassif faz sobre a Revista *Veja* e o que ele chama de PIG (Partido da Imprensa Golpista) mostrando, através de muitas análises, que a revista está comprometida com o que há de mais atrasado na imprensa e sociedade brasileira. Veja-se a extensão de material reunido no site <http://luis.nassif.googlepages.com/home>.

ocultas. Em todo caso isso tem produzido no estado/RS iniciativas que tentam a “dissolução do MST’ por se tratar de uma “organização criminosa”. Ancorado nessas concepções de uma eugênica e civilizada elite, muitos setores sociais ligados visceralmente a ela começam tramam ações que fogem à legalidade do próprio Estado de Direito; pregam e ainda avançam para dentro da ilegalidade promovendo ações públicas para cercear os direitos fundamentais dos indivíduos e coletivos.

Os argumentos apontados pelo Ministério Público – MP/RS, ancorados nas práticas autoritárias do governo do estado/RS que, no decorrer da atual legislatura, trata o MST como baderneiro e criminoso, nada mais são que panfletários e estudos grosseiros ou encomendados sem o rigor necessário para uma avaliação séria e justa para a importância do MST na democracia brasileira.

Por isso, quero me deter na argumentação apresentada por um pesquisador americano que apresentou o relatório de sua pesquisa na Universidade de Oxford, nos Estados Unidos – o lugar sonhado para a formação dos séquitos da elite nacional – e que versa sobre o MST e a democracia no Brasil⁵⁹. Carter (2006) começa ressaltando que o MST é talvez o maior movimento camponês de mundo e o principal da América Latina.

O embate se dá então com José de Souza Martins, Zander Navarro e Francisco Graziano. Segundo Carter, esses sociólogos rurais brasileiros compreendem o MST como um movimento que não reconhece a legitimidade do Estado e do governo, um movimento pré-político, pois tenta “demolir a ordem pública”. Zander vai mais além, segundo Carter, e designa o MST como anti-estado cujos militantes são anti-institucionais guiados por posições marxistas, enquanto Graziano considera o MST como uma organização guerrilheira autoritária que está minando a democracia e encoraja o terrorismo no campo. Os três concluem que o MST é antidemocrático⁶⁰. Mas Carter vai à direção oposta dos eminentes brasileiros

⁵⁹ Refiro-me a CARTER, M. O movimento dos trabalhadores sem terra (MST) e a democracia no Brasil. In Revista AGRÁRIA, nº 4. São Paulo: 2006 p124-164. Veja-se também CARTER, M. Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil. SP: UNESP, 2010.

⁶⁰ As posições de Graziano não diferem muito das que frequentemente são vinculadas na revista Veja sobre o MST. Martins e Navarro são professores e Graziano é consultor do agronegócio e foi ministro do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA na época do presidente Fernando Henrique Cardoso. Carter parece sugerir que tais artigos desses intelectuais brasileiros tenham sido “encomendados”.

Neste texto eu demonstro que este conflito entre o MST e as instituições democráticas brasileiras é muito mais retórico que real. O MST não é uma organização “anti-Estado”. Totalmente ao contrário, ele demanda que o Estado desempenhe um papel mais ativo no desenvolvimento social. (CARTER, 2006, p.128)

Continuando nessa linha de raciocínio, Carter diz que o MST tem contribuído para fazer a reforma agrária no Brasil e fortalecer a democracia no Brasil; isso porque fortalece a sociedade civil marginalizada, mostrando a importância da participação popular e facilitando a extensão dos direitos sociais básicos do cidadão. Constrói, assim, um senso de utopia na democratização brasileira (Idem, p. 129). Mais ainda, rebate as falsas idéias que o MST está em conflito com o Estado de Direito, isto com fundamentação em pesquisas americanas. Segundo Carter a relação é mais complexa, pois se sabe que o sistema judiciário brasileiro é burocrático e “impregnado com notáveis conceitos de classe” (Idem, p.142). O processo de criminalização que atinge o MST não é percebido apenas pelo MST e alguns estudiosos brasileiros. Cita essa forma preconceituosa da seguinte maneira:

A nova constituição de 1988, por exemplo, assegura a reforma agrária e qualifica os direitos de propriedade pela sua função social. Apesar dessas provisões da lei, a maioria dos juízes insistem em aplicar a abordagem absolutista do Código Civil para os direitos da propriedade privadas, e dessa forma, acabam criminalizando os militantes do MST (CARTER, 2006, p.142-143).

Carter ainda vai mais longe. Diz que dentro das opções que o MST dispõe para a sua ação política social de movimento, a “ação de uma política de pressão” é algo extremamente racional estrategicamente. As outras opções como: contestação eleitoral, representação legislativa, mídia, lobby e revolta armada têm sido descartados ao longo de sua existência. Por isso, segundo o mesmo autor “o ativismo político e suas táticas perturbadoras da ordem, nesse caso, é o único caminho razoável de ação disponível para os camponeses sem terra no Brasil” (Op. Cit., p.146).

Então, longe de ser uma afronta à democracia como sugerem os notáveis sociólogos brasileiros, o MST é uma forma extremamente eficaz para aumentar a mobilização da sociedade civil no ambiente rural, organizando a população socialmente. Nesse sentido, o MST no seu ativismo tem um caráter pedagógico que não pode ser desconsiderado, pois no seu protagonismo da luta e defesa dos seus direitos também é fonte de inspiração para outros movimentos populares brasileiros

a ultrapassar o clientelismo da política brasileira (Idem, p.148).

Assim o MST produz um ganho para o desenvolvimento da democracia brasileira e para a implantação da cidadania no Brasil. E as conquistas deste Movimento não são poucas. Carter enumera algumas como: os milhares de assentamentos de reforma agrária, a multidão de famílias envolvidas, as cooperativas, as escolas, etc. A conclusão que o autor chega e que concordo plenamente é que:

O MST ajuda a fortalecer a democracia no Brasil? A resposta até agora deveria ser completamente evidente. Sim, fortalece, mas não através dos principais meios convencionais da democracia liberal (CARTER, 2006, p.152).

Em termos de confronto de idéias, recentemente Zander Navarro e Horácio de Carvalho trocaram farpas públicas através de escritos. Foram textos com visões distintas, réplicas, tréplicas, etc. Mais afeito ao aparecimento público Zander tem conquistado alguns espaços importantes em jornais para tematizar sobre a questão da terra, sobre a reforma agrária. Lamentavelmente suas posições têm servido de munição para os inimigos declarados da reforma agrária e seus escritos figuraram como principal base teórica para o promotor⁶¹ gaúcho convocar uma reunião no MP/RS e pedir o compromisso de todos para a “dissolução do MST”. Seu artigo mais impactante no meu entendimento é “Mobilização sem emancipação”⁶². Nele, o proeminente sociólogo porto alegreense, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS acredita que o MST não consegue atingir os objetivos que se propõe porque é uma organização ideológica, enfim, seria melhor que não existisse para que se pudesse corrigir o rumo da reforma agrária no país. Ou melhor, a emancipação nada mais é que um sonho de algumas lideranças intelectualizadas⁶³.

No meu entendimento a resposta de Horácio Martins de Carvalho a Zander

⁶¹ Gilberto Thums – Promotor - tem a compreensão que o MST e os participantes do Fórum Social Mundial são “terroristas e marginais”. Veja-se <http://rsurgente.opsblog.org/2009/02/19/para-promotor-gilberto-thums-forum-social-mundial-reune-terroristas-e-marginais/>

⁶² NAVARRO, Zander. Mobilização sem emancipação - as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. In: Boaventura Sousa Santos. (Org.). Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista.. 01 ed. Rio de Janeiro: : Civilização Brasileira, 2002, v. 01, p. 189-232, mas também pode ser acessado em diversos sites da WEB em que foi divulgado.

⁶³ Zander Navarro usa a velha tese da direita caudilhista: acredita que os pobres não conseguem se organizar; é preciso que alguém os manipule. Considerando-se um liberal, então tal crença é contraditória, pois o liberalismo prega a autonomia absoluta do indivíduo.

Navarro é algo extremamente importante para compreender aquilo que julgo de mais importante no MST. Contrapondo-se a Zander Navarro, o primeiro pretende explicar a “presença duradoura” do Movimento no cenário nacional e qual seria a emancipação que o MST proporciona. Longe de pretender esgotar os argumentos desses dois estudiosos da questão rural brasileira vou destacar alguns elementos apontados por Horácio de Carvalho que trazem uma congruência com a temática aqui abordada.

Primeiramente Horácio de Carvalho⁶⁴ apresenta a emancipação como um “processo social continuado”, pois as sociedades e os Movimentos Sociais nunca estão completos e eles se dão de diversas formas, formais ou não. O MST como protagonista histórico deu novo sentido à emancipação para os movimentos do campo, pois conseguiu redescobrir um “sentido histórico para essa fração das classes subalternas no/do campo como a conquista cotidiana pela dignidade.” (Idem). Essa luta pela emancipação vem contribuir para ativar a cidadania de parcelas sociais significativas. Como são essas práticas emancipatórias? Horácio de Carvalho explica que são ações diretas,

como as ocupações de terras e de prédios públicos e a resistência prolongada nos acampamentos, assim como a implantação de uma pedagogia própria nas escolas, os novos jeitos e maneiras de realizar a formação dos militantes, a busca de formas alternativas de governo dos assentamentos, as místicas e valores adotados como códigos culturais para a afirmação da identidade dos Sem Terra redefinem, na prática social das lutas de emancipação social continuada, novas relações entre o Estado e essa fração da sociedade civil.(idem,).

Como são continuadas e também internas, as práticas emancipatórias dentro do Movimento como o cultivo dos valores, a mística, a autoconstrução também são práticas emancipatórias. Foram aprendizados que se acumularam durante os anos como a autonomia frente aos partidos políticos, ao próprio Estado, frente ao centralismo burocrático e à manutenção de estratégias de luta. Esses movimentos internos de superação dos desafios, do crescimento e da auto-superação começaram desde o I Encontro Nacional realizado em 1984, quando foram estabelecidos os princípios organizativos do MST como: a divisão das tarefas, a formação de quadros, a disciplina, o estudo, a luta de massa.

⁶⁴ CARVALHO, Horacio Martins de. A emancipação do movimento no movimento de emancipação social continuada. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/mst.html>

Esses crescimentos internos só se tornaram possíveis pelo reconhecimento da própria identidade Sem Terra e pela descoberta do sentido histórico dessa parte da classe trabalhadora brasileira. Ou melhor, o MST consegue avançar ao conceber-se como um movimento capaz de trazer para o debate político e público a possibilidade histórica de resgatar a dignidade das pessoas que lutam pela terra, e pela vida, exigindo uma cidadania que está além dos moldes liberais representativos. Vai gerando sua emancipação quando é capaz de afirmar que é preciso uma nova concepção social capaz de abranger não apenas os desejos abstratos de liberdade e dignidade, mas de exigi-los na concretude histórica e vivida. Esta talvez seja a identidade do MST, ou como prefere Horácio Martins de Carvalho, os seus “segredos”:

a ação de massa, a forma de luta ação direta expressa na ocupação de terras, os valores, a mística, a direção coletiva, a formação dos militantes a autonomia do próprio Movimento e a sua capacidade de, involuntariamente, constituir-se como um tipo de sociedade em rede com identidade social de projeto (CARVALHO).

Essa identidade do Movimento foi sendo construída com o tempo e pela resistência do MST em continuar existindo. Mas desde início as características do Movimento centravam-se na luta massiva e direta através da ocupação. Ora, seguindo os passos do velho groucho, que nas Teses contra Feuerbach dizia ser mais importante transformar o mundo, o MST entra na luta de confrontação de classes. Não é pelo discurso que se faz o confronto. É pelas ações, mais propriamente pela atuação do MST, que a realidade do campo começa a mudar. Os dados mostram que 70% de toda a terra para a reforma agrária no Brasil só foi possível através dessa forma de luta. O MST ao optar por essa forma de luta confrontou-se e ainda se confronta com o grande capital financeiro e comercial, nacional ou estrangeiro. As perseguições ao MST, no fundo, têm na origem esses influentes atores sociais atuando na berlinda, financiando os seus “testas de ferro” que agem à luz do dia nas diversas instâncias institucionais.

Nesse sentido, toda e qualquer conquista que o MST obtém é uma afronta aos privilégios legais do capital nacional e estrangeiro. Assim é possível explicar as razões pelas quais alguns teóricos brasileiros, tratados como especialistas, apontam falhas teóricas, erros ou se contrapõem abertamente ao MST. Estes sempre possuem espaço garantido nos principais veículos da mídia para a crítica ao

Movimento.

Evidentemente que a possibilidade desse projeto social do MST para o campo realizar-se se amplia se houver a junção com outros setores da classe trabalhadora. Ou melhor, a possibilidade da luta do MST está condicionada à capacidade organizativa dos trabalhadores enquanto conjunto, ou seja, como classe. Nesse sentido as formas coletivas de decisão e os mecanismos de representação do MST junto às autoridades judiciais ou governamentais é uma evidência forte das práticas do Movimento que superam os mecanismos políticos liberais. Como diz Carvalho (Op. cit.) “não se apresentam dois ou três representantes, mas coletivos de trabalhadores que são portadores de decisão da massa de trabalhadores dos assentamentos”. Além disso, também são conquistas sociais e pedagógicas as grandes marchas promovidas pelo Movimento no sentido de mostrar à sociedade brasileira que os problemas do campo não eram problemas de polícia, mas problemas políticos e que faltava vontade política para a solução deles.

Essa identidade de luta e resistência do MST tem uma contribuição importante, pois ela se torna parte da vida manifestação coletiva dos sentimentos, sonhos e utopias; aponta para um possível compartilhar desses sonhos com outros movimentos e organizações sociais como partidos, sindicatos, igrejas, etc. O processo de luta pela sobrevivência que o MST faz transforma os espaços sociais onde ele atua através de suas práticas. Para se ter uma ideia da grandiosidade do Movimento apresento, a seguir, apenas alguns dados simples e elucidativos, a maioria do setor de educação do próprio MST⁶⁵.

DADOS BÁSICOS DO MST

- O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 450 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais.
- 350 mil famílias assentadas e 100 mil acampadas. Base social de 2.000.000 de pessoas.
- Escândalo fundiário brasileiro: 1% dos proprietários detém 46% das terras no Brasil
- 70% dos assentamentos só se conseguiram a terra pela ocupação.

DADOS SOBRE A EDUCAÇÃO NO MST

⁶⁵ Disponível em www.mst.org.br.

- Temos nos assentamentos e acampamentos - em torno de 2 mil escolas públicas (estimativa feita a partir dos dados da PNERA, 2004)
- Destas 2.000 escolas, apenas 250 vão até o Ensino Fundamental completo e são 50 até o Ensino Médio. As demais são classes multisseriadas, até a 4ª série.
- Atuam nessas escolas 10.000 professoras/es.
- Estudantes no MST beiram 300.000 pessoas, incluindo da educação Infantil até a universidade, passando pela EJA, cursos profissionalizantes. OBS.: muitos estudam fora dos assentamentos, em escolas da cidade, especialmente de 5a a 8a série e mais ainda no Ensino Médio. Não temos dados concretos sobre isso.
- Temos parcerias com pelo menos 50 Instituições de ensino, entre universidades e escolas Agrotécnicas. Somam-se aproximadamente 100 turmas de cursos formais, num total de mais ou menos 4.000 estudantes jovens e adultos.
- O MST alfabetizou mais pessoas no campo que todos os planos do Ministério de Educação brasileiro

Segundo Isabel Grein⁶⁶ o MST surgiu como um movimento com estrutura leve, pois as entidades que o apoiavam, como: a Comissão Pastoral da Terra – CPT, ligada a Igreja, e a Central Única dos Trabalhadores – CUT ligada aos sindicatos, eram estruturas mais pesadas. E surgiu para resolver o problema da terra, dos que não tinham terra, mas já de início verificou-se que precisava uma reforma agrária e também uma mudança de sistema para haver a distribuição da terra. Mas hoje o horizonte de possibilidades do MST é muito mais amplo, pois, da forma como a estrutura política de apoio ao agronegócio está estruturada no país, com apoio do Estado, faz com que as experiências mais inovadoras do MST, como o trabalho cooperativo, sejam colocadas em xeque pelo alto custo de produção. Ou melhor, a agricultura familiar camponesa está remando contra a maré do crédito e do apoio governamental, muito embora se saiba que a agricultura familiar ainda é a maior geradora de alimentos para o consumo do mercado interno. Quer dizer, a garantia de alimento na mesa dos brasileiros ainda é feita através da pequena propriedade familiar.

Questionado sobre a necessidade da reforma agrária no Brasil, que parece ter sido desacreditada como modelo de desenvolvimento no campo, Ariovaldo Umbelino de Oliveira⁶⁷ explica alguns pontos importantes:

Cerca de 1/5 das terras no Brasil foram cercadas por pessoas que não têm documentos hábeis legais para deter o controle dessa propriedade da terra.

⁶⁶ Entrevista nos 25 anos do MST. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=EZc5n1iYQQM>

⁶⁷ Geógrafo, um dos maiores especialistas na questão rural brasileira. UMBELINO, Ariovaldo. "1/5 das terras no Brasil são de pessoas que não têm documentos hábeis legais". Entrevista especial com Ariovaldo Umbelino Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=21484

Isso quer dizer que uma parte dos que se dizem proprietários não são, de fato, proprietários (Ver a nota 55).

Se esse dado oficial for verdadeiro, então toda a argumentação de que existe uma ilegalidade das ocupações da propriedade pelo MST cai por terra, pois a ilegalidade está na própria invasão⁶⁸ daquelas áreas que são do Estado e deveriam servir para a reforma agrária.

Por outro lado, o Brasil possui os maiores latifúndios que a humanidade já registrou, ou seja, não há limite para o tamanho das propriedades do país. É uma excrescência, do ponto de vista internacional, um país ter propriedades privadas que são maiores do que unidades federativas que possui, sem falar que algumas são ainda maiores do que muitos países existentes no mundo (idem, nota 55).

Também é escandaloso o fato de haver a defesa intransigente da propriedade privada de grandes grupos internacionais que ultimamente vem adquirindo terras para a especulação rural. Algumas dessas fazendas foram ocupadas pelo MST como forma de mostrar o descontentamento do Movimento quanto a essa permissão da legislação brasileira. Parece que os elaboradores de políticas governamentais brasileiras estão mais dispostos a defender os interesses especulativos das grandes empresas internacionais do que defender a sobrevivência de sua própria população.

Outro dado importante de que nos fala Umbelino de Oliveira é que se quisermos ser soberanos em termos de alimentação, a reforma agrária precisa ser realizada, em consonância com o que já ocorreu com outros países desenvolvidos.

É com a Reforma Agrária que os países desenvolvidos conseguiram chegar às condições de soberania alimentar. É evidente que o Brasil tem uma estrutura fundiária altamente concentrada nas mãos das elites que controlam terras que não lhes pertence, o que é um contra-senso e uma ilegalidade denunciados pelos movimentos sociais (Idem, nota 55).

Por fim quero insistir em apontar a questão da legalidade do MST enquanto Movimento Social que defende os direitos dos trabalhadores de forma legítima

⁶⁸ Invasão é invadir a terra pública para proveito próprio, é o que os fazendeiros fazem. Ocupação é realizada por movimento social, é um ato de massas, de pressão social sobre o latifúndio, para que o governo aplique a lei e desaproprie aquele latifúndio. Isto é, o MST não invade, ocupa. Essa diferenciação está mais difícil de ser feita atualmente, pois o MST sempre aparece criminalizado na mídia que obviamente tenta atribuir ao movimento o fato de “invadir terras”. Nesse sentido a Cutrale invadiu terras e o MST ocupou as terras da Cutrale, mas o que se viu na mídia foi o contrário. Veja-se os diferentes posicionamentos nessa questão: <http://www.fazendomedia.com/?p=1034> e <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,mst-invade-fazenda-de-laranja-em-iaras,442447,0.htm>

dentro da legislação brasileira, mesmo que esteja defasada em vários aspectos. O MST é acusado de cometer crime ao invadir terras, incentivado pelas suas lideranças. Muitas delas foram presas por essas acusações. O Pontal do Paranapanema, no estado de São Paulo, é exemplo claro disso. Cito o caso de um juiz de primeira instância que decretou 12 ordens de prisão, envolvendo 46 membros do Movimento.

Todas essas decisões foram anuladas em tribunais superiores que fez aproximadamente 46 pedidos de prisão das lideranças do MST, tendo como justificativa⁶⁹ as mais variadas acusações como: formação de quadrilha, criminosos, parceiros do PCC, das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e ultimamente terroristas.

Entretanto, existe um acórdão do STJ desde 1996 que, na sentença do Ministro Luis Vicente Cernicchiaro, estabelece precisamente esta questão: não se pode confundir pressão dos movimentos sociais exigindo seus direitos com a invasão de propriedade. Transcrevo parte dessa sentença:

Movimento popular visando implantar a reforma agrária não caracteriza crime contra o Patrimônio. Configura direito coletivo, expressão da cidadania, visando implantar programa constante da Constituição da República. A pressão popular é própria do Estado de Direito Democrático. (...) A postulação da reforma agrária, manifestei em Habeas Corpus anterior, não pode ser confundida, identificada com esbulho possessório, ou a alteração de limites. Não se volta para usurpar a propriedade alheia. A finalidade é outra. Ajusta-se ao Direito. Sabido, dispensa prova, por notório, que o Estado, há anos, vem remetendo a implantação da reforma agrária⁷⁰.

Apesar desse entendimento já estar consolidado no Poder Judiciário, muitos juízes de primeira instância, alguns promotores e especialmente a mídia insistem em tentar incriminar o MST e os Movimentos Sociais, reprimindo-os violentamente por exercerem seu direito constitucional de protestar.

⁶⁹ REIS, Cristiane de Souza A dupla face do Poder Judiciário: por um Poder Judiciário emancipatório. Disponível em http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2910

⁷⁰ 6ª Turma do STJ, 8 de abril de 1997 HC nº 5.574/SP 97.0010236-0, Rel. Exmo. Sr. Ministro Luiz Vicente Cernicchiaro. 18/08/97.

Essa situação leva ao que Roberto Efrem Filho⁷¹ chama de verdade jurídica como um monopólio de evidencia classista. Os argumentos da neutralidade da lei e a imparcialidade, o estrito rigor da norma, parecem ser para esse autor apenas figura de linguagem que serve para incriminar o MST. Pergunta-se se o MST desrespeita a lei? Mas e a lei não desrespeita o MST? A não realização da reforma agrária significa compactuar estruturalmente com a criminalização, afirma o autor. (EFREM, Idem). Isso nos leva diretamente a questionamentos anteriormente apontados. Se os movimentos sociais não têm as garantias de que seus direitos serão implementados, como: saúde, educação, terra para trabalhar, também o Estado não pode exigir que esses Movimentos sejam totalmente leais no cumprimento dos seus deveres. Isso é o que afirma Flickinger (Op. Cit.) baseado em Hegel na sua Filosofia do Direito, §4, onde estabelece que todos possuem direitos na medida em que têm deveres na sociedade liberal. Assim, ao não conseguir cumprir as próprias promessas sociais, o Estado também não poderia esperar o cumprimento total dos deveres por parte desses cidadãos desassistidos⁷².

Mas, como todo caso social no país sempre foi visto como um caso de polícia é mais fácil acusar os movimentos reivindicatórios de “baderneiros”, “marginais” do que tratar com seriedade as questões sociais que envolvem o país. Assim como Jacques Alfonsin⁷³ disse que todos esses movimentos contestatórios “comprovam a incapacidade do Estado de remediar a injustiça social”, Vieira (2006)⁷⁴ vai dizer que o surgimento dessas mobilizações sociais mostra como a democracia representativa é frágil nos seus fundamentos e precisa abrir espaço para a participação popular se quiser sobreviver.

Logo, apenas legislar não resolve os problemas de dominação, do racismo, da pobreza. Os avanços legais apenas garantem abstratamente os direitos. Aliás, não é de hoje que as leis são consideradas perversas. Desde os primórdios da Grécia

⁷¹ EFREM FILHO, Roberto: “A” verdade jurídica é um monopólio. A transferência da política para o direito. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1186&id_edicao=294

⁷² Sabe-se que os planos de reforma agrária em todos os governos não são implementados, governo após governo. Ariovaldo Umbelino (op. Cit) nos indica que só houve o cumprimento de 30% dos assentamentos prometidos nos planos governamentais do governo Lula.

⁷³ ALFONSIN, Jacques: Estado é incapaz de remediar a justiça social. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1189

⁷⁴ VIEIRA, Luiz Vicente. A democracia com pés de barro: o diagnóstico de uma crise que mina as estruturas do estado de direito. Recife: UFPE, 2006.

antiga⁷⁵ ou entre os primeiros cristãos essa questão já estava colocada⁷⁶. Os estudiosos vêm comprovando a velha tese marxista de que a lei serve apenas para a garantia do poder daqueles que estão com ele. Mas o mecanismo parece ser mais perverso. A título de exemplo utilizo-me de James Holtons⁷⁷, antropólogo americano de Berkeley, estudioso de temáticas voltadas à questão da terra no Brasil. Falando sobre a lei brasileira de terras ele faz a seguinte afirmação “a lei de terras é um instrumento de desordem calculada através do qual práticas ilegais produzem lei, e soluções extralegais são introduzidas clandestinamente no processo legal”⁷⁸.

Segundo ele:

Em suma, a lei de terra no Brasil promove conflito, e não soluções, porque estabelece os termos através dos quais a grilagem é legalizada de maneira consistente. É, por isso, um instrumento de desordem calculada, através do qual práticas ilegais produzem lei, e soluções extralegais são introduzidas clandestinamente no processo judicial. Nesse contexto repleto de paradoxos, a lei é um instrumento de manipulação, complicação, estratégia e violência, através do qual todas as partes envolvidas - dominadoras ou subalternas, o público e o privado - fazem valer seus interesses. A lei define, portanto, uma arena de conflito na qual as distinções entre o legal e o ilegal são temporárias e sua relação é instável (HOLSTON).

Isso significa uma total inversão daquilo que se poderia esperar da lei, do “ordenamento” jurídico ou que, em tese, se pode afirmar do Estado de Direito tão propalado pelos liberais. Mas aqui não se trata de discursos acadêmicos e sim de como os marcos legais são impostos às populações marginalizadas socialmente e como se dá o embate na prática política. Por isso, por mais significativa teoricamente que seja a igualdade de direitos nos marcos legais, nos conflitos sociais que o MST enfrenta, os órgãos judiciais tendem a interpretar esses direitos apenas contra o Movimento⁷⁹.

⁷⁵ A relatividade da justiça, a lei como poder do mais forte, etc. são todas considerações dos sofistas. Cf. REALE, ANTISIERI, D. Historia da Filosofia Vol. I. 6ªed. SP: Paulus, 2000.

⁷⁶ Paulo de Tarso já havia se deparado com essa questão do cumprimento da lei que leva à morte ou o não cumprimento. Sobretudo na sua carta aos Romanos.

⁷⁷ HOLSTON James. Legalizando o ilegal: propriedade e usurpação no Brasil. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_21/rbcs21_07.htm

⁷⁸ Outros materiais desse autor podem ser pesquisados em <http://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&tl=pt&u=http://anthropology.berkeley.edu/holston.html&anno=2>

⁷⁹ Por exemplo, se pode manifestar a opinião contra o governo, mas não na frente do palácio, porque assim a BM não o quer, o mesmo aconteceu na frente da casa da governadora, na frente da

Então não se pode dizer que há uma inversão da lei em favor da classe dominante. A lei é a expressão dessa classe dominante. Por isso os interesses da burguesia sempre serão defendidos dentro dos marcos legais liberais⁸⁰. Para os Movimentos sociais que pressionam as leis para ampliação dos direitos de cidadania sobram as ilegalidades. E mesmo que estes estejam respeitando os marcos legais, os poderes governamentais vão desrespeitar esses mesmos marcos para poder salvar aquilo pelo qual a legislação foi feita: salvar a propriedade privada⁸¹ da pressão dos movimentos sociais populares.

Mas essa questão da extrapolação dos limites legais não ocorre somente por parte dos movimentos sociais ao lutarem por seus direitos. Ocorre muito mais nas manifestações contrárias a esses movimentos, como já foi demonstrado pelos panfletos distribuídos em São Gabriel e expostos anteriormente. Mas não é só contra o MST essa fúria que Egon Heck chama de “agronegócio incendiário e racista”.

Você quer ver, vem olhar aqui, tem quatro bugres mortos, vem ver!”, o tom de deboche e ameaça era revelador de um quadro tétrico de racismo e ódio que se julgava restrito às páginas da história de extermínio das populações indígenas no continente e no mundo. Mas naquela hora do meio dia de 18 de setembro, à beira da BR 486, a cena era muito real. Enquanto uma integrante do CIMI fotografava o que restou das casas queimadas, onde ainda a fumaça e pequenas chamas eram visíveis, os agentes de segurança e peões da fazenda faziam uma cerca para isolar o córrego e impedir o acesso dos índios, eles davam um show de racismo. “Esses vagabundos tem mais é que morrer!”, exclamavam enquanto repetiam sons de tiros para amedrontar a pessoa que estava fazendo o registro de mais uma violência absurda contra a comunidade Kaiowá Guarani do Apika'y, acampada há uns dez quilômetros da cidade de Dourados⁸².

Secretaria da Educação onde os manifestantes foram agredidos violentamente pela brigada militar. Disponível em http://www.recid.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=918&Itemid=2

⁸⁰ Mário Maestri mostra isso através daquilo que seria o projeto pessoal da governadora Yeda no RS: O projeto pessoal de Yeda Crusius, política sem carisma e apoio popular e de partido sem tradição no RS, é de se transformar na grande representante do capital, através da implementação das políticas neoliberais e do tratamento duro do movimento social. Uma espécie de Dama de Ferro dos Pampas. Com a política de repressão, Yeda pretende também angariar consenso na população, através da retórica da dureza com a bandidagem. Em inícios de 2007, a governadora declarava: "Fui malvada na eleição e serei dura no governo". In MAESTRI, Mário. Há muita demagogia sobre a honestidade política das elites rio-grandenses. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=14728.

⁸¹ Exemplo disso é a proibição da Juíza de Carazinho. Apesar de sua decisão ferir toda a constitucionalidade vigente no país, ela se manteve irredutível na decisão contrária ao MST. Disponível http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4052&Itemid=2

⁸² HECK, Egon. O agronegócio incendiário e racista. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=25875

Os movimentos sociais são um estorvo ao processo de reprodução do capital porque impedem de chegar aos lucros mais rapidamente e de garanti-los. Por isso a repressão precisa ser realizada. Isto é, a estrutura pública governamental defende a propriedade privada e o capital, criminalizando todos aqueles que os afrontam⁸³. A corrupção e a troca de favores entre pares parecem fazer parte da prática usual dessa forma de ação política. Veja-se o exemplar caso do Comandante da Brigada Militar – BM, no estado/RS necessitar de favores de um dos acusados de corrupção pela PF (Polícia Federal) para se tornar Comandante, revelando explicitamente a troca de cargos e favores entre os dois. Diferentemente desse caso, não houve acusação e enquadramento por formação de quadrilha, e ninguém foi chamado de baderneiro e marginal pelas altas esferas governamentais. O silêncio das autoridades e a condução desse comandante para a Justiça Militar demonstra para quem – ou para qual classe – estão à disposição os cargos públicos do Estado⁸⁴.

Nessa linha de raciocínio, os mais perseguidos são aqueles movimentos sociais que mais incomodam com suas ações o capital. A criminalização é a tentativa de fragilizar e posteriormente aniquilar esses movimentos. O MST hoje está sendo perseguido porque é o maior movimento social do país que consegue se contrapor a muitas investidas do modelo liberal no país. Então, são os méritos do MST e não os erros que o MST possui que o fazem ser combatido pelos diversos setores contrários às mudanças estruturais no país.

Se a lógica é essa, então não é possível esperar que dos marcos legais surjam soluções para o problema agrário e brasileiro. É necessário que o MST continue e intensifique suas manifestações para forçar o Estado e a sociedade a dialogar sobre os problemas sociais tanto os que estão na ordem do dia, quanto os problemas históricos que ainda não têm perspectiva de solução. Nesse sentido, a saudação de Fábio Konder Comparatto⁸⁵ “bendito seja o MST, que continua a suscitar um salutar desassossego no coração de nossos grandes proprietários agrícolas!” mostra que a luta pela revalorização do debate político sobre as grandes questões nacionais está

⁸³ Se não houver uma ação concreta contra o capital simplesmente é ignorado ou absorvido por ele. Por exemplo: os famosos filmes de Michael Moore, cineasta crítico norte americano, faz filmes contra o capitalismo, mas isso não impede de ganhar um bom lucro em cima disso. É diferente desafiar o capital e as forças repressivas ao protestar em um dos pedágios existentes. Essa ação afeta a base do capital que é o lucro.

⁸⁴ Nessa época a CUT/RS divulgou uma nota acusando o governo de fazer uma “cortina de fumaça” para deslocar o debate político da corrupção estadual para a criminalização do MST.

⁸⁵ COMPARATO, Fábio Konder. Bendito seja o MST. Disponível em <http://www.mst.org.br/node/5663>.

muito além dos direitos à propriedade. Também está na defesa da continuidade da humanidade e das suas necessidades materiais satisfeitas.

3. DAS ORIGENS ETIMOLÓGICAS DA MÍSTICA À INCORPORAÇÃO NO MST

3.1 Algumas perspectivas etimológicas e históricas da Mística

Pela amplitude da compreensão da palavra Mística devido às diversas acepções que assume, nas diferentes culturas produzidas pelos povos ao longo da história da humanidade, é impossível querer abranger a totalidade de suas conceituações. Antes de tudo é preciso esclarecer caminhos que serão seguidos, clarear as significações que serão dadas e aprofundar aspectos concernentes a uma concepção restrita de Mística. Restrita por que seria um trabalho hercúleo verificar a sua abrangência e ainda porque fugiria ao propósito desse trabalho. Por isso serão apresentadas a seguir algumas concepções históricas e etimológicas que apontarão para a perspectiva adotada.

Começemos pelas concepções mais amplas dos dicionários mais conceituados da língua portuguesa. Segundo o Dicionário Aurélio e Houaiss:

Mística[F. subst. do adj. *místico*¹.] Substantivo feminino. 1. O estudo das coisas divinas ou espirituais. 2. Vida religiosa e contemplativa; misticismo. 3. Crença ou sentimento arraigado de devotamento a uma idéia, causa, clube, etc. 4. Essência doutrinária: *a mística liberal*⁸⁶.

Mística s.f. (1662) 1 conhecimento ou estudo do misticismo 2 tendência para a vida religiosa e contemplativa, com ocupação contínua da mente nas doutrinas e práticas religiosas; misticismo 3 fervor religioso que faz o místico alcançar um estado de êxtase e paixão, e cujo objeto é a divindade 4 *p.ext.* conteúdo de uma ideia, causa, instituição etc., ou a atmosfera ou aura de perfeição, verdade, excelência incontestável que as cerca, despertando nas pessoas respeito, adesão apaixonada, devotamento, sectarismo etc. <*a m. da psicanálise*> <*a m. da informática*> © ETIM substv. do lat. (*theologia*) *mystica* '(teologia) mística, conhecimento místico de Deus', fem. do adj. *mystĭcus, a, um* (gr. *mustikós*) 'relativo aos mistérios'⁸⁷.

⁸⁶ Cf. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa corresponde à 3ª edição, 1ª impressão da Editora Positivo. Edição eletrônica autorizada à Positivo Informática Ltda.

⁸⁷ Cf. Houaiss eletrônico. Versão Monousuário. Editora Objetiva Ltda. Junho de 2009. Edição correspondente à imprensa e atualizada.

Como é possível notar a palavra tem diversas possibilidades de acepções. Por isso recorro a um dos dicionários de Filosofia brasileiro mais consultado: Nicola Abbagnano. Segundo esse dicionário:

MISTICISMO (in. Mysticism; fr. Mysticisme, ai. Mysticismus, it. Misticismo). Toda doutrina que admita a comunicação direta entre o homem e Deus. A palavra mística começou a ser usada nesse sentido nas obras de Dionísio, o Aeropagita, pertencentes à segunda metade do séc. V e inspiradas no neoplatônico Proclo. Em tais obras é acentuado o caráter místico do neoplatonismo original, que é a doutrina de Plotino. Para isso, insiste-se na impossibilidade de chegar até Deus ou de realizar qualquer comunicação com ele através dos procedimentos comuns do saber humano, de cujo ponto de vista só se pode definir Deus negativamente (teologia negativa). Por outro lado, insiste-se também numa relação originária, íntima e pessoal entre o homem e Deus, em virtude da qual o homem pode retornar a Deus e unir-se finalmente a ele num ato supremo. Este é o êxtase, que Dionísio considera a deificação do homem. Esse é o esquema de toda doutrina mística, e foi extraído pelo pseudo-Dionísio dos textos neoplatônicos; contém muitos vestígios das crenças orientais, às quais deviam boa parte de sua inspiração. OM. medieval colocou-se algumas vezes como alternativa que excluía o caminho da busca racional: esse foi o caso de Bernad de Clairvaux (séc. XII), em quem a defesa da via mística é acompanhada pela polêmica contra a filosofia e, em geral, o uso da razão. Outras vezes a via mística e a da especulação escolástica são admitidas e reconhecidas, como fizeram Hugo e Ricardo de S. Vítor, também no séc. XII. O M. conserva os mesmos caracteres em S. Bonaventura, que cultiva igualmente a especulação filosófica e a mística. Por outro lado, a grande corrente do M. especulativo alemão do séc XIV (Mestre Eckhart, Tauler, Suso e outros) opõe-se também a qualquer tentativa de empregar a razão no campo da religião, mas sua característica é ser uma especulação sobre a fé, considerada como via de comunicação direta entre homem e Deus. Não pertencem ao domínio da filosofia, mas sim ao domínio do M., os místicos práticos do Cristianismo, como Santa Teresa, Santa Catarina de Siena, S. Francisco, Joana D'Arc e outros (cf. H. DELACROIX, Étude d'histoire et de psychologie du mysticisme, Paris, 1908; J. H. LEUBA, The Psychology of Religious Mysticism, 1925)⁸⁸.

É possível perceber ainda uma dubiedade quanto à esfera da Mística a ser tratada. Abbagnano parece não estar convencido em tratar a Mística pela Filosofia. Ainda esse caráter dúbio nos revela que é preciso ir além e procurar referências mais precisas, não se contentando com as mais populares concepções. Pela constante referência a Deus e às experiências religiosas talvez fosse melhor explicar a Mística pela Teologia. Entretanto, as generalizações são sempre perigosas e por isso as diferenciações pontuais são importantes. Contudo, aponta-se para o início do uso da palavra no século V, inspirada nas tradições orientais, ou melhor, o vocábulo não tem uma origem cristã e nem se trata de uma doutrina surgida com esta inspiração religiosa.

⁸⁸ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.672-673.

Não obstante, nas publicações cristãs é que foi possível encontrar uma maior gama de explicações e um maior detalhamento sobre as origens etimológicas e os desenvolvimentos históricos da Mística⁸⁹. Dessa forma, justifica-se a utilização maior desse material teológico. Vejamos alguns aspectos referenciados por esses dicionários. EICHER⁹⁰ e seus colaboradores afirmam que sobre a noção de Mística pode-se separá-la em três grandes conceitos, a saber: como um **conceito religioso**, como um **fenômeno religioso** extraordinário e como um **conceito histórico literário**. Isso porque sua existência se dá em múltiplas religiões, por que se refere aos fenômenos extraordinários como êxtases, profecias e também por que se fala de maneira muito inflacionada de Mística, como por exemplo, “época Mística” (MIETH, 1990 p. 592 - 593)⁹¹.

A Mística faz parte do âmbito do mistério que envolve todas as religiões e grande parte dos movimentos filosóficos. Essa concepção universal de Mística também é compartilhada por Freitas⁹²:

O que quer dizer não só o discurso místico, mas também o discurso filosófico sobre o mundo excede os limites empíricos do mesmo mundo. Seria mais exato dizer que ambos os discursos exprimem uma particular dimensão do ser e da existência, cada um deles em permanente transgressão relativamente ao já dito ou constituído (FREITAS 1991 p. 897).

Ainda mais, ele pensa que a intenção filosófica e a intuição mística parecem ter preocupações semelhantes na procura pela posse e pela fruição do absoluto, ao qual se encontra nos problemas filosóficos do infinito X finito, do natural X sobrenatural. Dessa forma completa ele que

A pretensão em produzir um discurso filosófico puramente conceptual, a coberto de qualquer sobressalto ou estremecimento emotivo, pode dar-lhe a perigosa ilusão de bastar a si mesmo, na ignorância ou esquecimento da insondável riqueza de uma experiência que desde sempre e por todos os lados o solicita, provoca e excede (ibidem).

⁸⁹ Discordo da posição de SELL & BRUSEKE sobre a necessidade de recorrer apenas à dicionários filosóficos para a conceituação mais ampla de Mística deixando de lado os dicionários teológicos por serem restritos ao âmbito religioso. Cf. SELL & BRUSE p.19.

⁹⁰ Organizador da ENCICLOPÉDIA TEOLÓGICA. 2ª Ed. Brescia: Queriniana, 1990.

⁹¹ Responsável pelo vocábulo: Mística, dentro da ENCICLOPÉDIA TEOLÓGICA. 2ª Ed. Brescia: Queriniana, 1990 p.592.

⁹² Autor das considerações dos vocábulos Mistério e Mística, na ENCICLOPÉDIA LUSO BRASILEIRA DE FILOSOFIA (1991), na qual estão baseados os conceitos da origem das experiências místicas, comuns aos outros Dicionários especializados nesta área.

Falando propriamente em terminologia Mística e sua historiografia o Dicionário de Mística⁹³ oferece uma gama de informações. Segundo essa fonte os documentos mais antigos que registram o termo *mysteria* se referem ao culto de Deméter e Kore-Perséfone, da cidade de Eleusis, nas vizinhanças de Atenas. No do século V a.C. foi considerado um dos mais importantes cultos locais. Evocando-se a origem da palavra mistério chega-se à conclusão que:

A palavra grega μυστήριον (provavelmente de μῦειν) significa um rito religioso em que só os iniciados (μυῦτοι) tomavam parte e pelo qual julgavam obter a salvação; nesse sentido a palavra era geralmente usada no plural. Desde Platão mistério significa também doutrina obscura, secreta. Na magia mistério era a formula mágica ou um rito de feitiçaria; na linguagem da gnose uma revelação secreta, divina (BORN, 1987 p.997)⁹⁴

Paulo de Tarso insere uma perspectiva bastante peculiar de mistério ao falar e pregar acerca do mistério de Cristo ressuscitado. Esse mistério não é mais oculto e nem somente para os iniciados. Esse mistério é um segredo divino que foi revelado através do plano salvífico divino, na pessoa de Jesus de Nazaré, e que se concretizou na ressurreição dele por Deus depois de sua morte. Todos podem conhecer esse mistério, entretanto ele está escondido entre os pequenos do mundo e geralmente os poderosos não o encontram.

Essa é uma das marcas das religiões místicas e a originalidade do cristianismo nascente, porque nas religiões místicas e também nas doutrinas filosóficas gregas e helenistas os deuses não se envolvem diretamente na criação, estão distanciados dos problemas humanos vivendo no seu mundo à parte do humano⁹⁵. A interiorização e a busca individual da própria salvação, além da especulação também são características desta forma religiosa esotérica⁹⁶.

O Deus Judaico e cristão é histórico e se envolve diretamente com seu povo⁹⁷. Esse Deus judaico que presenteou a humanidade com seu filho não aceita a sua morte violenta e ressuscita Jesus, ou melhor, Deus cristão está diretamente ligado

⁹³ BORRIELLO, L. (et alii) DICIONARIO DE MÍSTICA. São Paulo: Paulus-Loyola, 2003.

⁹⁴ BORN, Van Den (redator). Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1987.

⁹⁵ Por exemplo, o Demiurgo platônico é um deus apenas organizador do caos existente ou também o Primeiro Motor Imóvel de Aristóteles, cristianizado por Tomás, que nem toma conhecimento que move o universo inteiro.

⁹⁶ Por isso a mística como isolamento do mundo se assemelhava mais às práticas helenistas que às cristãs e nem sempre foram bem aceitas dentro do cristianismo.

⁹⁷ Veja-se a conversa entre Iahweh e Moisés no Ex 3.

ao sofrimento do seu filho e, portanto, do seu povo inteiro.

Assim, o cristianismo nascente não é apenas a continuidade das doutrinas judaicas e muito menos das doutrinas helenistas e gregas. Paulo, por exemplo, vai à Grécia pregar a ressurreição de Jesus e sai de lá decepcionado pelo fato de os gregos não aceitarem sequer falar da ressurreição⁹⁸. Por isso, as concepções mais originais do cristianismo não estão no assimilar das doutrinas gregas, mas no introduzir na linguagem grega das cidades as concepções judaicas⁹⁹. Segundo Born (1987, p. 998) “na mais antiga comunidade cristã, a de Jerusalém, os mistérios helenísticos devem ter sido praticamente desconhecidos, e certamente não tiveram influencia na evolução da cristologia”.

No vocábulo Θεός (Deus, divino, divindade) Coenen e Brown (2000 p. 557)¹⁰⁰ já alertavam para as diferenças entre as concepções de Deus para os gregos e para os judeus. Diz o dicionário que os deuses antropomórficos gregos não eram criadores e que no universo grego estavam incluídos tanto os deuses quanto os homens, por isso a influência desses deuses não poderia ser universal muito menos criadora, pois isso dependia da natureza e dos atributos pessoais de cada um.

O entendimento filosófico grego de deus não era pessoal. Os filósofos procuravam a origem de todas as coisas, bem como o princípio que formava o mundo. No processo de racionalização e moralização, levado a efeito pela crítica e reflexão, ocorreu uma transformação importante do conceito grego de Deus. As formas divinas foram espiritualizadas e, finalmente, substituídas por conceitos gerais como “a razão mundial”, “o divino”, e “o ser”... A religião do Antigo Testamento e do judaísmo é monoteísta e pessoal... [patriarcas] ‘el não era o deus mais alto num panteão, mas sim, o único Deus, a Quem honravam na base de sua revelação.

Se nesse período é impossível identificar o Deus judaico e os deuses gregos, nota-se que houve um longo processo de convergência das idéias da divindade para que pudesse ter apenas uma denominação. E essa convergência foi preparada pelos pensadores pré-socráticos, pela tragédia grega e teve como ponto culminante o Neoplatonismo de Plotino e a noção do UNO¹⁰¹, identificado e desenvolvido

⁹⁸ Fato esse que contribuiu em muito o afastamento inicial da filosofia grega com o cristianismo. Paulo alimentou a partir de então uma contrariedade com a filosofia. Isso só foi terminar com a consolidação da Filosofia Cristã em Agostinho de Hipona, aproximadamente 300 anos depois.

⁹⁹ A Filosofia Cristã foi essa mútua imbricação do Helenismo grego com as origens semitas.

¹⁰⁰ COENEN, L, BROWN, C. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. 2ª edição. SP:2000.

¹⁰¹ Cf. REALE, G. ANTISIERI, D. História da filosofia. 6ª edição. Vol. I SP: Paulus, 2000.

posteriormente como o Deus cristão em Agostinho de Hipona, ápice da Filosofia Cristã que incorporou a filosofia grega dentro das concepções cristãs.

No dizer de Reale (2000, p.434) “Plotino mudou o modo de pensar de Agostinho”. Vê-se então que a filosofia posterior será uma união dessas duas origens importantes e por vezes contraditórias. Claramente o processo de racionalização e abstração da mensagem cristã de origem judaica teve a primazia, o que também influenciará na formulação da Mística desse período.

Nesse contexto podemos entender o desenvolvimento da Mística enquanto doutrina especulativa no início do medievo e que ainda influencia atualmente variados pensadores. Como asseverava Freitas (1991, p. 894) “é assim que na filosofia neoplatônica e no gnosticismo, Mística já significa a essência divina do mundo ao mesmo tempo revelada e oculta nos mitos e símbolos das religiões primitivas”. Dessa concepção à incorporação cristã de Mística enquanto conhecimento direto e contemplativo de Deus, o caminho é curto. Santo Agostinho vai traduzir a Mística para a linguagem cristã como “iluminação da alma pela luz divina” (Ibidem).

As doutrinas do Pseudo-Dionísio foram assimiladas dentro do medievo onde “o lugar teológico da mística cristã reside nos mistérios sobrenaturais, transcendentais à conceptualização da linguagem racional” (Idem, p. 896). Com isso, a experiência dos místicos passa a ser mais identificada como de conhecimento supra-racional, das verdades cristãs contempladas. Com raras exceções, essa foi a concepção da teologia tradicional elaborada por Tomás de Aquino, Boaventura, etc. onde o entendimento de mistério divino aparece como uma realidade incompreensível e inconcebível. Os teólogos atuais acentuaram outro caráter para a Mística e tentam recuperar o sentido positivo dela “eliminando o caráter do enunciado incompreensível e aceitando a presença transbordante e de total proximidade em sua realidade transcendente” (GUERRA, 1988, p. 570) ¹⁰².

Evidente que, em se tratando de concepções religiosas, o mistério é algo sempre constante, mas trata-se, neste caso, da Mística como resposta aos problemas humanos vividos e não simplesmente respostas esclarecedoras dos problemas intelectuais do homem. Por isso, o cristianismo e sua Mística não podem

¹⁰² Autor do vocábulo Mística do In PIKASA, X et alli. Dicionário Teológico O Deus Cristão. São Paulo: Paulus, 1988.

ser confundidos com as religiões místicas. Nessas religiões a aceitação das doutrinas místicas significava um interiorizar-se espiritualmente em busca da própria salvação. Com isso o místico conseguia integrar-se no UNO, na suprema divindade, e sentia-se ao mesmo tempo incapaz de narrar essa experiência em conceitos teóricos. Por isso, a Mística entendida como o indizível. Entretanto, nessas religiões não existe atribuição da historicidade e muito menos o elemento ético do “dever ser” possuiu a primazia, características das religiões proféticas.

Não faltaram vozes discordantes da Mística cristã considerando-a uma forma extremada de paganismo¹⁰³ pois o cristianismo é, sobretudo, uma religião profética, que acentua o elemento ético e histórico da pessoa divina. A comunicação de Deus ao homem não se dá na forma da intimidade no seu interior, mas dentro da história e culminantemente na figura de Jesus de Nazaré como a suprema mediação histórica e síntese entre a Mística e a profecia cristã. Por isso, a Mística não pode abster-se de valorizar a existência histórica, pois não pode negar o valor da existência humana e da história para a realização da humanidade. Ou melhor, nas palavras de Guerra (1988, p. 577):

Até mesmo no maior êxtase, o profeta não esquece o grupo social a que pertence, nem o caráter impuro desse povo de que ele não pode fugir. Por conseguinte, o êxtase profético, ao contrário do êxtase místico, jamais constitui finalidade em si mesmo, porém antes é meio de receber mandamentos divinos que devem ser pregados ao povo.

Seja como for, a Mística cristã afastou-se das místicas iniciais próprias das religiões místicas e desenvolveu-se em diversas tendências de acordo com as tradições teológicas ou filosóficas do contexto histórico no qual estava inserida. As concepções tradicionais de Mística reduziram o seu conteúdo a conceitos lógico-metafísicos por uma tendência aristotelizante dentro da escolástica e das teologias tradicionais posteriores. Por isso, qualquer forma subjetiva e espiritualizada que escapava deste esquema era vista como uma forma desconcertante de experiência espiritual ou mística¹⁰⁴.

Foi preciso que fenomenólogos da Religião como Rudolf Otto¹⁰⁵ e Mircea

¹⁰³ Idem, p. 577.

¹⁰⁴ Prova disso é a condenação de Mestre Eckart como teologia e mística não cristã.

¹⁰⁵ OTTO, R. O sagrado: um estudo do elemento não racional na idéia do divino e sua relação com o racional. S. B. do Campo: Imprensa Metodista/ Ciências da Religião, 1985.

Eliade¹⁰⁶ alertassem para o mistério de uma forma totalmente diferente até então tratada pela teologia tradicional. Tratava-se da valorização da experiência, do modo de ser do homem que transcende a própria compreensão e o entendimento do mundo, mas antes de ser incompreensível é uma experiência do nada, do vazio, ou “mistério é a realidade por excelência, completamente superior ao homem e ao mundo, que concerne intimamente ao sujeito humano e dele exige uma resposta incondicional” (LUCAS, 1988, p. 571)¹⁰⁷.

Transportando para a Teologia contemporânea Karl Rahner, dimensiona a Mística como “o encontro interior unitivo do homem com a infinitude divina, que fundamenta tanto o homem quanto todos os seres”¹⁰⁸. Assim, toda experiência mística tem em comum algumas características gerais segundo Guerra (1988, p. 575). Ruptura da consciência ordinária – a experiência mística ocorre com o êxtase da razão em que “a mente transcende seu estado habitual... a razão, sem negar a si mesma e, portanto, sem abandonar o homem á pura emocionalidade irracional, transcende a condição normal da racionalidade finita” e se une ao infinito. Vamos, então, algumas características que assume a Mística, conforme o mesmo autor:

- A. Experiência de Núcleo – aparece uma nova racionalidade capaz de dar à sua vida, a tudo, um sentido.
- B. Presença de algo Absolutamente novo – essa experiência leva o místico a ver na realidade uma dimensão profunda das mesmas realidades e dos mesmos objetos. Não é um ser novo ou objeto a ser acrescentado, mas uma nova forma de ver os seres e os objetos.
- C. Presença imediata – o místico chega a esse invisível num contato direto, sem imagens ou representações.
- D. Presença gratuita – o caráter da experiência mística é de dom e não recompensa de um esforço repetido de, por exemplo, repetições de fórmulas de oração.
- E. Presença subjacente – a mudança de atitude frente à realidade. Há a experiência de libertação individual e a transformação da própria

¹⁰⁶ ELIADE, M. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹⁰⁷ Autor do vocábulo do Dicionário Teológico O Deus Cristão, op. cit.

¹⁰⁸ Guerra. Dicionário Teológico O Deus Cristão (1988 p. 575).

existência, muito maior que a contemplação inerte pretende propor.

F. Experiência e expressões paradoxais – cria-se a ruptura com a lógica a partir da inefabilidade da experiência. (Cf. GUERRA, 1988, p.575 - 576).

Quero dizer com isso que a Mística cristã nascente é devedora, na maior parte de sua constituição, dos mistérios divinos judaicos do que helenistas e que o cristianismo é considerado uma religião mais profética do que mística, pois os profetas, ou os enviados de Deus, anunciam seus planos, cobram mudanças de atitude do povo e dos governantes. “A mística cristã é uma mística profética” (VAZ, 2000, p. 57) ¹⁰⁹.

O florescimento do profetismo cristão é devedor do florescimento profético judaico bíblico. Sobre o profetismo bíblico podemos dizer que este surgiu quando houve a introdução da Monarquia, mas se desenvolveu em muitos matizes. A atuação principal dos profetas foi contra todos os que estavam comprometidos com esse Estado Monárquico: exército, sacerdotes, juizes e latifundiários. Cito aqui algumas passagens de Amós, como exemplo da atuação de um profeta.

Segundo Amós, a elite israelense da época vivia, em “palácios de inverno e verão ornados de marfim” (Amós, 3:15). Estão “deitados em leitos de marfim, estendidos em seus divãs... bebem crateras de vinho e se ungem com o melhor dos óleos” (Amós, 6:4-6). Mas “não agem com justiça... aqueles que amontoam opressão e rapina em seus palácios” (Amós, 3:10). “Vendem o justo por prata e o indigente por um par de sandálias... e tornam torto o caminho dos pobres” (Amós, 2:6-7). “Oprimis o fraco e tomais dele um imposto de trigo...” Eles “hostilizam o justo, aceitam suborno e repelem os indigentes à porta” (Amós, 5:11-12). “Esmagais o indigente e quereis eliminar os pobres da terra” (Amós, 8:4).

Nota-se que toda a fala-denúncia desse profeta tem como pressuposto básico que a ação divina se dá e dará dentro do processo histórico, que Deus agirá a favor dos oprimidos e arrasará a Monarquia. Então, a literatura profética bíblica servirá como uma luva para a luta contra as estruturas de poder e dominação na América Latina e será amplamente utilizada pelos teólogos da libertação. Especialmente para o MST no início da sua organização quando a Mística era profundamente religiosa, estes textos terão uma importância fundamental para a formação da consciência

¹⁰⁹ VAZ, H. C de Lima. Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental. SP: Loyola, 2000.

profética do próprio Movimento.

Em outros movimentos populares também encontramos essas referências proféticas quanto à denuncia e o anúncio de uma nova organização política e social. Referência geográfica próxima é a Associação dos Catadores de Lixo de Porto Alegre denominada “Profetas da Ecologia”. Esses catadores estão na mesma linha da profecia de Isaías e de Amós, pois:

Recolhendo lixo pelas casas, lojas, etc. parecem dizer: "Vocês, da sociedade consumista, produzindo essas milhares de toneladas de resíduos sólidos, jogando lixo nas águas, usando agro-tóxicos nas lavouras, acabando com a camada de ozônio da atmosfera, poluindo tudo, vocês estão condenados à morte, juntamente com o Planeta TERRA." ¹¹⁰.

Como não é só denuncia, a profecia também conta com anúncio de boa notícia. Esses catadores anunciam que existe uma nova sociedade se desenvolvendo e ela é:

economicamente viável, ecologicamente correta e socialmente justa, em total harmonia com as pessoas e com o MEIO-AMBIENTE... contrariamente às relações de exploração que reinam na sociedade de classes, a minha sociedade constrói relações de cooperação e de solidariedade, de que somos exemplo nós, os catadores, organizados de maneira cooperativa (idem).

De certa forma o MST também incorpora uma profecia no seu modo de agir como Movimento. Ao ocupar terras improdutivas que servem para especulação imobiliária dos grandes capitais internacionais e das empresas controladoras do agronegócio mundial denuncia a acumulação de riquezas e a miserabilidade daqueles dos pobres que trabalham e sobrevivem da terra. Anuncia uma nova sociedade alicerçada na produção cooperativada e na função social dos meios de produção antes do lucro do capital, da propriedade privada e dos privilégios de classe.

A Mística perpassa a profecia judaica, pois denuncia e anuncia os projetos de uma divindade que está presente historicamente no meio do seu povo. Visto dessa ótica o sentido cristão de Mística incorpora a prática profética de Jesus de Nazaré – profeta para os judeus – e os acontecimentos fundamentais de sua vida tornam-se

¹¹⁰ Profetas da Ecologia. Disponível em <http://profetasdaecologia.vilabol.uol.com.br/> No site, Jose Lutzemberger se expressa sobre o os profetas da ecologia: "um só catador faz mais pelo meio ambiente, no Brasil, do que o próprio ministro do meio ambiente."

os grandes mistérios da vida cristã. Então, o mistério se desfaz quando se participa da vida da Igreja (Eclésia) e percorre o mesmo projeto de vida que o Nazareno propôs.

Entretanto, a cooptação da Igreja pelo Império Romano, as influências helenísticas e gregas, a absorção da filosofia pelo cristianismo na Idade Média nascente fez com que a Mística adquirisse novos contornos teóricos e práticos.

Frei Betto¹¹¹ falando sobre o profetismo bíblico diz que este não é vidente nem adivinho, mas aquele que possuiu uma experiência espiritual e conhece os caminhos de Deus. Esse movimento surge no séc. IX a.C. com Samuel, quando adverte o rei Saul sobre os perigos da Monarquia para o povo hebreu¹¹².

Samuel tentou convencer o povo de que o modelo do opressor não servia a quem fora oprimido: "Este é o direito do rei que reinará sobre vós: (...) os fará lavrar a terra dele e ceifar a sua seara, fabricar as suas armas de guerra e as peças de seus carros. Ele tomará as vossas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará os vossos campos, as vossas vinhas, os vossos melhores olivais, e os dará a seus oficiais. (...) Exigirá o dízimo dos vossos rebanhos, e vós mesmos vos tornareis seus escravos." (1 Samuel 8,11-17) (BETTO, idem).

Segundo Betto, a característica dos profetas é o espírito crítico e por isso eles denunciavam os erros dos reis e do povo; formavam discípulos e entendiam os fatos do mundo através dos olhos da fé. Houve sempre uma contradição do profeta com o poder, pois este se chocava com os planos de Deus. Por isso também o profeta é um pedagogo, pois ensina os caminhos verdadeiros. Após mostrar que laweh irá castigar os que oprimem os pobres, violam os seus direitos e vivem em palácios de marfim, Amós diz que há uma esperança. Ele aponta o caminho: "Detestai o mal, amai o bem, fazei reinar a justiça nas vossas assembléias; talvez então o Senhor, o Deus dos exércitos, tenha piedade do que resta de [da tribo de] José!"¹¹³.

Cabe ao profeta denunciar os abusos hoje também. Até porque o profetismo ainda se faz presente, mas não de uma forma tão individualizada. Como diz Betto: "hoje, o profetismo não é dado a uma pessoa, mas aos movimentos sociais, à

¹¹¹ BETTO, Frei. Profetismo e poder. Disponível em <http://www.adital.org.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=19189>

¹¹² Especialistas dizem que a profecia surge na História de Israel na passagem de organização tribal para a Monarquia. Veja-se, por exemplo: LOPES, Eliseu (Org). Das Tribos à Monarquia – Profetas Anteriores (vol. 3) SP: Paulus, 2000.

¹¹³ Cf. Amós 4, 15.

sociedade civil organizada. É função dela impor limites ao poder, pedir-lhe contas, exigir que aja segundo a ética e a justiça” (idem)

Da Mística especulativa de Alberto Magno, Mestre Eckart, entre outros, brotam muitos elementos fundadores da Filosofia ocidental. No entendimento de Vaz, a autenticidade e a natureza dessa experiência Mística podem ser vistas como um “fenômeno de caráter universal’ que pode apresentar objetivos comuns com a Filosofia: a posse e fruição do absoluto, do finito e infinito, do natural e sobrenatural, do dito e não dito” (2000. 16).

Segundo Vaz (2000 p.17) “o *místico* é o sujeito da experiência, o *mistério* e seu objeto, a *mística*, a reflexão sobre a relação mística-mistério”. Os dicionários consultados, especializados na terminologia, também se referem à Mística como derivada da palavra *myein* como ação de “fechar os olhos e a boca” para que os olhos espirituais vejam o que deve ser visto¹¹⁴. No helenismo antigo, Mistério significava o culto das religiões secretas aos iniciados como os mistérios de Dionísio, Elêusis, Serapis, etc¹¹⁵. Em Platão introduz-se a ideia de que os mistérios já não são ritos, mas ideias, verdades escondidas que podem ser compreendidas por aqueles que se esforçarem por atingi-las.

Do Neoplatonismo de Fílon de Alexandria até os grandes místicos da Idade Média, a palavra Mistério transforma-se em uma forma ontológica “aquilo que por sua natureza é inefável ou indizível” (FREITAS 1991, p. 889). E, no dizer de Lucas (1988 p. 570), “mistério é a realidade por excelência, completamente superior ao homem e ao mundo, que concerne intimamente ao sujeito humano e dele exige uma resposta pessoal e incondicional”.

Guerra (1988) faz um destaque muito interessante para esta perspectiva de análise. Nas origens pré-cristãs a prática Mística traz consigo a ideia que era uma realidade secreta apenas para uma minoria, mas no século XVII, o termo designava uma experiência interior. Como experiência ordinária ou natural a Mística traz em si uma ruptura, uma espécie de êxtase da razão em que “a mente transcende seu estado habitual” e por isso supera a realidade sujeito-objeto.

¹¹⁴ ENCICLOPEDIA Teológica 1990. p. 592.

¹¹⁵ Ambigüidades, múltiplas tipologias da Mística e as incertezas quanto às explicações etimológicas são apontadas em dicionários especializados como ENCICLOPÉDIA Teológica (1990), DICIONÁRIO Patrístico e de Antiguidades Cristãs (2002).

a razão, sem negar a si mesma e, portanto sem abandonar o homem à pura emocionalidade irracional, transcende a condição normal da racionalidade finita, une-se a seu *fundo* infinito e é embargada, subjugada, invadida e comovida pelo *mistério da realidade*. (GUERRA 1988, p. 575).

Segundo ele, “Até mesmo no maior êxtase, o profeta não esquece o grupo social a que pertence, nem o caráter impuro deste povo de que ele não pode fugir” (GUERRA 1988 p.577)¹¹⁶.

Enfim, Mística é um tema amplo e controverso¹¹⁷, possibilitando uma grande variedade de conclusões complementares e até contraditórias¹¹⁸ a respeito do mesmo. Uma vez que pode ser analisado sob diversos ângulos é preciso que se fixe o enfoque a ser abordado, muito embora seja possível fazerem-se algumas digressões de caráter elucidativo. A Mística aqui é entendida de forma antropológica – explicitarei mais adiante – como força motriz para o engajamento na luta contra as injustiças sociais. A Mística como aquele motor secreto, um fogo interior, que empurra os militantes no seguimento da luta. Dá unidade às práticas dos oprimidos; é o cimento que os une. Cabe agora apontar como começou o engajamento político e social por parte de setores eclesiais com os movimentos sociais de base.

3.2 O sentido de Mística para alguns representantes da Teologia da Libertação

Há muitos representantes do Cristianismo da Libertação¹¹⁹ na América Latina e muitas tendências dentro dessa corrente de pensamento¹²⁰, entretanto não é ousadia dizer que Leonardo Boff e Frei Betto foram os teólogos que mais influenciaram as lideranças e a militância dos movimentos sociais brasileiros, principalmente os mais

¹¹⁶ Gutierrez quando fala do eixo da espiritualidade latino-americana, expressa a “irrupção do pobre” como a “irrupção de Deus” que empurra para a luta pela libertação fora dos caminhos espirituais individualistas (GUTIERREZ 1985 p. 41). O impulso individualista e originário da mística teria sido quebrado, outrora pelo profetismo, hoje pela inserção nas lutas dos movimentos populares.

¹¹⁷ São possíveis abordagens por aspectos diversos e nem sempre complementares neste tema, por exemplo: a tradição do fenômeno religioso (BRÜSEKE 1999) da filosofia da alteridade (SUSIN 1984), da Teoria Crítica (TÜRCKE 1994), Teologia Política (SCHMITT 1988).

¹¹⁸ Por exemplo, a perspectiva que trabalho neste texto está em desacordo com a perspectiva de Vaz, 2000 ou mesmo de Sell e Bruseke, por acentuarem o caráter mais transcendente da Mística e acreditarem na incompatibilidade da Mística na prática da política.

¹¹⁹ É uma tendência atual dos teóricos e os próprios teólogos da América Latina de chamarem de Cristianismo de Libertação e não mais de Teologia da Libertação.

¹²⁰ Veja a intensa discussão travada dentro da Teologia da Libertação apresentada por Sung, (1994).

ligados às Igrejas. Dentre essas lideranças muitos do MST se nutriram de suas idéias, dessa forma de enxergar o mundo. Penso, inclusive, que, por causa deles, a mística encontrou caminho fértil dentro do Movimento. É a partir dessas chaves de leitura que muitos outros teólogos interferiram com suas teorias e práticas dentro dos movimentos sociais brasileiros. Cito aqui, a título de exemplo. D. Pedro Casalgálda, bispo poeta e espiritualista, Marcelo Barros, monge e escritor que tiveram e têm profunda empatia com o MST¹²¹. Assim é de extrema necessidade para esse trabalho apresentar as concepções de Mística que esses teólogos possuem e a importância que toda essa corrente de pensamento dá para essa temática.

Dentro da Teologia da Libertação existem algumas correntes de pensamento distintas, com visões diferenciadas quanto à sociedade, à teologia e a própria Igreja na qual eles se filiam. O relacionamento entre essas diversas opiniões não são sempre harmoniosas¹²². Com isso não quero dizer que uma determinada linha dentro do Cristianismo da Libertação seja melhor que outras, mas simplesmente que alguns desses teólogos tiveram mais aderência ao MST¹²³ do que outros. Ou melhor, o que quero mostrar é que a prática da Mística do MST segue uma tradição teológica ligada a uma teologia, a um pensamento voltado à libertação; alguns teólogos e outros teóricos tiveram maior ou menor grau de aderência a essa forma específica

¹²¹ Isso se comprova na prática experiencial do Encontro dos 25 anos do MST em Janeiro de 2009. Quando foram lidas as cartas de apoio desses dois apoiadores, foram amplamente aplaudidos pelos participantes.

¹²² Basta ver as recentes declarações de Clodovis Boff e a resposta de seu irmão Leonardo e outros teólogos expondo as divergências das suas concepções. Veja-se isso em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=33508> e <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=33512> e http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=14534

¹²³ Questionado sobre isso, João Pedro Stédile afirmou que se deve ao fato desses teólogos estarem sempre presentes na caminhada do movimento. Por outro lado, segundo Jung Mo Sung, teólogo católico leigo, acredita que os teóricos Assmann e Hinkelammert, que estudam a fundo as relações entre Economia-Teologia, foram os teólogos que produziram as respostas mais inovadoras para o entendimento do quadro econômico que ocorre na América Latina. Sung inclusive sugere falta de rigor e aprofundamento na análise econômica da maioria dos teólogos. Para ilustrar essa questão, Boff (veja em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=16291 num artigo datado em 19/12/2009. Boff chega à conclusão que é necessário o fim do capitalismo, pois ele não consegue abdicar dos lucros mesmo colocando em risco o planeta. Essa questão já havia sido levantada em 1970 por Assmann; Hinkelammert trabalha nessa questão há mais de 20 anos no DEI (Departamento Ecumênico de Investigações – Costa Rica. Cf. www.dei-cr.org. Entretanto essa corrente da Teologia da Libertação não é hegemônica no Brasil e nem causa impacto teórico ou prático nos diversos movimentos sociais.

de compreender e viver a Mística¹²⁴.

Os textos aqui apresentados serão de Boff, Betto, Casalgálida; Vigil; Barros. Para não recorrer ao todo das suas obras escritas decidi compilar os textos desses autores que parecem ser os mais indicados para essa questão¹²⁵. Início com Mística e Espiritualidade (BOFF; BETTO, 1996)¹²⁶.

Boff¹²⁷ repete o que outros já haviam dito sobre a origem da palavra Mística. Ela é um adjetivo de mistério e possui diversos sentidos, alguns, inclusive, muito pejorativos. *Mysterium* provém do grego *múein* que designa o que está escondido o que não está comunicado na realidade e que está ligado diretamente às vivências das práticas religiosas enquanto experiências globalizantes. “A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado” (In: BOFF; BETTO, 1996, p.12). O autor insiste que o interesse filosofante é secundário e que irá designar de doutrina supra-racional ou mesmo revelação, mas esse estágio é posterior e distante da vivência, por isso não se trata de um ritual momentâneo para os curiosos assistirem, mas prático vivencial.

A seguir Boff apresenta alguns sentidos da Mística, a saber, o antropológico-existencial, o religioso, o cristão e o sócio-político. A partir dessa designação que apresento a seguir veremos como ela se encaixa muito bem nas concepções do MST sobre Mística e de certo modo é a fonte inspiradora da Mística dentro deste Movimento.

Sobre o sentido antropológico-existencial Boff (1996) apresenta o mistério como algo que está além do enigma, mas na profundidade existencial do ser humano que possui, portanto, um caráter indecifrável.

Cada pessoa é um mistério... A pessoa emerge para si mesmo e para os outros um mistério desafiador. Somente sabemos o que cada um revela de si mesmo ao largo da vida e pode ser captado pelas várias formas de

¹²⁴ Vaz (op. Cit.), por exemplo, acredita que essa forma de ver é um desvio daquilo que ele considera Mística.

¹²⁵ Para a amplitude do pensamento de Leonardo Boff sugiro a consulta à sua página pessoal na internet www.leonardoboff.com

¹²⁶ Escrito conjunto BOFF, L; BETTO, F. Mística e Espiritualidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. O livro é resultado das palestras dos autores sobre Fé e Política em um seminário organizado pelo Movimento Fé & Política, portanto é uma produção teórica engajada no movimento social.

¹²⁷ Dentro do referido livro os autores possuem escritos independentes, por isso vou nomeá-los independentemente apesar do livro estar escrito em comum.

apreensão que temos desenvolvido. Mas, apesar de toda diligência, cada um permanece um mistério vivo e pessoal (BOFF; BETTO p.14).

Portanto, o mistério não se opõe ao conhecimento nem é o limite do racional como havia proposto o paradigma científico moderno. Mistério é um paradoxo porque, por mais que conheçamos a realidade, mesmo assim não conseguimos esgotar a capacidade de conhecê-la melhor. Por isso: “Aquilo que chamamos de realidade apresenta-se incomensuravelmente maior que nossa razão e nossa vontade de dominar pelo conhecimento” (BOFF; BETTO, 1996, p.15).

No sentido religioso Boff afirma que, na base das religiões, está a experiência do mistério. Essa experiência é vivida pelos místicos cotidianamente e se refere à realidade na qual estão inseridos. No nascimento de uma criança, nos rostos sofridos dos indígenas, nos pés calejados dos nordestinos, entre outros, é que se experimenta a sacralidade da realidade que se impõe a si mesma¹²⁸. Assim a Mística não é algo privilegiado, mas acessível a todos os que conseguem chegar à profundidade de si mesmos. “Quando captam o outro lado das coisas e quando se sensibilizam diante do outro e da grandiosidade, complexidade e harmonia do Universo. Todos, pois, somos místicos num certo nível” (BOFF; BETTO, 1996, p.17)¹²⁹.

Mas, mesmo os místicos não conseguem “decifrar” esse mistério religioso e humano, apesar das experiências religiosas tentarem nomeá-lo de todas as formas como: Deus, Pai, Javé, Alá, Tao, etc. Entretanto as religiões são doutrinações *a posteriori* das experiências religiosas dos místicos com o divino; a fé nesse *inominável* da experiência religiosa é a resposta pessoal e comunitária que envolve a totalidade da existência. Como dizia Chuan Tzu: “O Tao está para além das palavras e para além das coisas. Não se exprime nem por palavras nem pelo silêncio. Onde não existe nem mais palavras nem mais silêncio, o Tao é aprendido”¹³⁰.

Quando não há essa experiência profunda de Deus surgem as ideologias¹³¹

¹²⁸ Acredito que essa concepção se aproxima muito das considerações sobre o sagrado de Rudolf Otto.

¹²⁹ Como base de toda a religião está a crença nas divindades, algo que não é necessário no sentido antropológico da Mística.

¹³⁰ Utilizei-me desse texto a partir do escrito de Boff; Betto (1996, p.19.).

¹³¹ Boff apresenta o conceito de ideologia como idéia inculcada nas pessoas a partir de fora. Veja-se USARKI, F. Constituintes da Ciência da Religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma

religiosas que geram preocupações com o poder religioso, e disso surge o fanatismo. O sentido religioso da Mística conserva o entusiasmo desse encontro com o divino e dele extrai energias para esperar dias melhores nas sociedades e nas religiões instituídas.

No sentido cristão os autores acentuam que “O judeu-cristianismo identifica o mistério e Deus na história do povo, particularmente na história dos oprimidos” (BOFF; BETTO, 1996, p.21) adquirindo uma característica histórica e ética onde manter os “olhos abertos e as mãos operosas” (Idem, ibidem) é a principal atitude. Segundo eles, Deus é experimentado na luta dos oprimidos, é aquele que escuta o grito dos oprimidos e desce para ajudá-los. Ele está do lado dos injustiçados, dos órfãos e peregrinos, daqueles que não têm ninguém para socorrê-los a não ser o próprio Deus. A obra messiânica é libertadora, pois consiste em fazer justiça aos desamparados e inaugurar uma nova ordem de paz e justiça a partir dos últimos.

Deus entrou totalmente na realidade humana, pois se humanizou no judeu Jesus de Nazaré. A partir de agora, o lugar de encontro de Deus será preferencialmente na vida humana, particularmente na vida dos crucificados (BOFF; BETTO, 1996, p.22).

Segundo eles a ressurreição de Jesus anuncia a “sacralidade da insurreição contra a ordem desse mundo” (Ibidem) e reafirma a promessa feita a todos os injustiçados e penalizados do mundo. Isso porque Jesus também foi um deles. O destino de Jesus é paradigmático e será compartilhado por todos.

A Mística cristã orienta-se pelo seguimento de Jesus que significa compromisso para com os pobres, compromisso com a transformação social. Por isso é possível que eles afirmem que a Mística cristã

apresenta-se como uma mística política-libertadora-contemplativa. Ela não aceita o mundo como está; quer mudá-lo e reconstruí-lo sobre a base da partilha, da solidariedade, da fraternidade/sororidade, do trabalho, do lazer e da veneração face ao mistério da criação (BOFF; BETTO, 1996, p.23).

Servir o Deus cristão passa a se tornar um instaurador de sua política no

mundo que é a vigência da justiça e concretiza-se no amor¹³², no reforço à solidariedade e na superação de qualquer injustiça.

No sentido sociopolítico, Boff vai apresentar a Mística como algo que age sempre como uma utopia, uma capacidade de projetar sonhos, modelos alternativos históricos. Por isso, a Mística no sentido sociopolítico significa:

o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e os movimentos na vontade das mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos (BOFF; BETTO, 1996, p.24)

Esses sonhos geralmente partem dos grupos oprimidos, dos derrotados, que não desistem, mas seguem firmemente na luta por uma realidade nova. Portanto “enquanto houver visionários, a sociedade se mantém em movimento” (Idem, *ibidem*)¹³³. Essa Mística se recusa a aceitar a situação dada e gera energias para transformá-la, que faz aceitar as derrotas com honra e que é o “motor secreto de todo o compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas na monotonia das tarefas do cotidiano” (Idem, *ibidem*).

A conclusão dessas reflexões de Leonardo Boff é que a militância não é possível fazer-se sem a Mística, não importando a natureza da causa, seja ela política, religiosa ou humanística. Assim, a Mística assume os contornos de práticas vivenciais, das convicções que vale a aposta da própria vida¹³⁴. As práticas místicas é que galvanizam os Movimentos Sociais que conservam, reformam ou transformam a história. Então, como exercício lógico dessas conclusões, a militância nos movimentos existentes na América Latina que defendem e promovem os direitos humanos, é fruto da paixão e da Mística, ou como Boff expressa:

a mística é a própria vida tomada em sua radicalidade e extrema densidade... A mística sempre nos leva a suspeitarmos que, por trás das

¹³² Assemelha-se muito à famosa frase de Che Guevara: “Deixa-me dizê-lo, sob o risco de parecer ridículo, que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor”.

¹³³ Esse é um argumento central sobre a sobrevivência dos Movimentos Sociais. Os movimentos sociais surgem pelo reconhecimento dos direitos não concretizados (HONETH op. Cit.) na sociedade e a mantém em dinâmica movimentação (TOURAINÉ op. Cit.) e por isso são o motor das transformações sociais.

¹³⁴ Nesse sentido aproxima-se da idéia inicial da Mística enquanto prática vivencial dos iniciados de uma determinada crença religiosa ou não.

estruturas do real, não há o absurdo e o abismo que nos metem medo, mas viagem ternura, acolhida, o mistério amoroso... (In: BOFF; BETTO, 1996, p.27).

Frei Betto, abordando alguns exemplos históricos da prática política nos faz lembrar que em muitos momentos da história da militância partidária no Brasil exigiu que os seus militantes tivessem uma Mística muito forte, não no sentido da teoria, mas de vivência. Isso porque os militantes sabiam que ao decidirem ir para a clandestinidade pelo Partido Comunista ou outras organizações estavam colocando sua vida em risco, estavam sujeitos à tortura e assassinatos. Hoje, fala Betto, a cooptação do poder e das instituições proporcionou o abandono das causas originais dos partidos de esquerda.

De certa forma, os partidos vivem essa tensão da cooptação, que o poder como estrutura pode significar, e da exigência mística contida na proposta original dos partidos de esquerda, que é a fidelidade ao povo, a mudança da sociedade, a construção de um projeto novo e o próprio desafio de ser homens e mulheres novos (BOFF; BETTO, 1996, p.50)

Ademar Bogo (1998) já advertia que as acomodações cotidianas do nosso corpo nos fazem menos utópicos e estamos mais propensos a desistir dos nossos sonhos. No mesmo sentido, completa Betto que o uso do carro, de celular, o fato de ser ministro ou prefeito faz com que militantes gostem de usufruir o poder e das comodidades da vida e isso os leva a fazer concessões até então não pensadas. Nos duros tempos da repressão o revolucionário preferia perder tudo, arriscava até a vida pelo seu ideal, mas não podia perder a moral. Nesse sentido é que se pode entender a afirmação de Betto “A ética é um dos nomes da mística” (BOFF; BETTO, 1996, p.50).

Quando se fala em Mística acredita-se que esse é um fenômeno cristão monacal e medieval em que os místicos estariam apenas contemplando Deus nas suas celas individuais e em completo silêncio. Betto vai apresentar de outra forma a Mística e o fio condutor escolhido retoma a história ainda antes do início do cristianismo. Segundo ele a Mística é anterior ao cristianismo; que essa tradição vem desde os hinduístas que já viviam há 3000 anos antes de Cristo. Os Vedas, os Bramanistas e também entre os Pitagóricos já era praticada a vida cenobita, contemplativa, de ascetismo. O mesmo autor também mostra que na Mística cristã entendida como conhecimento especulativo considerando as influências filosóficas

que recebe, surge com Orígenes no século III. Com isso essa época é marcada pela perda do terreno do martírio, do sacrifício, como:

perda da dinâmica da militância do Reino, que é a dinâmica do martírio, dos confessores, em favor de toda uma arquitetura da contemplação e espiritualidade baseada na introversão, na ascética individual (BOFF; BETTO, 1996, p.59).

Em termos políticos é o imperador Constantino quem consegue cooptar os cristãos e transformá-los em aliados do império. Segundo Betto, na mesma obra, alguns que viviam nas catacumbas, fugindo da perseguição do poder, agora, nessa nova onda, estavam tomando chá na vila das madames¹³⁵.

Durante muito tempo, na Idade Média, a espiritualidade¹³⁶ passa a ser ou especulativa transcendental filosófica ou devocional arraigada nos símbolos cristãos, nas relíquias, na vivência religiosa em mosteiros, etc. Mas houve exceções como Francisco de Assis que propõe “uma espiritualidade ao alcance do leigo, porque não estudou filosofia, não estudou teologia, não leu a patrologia grega e latina, mas tem sentimentos e emoção, sabe identificar-se com Jesus... (BOFF; BETTO p.59)”. Na atitude de rejeição dos bens materiais por parte de Francisco de Assis, de ficar nu na praça pública, percebe-se a recusa da riqueza enquanto produção do capitalismo iniciante; então a mística franciscana assume uma característica de denúncia política e social na época. São João da Cruz e Santa Tereza também são exemplos de uma Mística mais centrada no coração humano e não na divindade aceita como algo inacessível ao ser humano e que só se pode chegar através do conhecimento. Conforme Betto muitos dos místicos incomodavam o poder e eram tachados de hereges; até os citados acima enfrentaram prisões e perseguições.

Muitos místicos que hoje são considerados hereges eram místicos sim, mas questionaram o poder de tal forma que este teve que excluí-los. Porque ou o poder se converte – o que é um milagre difícil – ou excluiu aquele que o ameaça (BOFF; BETTO, 1996, p. 62)¹³⁷.

¹³⁵ Expressão espantada de São Jerônimo que escreve aos seus amigos de Jerusalém que tinham vivido no tempo das catacumbas ao ver os bispos em Roma se deleitando com o poder. Referência de Betto cf. (BOFF; BETTO, p. 50)

¹³⁶ Mística é o ápice da Espiritualidade. “Mística e espiritualidade tem significados semelhantes, mas não idênticos. A mística se refere à experiência de Deus, ao passo que a espiritualidade se refere a todo o processo de crescimento....Espiritualidade é, pois, algo mais amplo” (BORRIELLO, 2003, p.381).

¹³⁷ Mestre Eckart, é considerado um dos maiores místicos do ocidente, ainda hoje sua teologia é acusada de herética.

Mestre Eckart, Francisco de Assis, Teresa, João da Cruz são místicos que falam de um fogo interior, de uma chama, uma brasa que devemos alimentá-la. Para Boff essa chama é a divindade em nós e cultivá-la é deixá-la aflorar em nós, escutar nosso coração. Nesse sentido o cotidiano passa a ter maior valor do que os êxtases místicos, porque “a Trindade não está no céu, na transcendência. Está no fundo do nosso coração” (BOFF; BETTO, 1996, p. 75), então as tarefas cotidianas que fazemos estão carregadas de mística e não precisamos do silêncio para encontrar as divindades ou Deus. É possível encontrar o divino no metrô, no centro de Tóquio, na Cinelândia, em um acampamento do MST ou em uma assembléia de operários. O místico não é só o monge trapista na cidade de Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul, que vive recluso em sua cela, mas todo o ser humano capaz de voltar-se ao seu interior, aos seus sentimentos e crenças mais profundas. Como nos diz Betto:

Há quem duvide que um trabalhador, um desempregado, um militante do ABC paulista possa ter acesso à mística, mergulhado que está em tantos conflitos. Se pensarmos assim, é porque ainda não entendemos o que é a mística (BOFF; BETTO, 1996, p. 87).

Os caminhos da Mística e das experiências com o divino ou com suas convicções mais profundas são mais vastos que possamos imaginar, assim não é possível acreditar que se possui o monopólio de Deus¹³⁸ pois como diz Boff: “Deus está em cada encruzilhada. Topamos com ele em cada caminho. É arrogância pretender ter o monopólio da verdade e achar que só o nosso caminho atinge Deus” (BOFF; BETTO, 1996, p. 86). Então essa visão da Mística liberta das diferenças religiosas e consegue ver a unidade das manifestações místicas e populares no divino.

Outro elemento importante acentuado pelos autores é a Mística cristã baseada no resgate da figura de Jesus¹³⁹, um leigo judeu dissidente da religião do seu tempo, e que foi condenado também por heresia e blasfêmia. O núcleo da sua

¹³⁸ Os últimos movimentos práticos e doutrinários realizados por Ratzinger, o Papa atual, aprofundam essa visão fundamentalista católica e causam imenso desconforto e protesto nas outras religiões e Igrejas cristãs.

¹³⁹ Jon Sobrino é o teólogo que trata mais extensivamente sobre esse tema na perspectiva Latino Americana. Veja-se principalmente a obra SOBRINO, J. A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2001. Diga-se de passagem, que esse teólogo sofreu um atentado em El Salvador onde todos os seus companheiros jesuítas foram assassinados e ainda sua produção teórica foi recentemente condenada pela hierarquia da Igreja Católica Romana.

espiritualidade segundo Leonardo Boff é a espiritualidade do conflito cotidiano no qual ele tinha momentos de intimidade com Deus. Ele rezava em meio à conflitividade da vida pública e essa é a capacidade de “conciliar militância e momentos de oração” (BOFF; BETTO p. 113).

Além disso, Jesus se preocupou com os pobres porque são as vítimas da injustiça que alterou o projeto do paraíso na terra proposto pela criação divina. Então o amor que ele sentia o fazia gerar a vida quando ela está ameaçada nos cegos, coxos, leprosos, o ladrão, a prostituta, enfim, pela escória social. E são esses que são os convidados prioritários do Banquete do Reino de Jesus (BOFF; BETTO, 1996, p. 116). Por isso Jesus combate a corrupção, o legalismo, a mentira e acaba como mártir assassinado. “Jesus foi assassinado. Não morreu na cama, morreu na cruz, de assassinato político” (Op. cit., p. 122).

A “descoberta” desse Jesus pobre e carpinteiro de Nazaré, que morreu pela atuação política e não por que Deus quis, causam uma profunda mudança dentro da Teologia latino-americana. Gustavo Gutierrez (2000, p. 22) ¹⁴⁰ afirma que a “irrupção dos pobres” nas lutas populares fora e dentro da Igreja é que desafiaram a Teologia a dar respostas inovadoras no contexto eclesial e político. Por isso, o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, os movimentos de libertação nacional tem um forte e genuíno impacto na Igreja que vai responder com a elaboração de uma Teologia voltada e a partir dessas classes populares e exploradas.

Segundo Gutierrez isso se dá porque o povo pobre e explorado da nossa América Latina é ao mesmo tempo oprimido e cristão. Essa é uma situação dolorosa e um grande desafio para a fé cristã e para a Igreja. Segundo Gutierrez (2000, p. 23): “O caráter cristão do povo latino-americano está marcado pela condição de opressão que vive. E, inversamente, sua fé sela a experiência de injustiça que sofre, assim como a busca pelos caminhos para libertar-se dela.” Esse encontro da Teologia com as pessoas que sofrem, esse encontro onde se provoca a compaixão solidária pelos sofrimentos é que se torna o ponto inicial de uma espiritualidade latino-americana diferenciada. Como diz Pablo Richard (1989, p. 31) ¹⁴¹:

¹⁴⁰ GUTIERREZ, G. A verdade vos libertará: confrontos. São Paulo: Loyola, 2000.

¹⁴¹ RICHARD, Pablo. A força espiritual dos pobres. Petrópolis/RJ: Vozes, 1989.

Quando os cristãos comprometidos no movimento popular a presença de Deus da Libertação dos pobres e na luta pela vida e pela justiça,... há como que uma reconstrução da Igreja a partir dessa presença de Deus nas lutas populares.

Elza Tamez, biblista, nos fala que na América Latina não existem apenas mártires individuais, mas um povo mártir; cita como exemplo o fato de, na Guatemala, os assassinatos serem, na sua maioria absoluta, de responsabilidade do Estado (87,65%)¹⁴². Mas esse povo não é apenas Mártir, mas também profundamente místico. Casaldáliga (1993, p. 61) nos diz que há regiões inteiras na nossa América Latina nas quais seria impossível encontrar algum ateu, ou melhor, que a religiosidade do povo latino-americano é quase co-natural como sua existência. A terra é mãe, e não por onda dos ecologismos de plantão, mas porque:

A ecologia não é uma moda nem uma necessidade ou previsão de sobrevivência. A terra é mãe, é santa, é a deusa, "Pacha Mamma". A natureza é a grande casa "natural" da família humana (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 61).

Então, a Teologia da Libertação sempre se deparou com essa profunda religiosidade do povo latino-americano, mas também com a constante dor pelo sofrimento e exploração que este esteve sempre submetido. As contribuições de Casaldáliga e Vigil sob essa questão da espiritualidade latino-americana nos mostram a necessidade de aprofundá-la, pois nela encontraremos a motivação espiritual que levou a Teologia da Libertação a se unir aos pobres, e, a partir desse contexto, suas produções teológicas.

Esses teólogos são muito conhecidos no meio da Teologia da Libertação por pensarem mais profundamente a espiritualidade¹⁴³; suas opções de vida nos indicam duas pessoas altamente comprometidas com a vida e a libertação do povo latino-americano. Por isso, esses escritos teológicos são como uma reflexão do seu agir prático dentro do continente americano.

A espiritualidade é tomada por Casaldáliga e Vigil como algo do espírito de

¹⁴² TAMEZ, Elza. Mártires na América Latina. In CONCILIUM, Nº 299, Petrópolis: Vozes, 2003/1, p.30-36.

¹⁴³ Boff coordenou nos anos 1980-1990 uma série de produções teológicas com a marca da Teologia da Libertação que queria re-escrever a teologia geral. Outras tentativas menos ousadas também foram empreendidas em outros países. Entretanto essa coleção atingiria basicamente 50 volumes escritos por diversos especialistas em teologia. Esse projeto foi abortado antes do seu fim pela censura eclesiástica imposta à Boff e à Teologia da Libertação. O livro ao qual me refiro nesse texto é parte dessa coleção que conseguiu ser publicado.

uma pessoa, como “o mais profundo de seu próprio ser: suas ‘motivações’ últimas, seu ideal, sua utopia, sua paixão, a mística pela qual vive e luta” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 22). Por isso sempre, desde o início, a espiritualidade tem que ser considerada como “macro-ecumênica” (Idem p.24), como patrimônio de todas as pessoas, pois todos somos, segundo os autores, marcadamente seres espirituais. Encontramos em paralelo dessa espiritualidade ecumênica ou inter-religiosa em outras denominações religiosas. Vejamos por exemplo no Islamismo, o Alcorão prega “enviamos a cada nação um mensageiro a proclamar: Servi a Alá e evitai o mal”, no Hinduísmo há a convicção que Deus está presente no íntimo de todos os seres; no Budismo, há uma doutrina sobre a idéia de que todos os seres são capazes de encontrar a iluminação e a salvação última. Ou seja

A bondade da realidade última é de importância universal, e por isso encontramos em todas as religiões diversas expressões da crença de que a presença salvadora do Divino não está confinada à nossa comunidade religiosa (SHMIDT-LEUKEL, 2004 p. 691)¹⁴⁴.

Evidentemente que essa questão é polêmica em termos filosóficos e antropológicos, o que é de plena consciência dos autores. Mas eles partem dessa concepção inicial¹⁴⁵ que o ser humano é espiritual, ou em outras palavras, possuem a convicção que o ser humano não é somente feito de matéria, só biológico. O ser humano se diferencia do animal justamente por essa imaterialidade misteriosa designada de espírito. “Chamado assim ou com outra palavra, o espírito é a dimensão de qualidade mais profunda que o ser humano tem e sem a qual não seria pessoa humana” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 25).

Esse ser espiritual vai se forjando pelas motivações individuais, pela utopia, pela animação que faz a pessoa vibrar, pelos sonhos que possui, ou seja, pela mística individual que adquire ao longo de sua vida através de suas experiências pessoais, na convivência com seus companheiros de jornada, de acordo com a

¹⁴⁴ O autor chama a atenção para a seguinte citação bíblica de Amós 9,7. “7 Por acaso, israelitas, para mim vocês são diferentes dos cuchitas? Eu não tirei Israel da terra do Egito? Mas, também não tirei os filisteus de Cáftor? E não fiz os arameus saírem de Quir?” que mostraria que Israel não era o único povo eleito que foi salvo pela obra divina. SHMIDT-LEUKEL, Uma nova espiritualidade para um mundo religiosamente plural. In CONCILIUM, nº308 2004/5 Petrópolis: Vozes, 2004 p.691).

¹⁴⁵ “toda pessoa humana está animada por um espírito ou outro, está marcada por uma espiritualidade ou outra... Esta afirmação pode ser entendida e explicada de mil formas diversas segundo as distintas correntes antropológicas, filosóficas e religiosas. Nesse livro não vamos entrar nesse debate” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p.25).

história. Assim sendo, quanto mais uma pessoa vive e age de maneira consciente, quanto mais cultiva os seus valores, seus ideais, sua mística, “mais espiritualidade tem, mais profunda e rica é a sua espiritualidade” (Idem p. 26). Por isso é possível afirmar que a concepção da espiritualidade latino-americana e da absoluta maioria dos teólogos da libertação é que a mística e a espiritualidade não são privilégios de alguns como o termo nas suas origens sugere. Mística e espiritualidade, como nos dizem claramente os autores:

Não é patrimônio exclusivo de pessoas especiais, profissionalmente religiosas, ou santas, nem sequer é privativa dos crentes. A espiritualidade é patrimônio de todos os seres humanos. Mais ainda. A espiritualidade é também uma experiência comunitária; é como consciência e motivação de um grupo, de um povo. Cada comunidade tem a sua cultura e cada cultura tem sua espiritualidade (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 26)¹⁴⁶.

As perguntas essenciais que os seres humanos se fazem ao longo de sua vida estão nesse nível de profundidade e não são perguntas explicitamente religiosas. São questões pessoais que todos devem enfrentar ao longo da vida. Dar um significado ao próprio mistério da vida. É nesse momento que nos defrontamos com aquilo que é nossa opção mais fundamental, que tomamos consciência de nosso papel dentro da história, qual é o nosso segredo mais íntimo e quais os valores que colocamos como centrais na nossa vida. Nesse sentido que esses teólogos chamam Deus, evocando Orígenes: “Deus é aquilo que alguém coloca acima de tudo o mais” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 27).

Existem diversos tipos de espiritualidade. A cristã se caracteriza no seguimento às ações de Jesus, ao seguimento do seu ideal de vida e seus compromissos que assumiu na época histórica em quem viveu. Ela é melhor que as outras? Nossos teólogos respondem que não, pois todas as culturas têm suas manifestações espirituais e místicas muito relevantes¹⁴⁷. Também são caminhos para a descoberta

¹⁴⁶ Na importante obra do pensador judeu Emanuel Levinas há a convicção que na origem do ser humano Deus criou-o de uma forma totalmente livre, ou melhor, criou uma criatura capaz de negar o seu próprio criador. Isto é, o ser humano tem a liberdade absoluta de negar a existência de Deus sem que isso ocasione qualquer drama de consciência no ateu. Parece que a espiritualidade da forma como aqui é tematizada tem esse contexto de liberdade de fundo. Veja-se SUSIN, L. C. O Homem messiânico. Porto Alegre: Est-Vozes, 1991.

¹⁴⁷ Parece ser uma promessa de diálogo dentro da teologia da libertação essa seguinte afirmação: “nunca mais trataremos os não cristãos como se fossem pessoas sem espiritualidade; nem nos julgemos superiores a eles” (Ibidem). Infelizmente essa forma de ver a espiritualidade não é a mesma da Hierarquia católica que nos seus últimos textos têm afirmado exatamente o contrário, ou seja, a primazia da Igreja católica e do cristianismo na salvação, no acesso a Deus.

da profundidade do ser humano. Um exemplo apresentado pelos autores é profundamente esclarecedor sobre o compromisso que a espiritualidade latino-americana proposta pela Teologia da Libertação provoca. É a questão da opção pelo povo e pelos pobres. Segundo eles, existem motivos éticos e políticos muito fortes para que a opção pelos pobres seja colocada prioritariamente fundamentada na prática de qualquer pessoa comprometida com a transformação social. Por outro lado, para os cristãos, as motivações primeiras estão no próprio plano da fé, na fundamentação bíblica e teológica. Gutierrez e Pixley expressam essa relação de forma totalmente explícita e são seguidos por Casaldáliga; Vigil (1993 p. 40)¹⁴⁸:

Digamos com clareza: a razão última dessa opção está no Deus que cremos. A razão da solidariedade com os pobres – com sua vida e sua morte – está ancorada em nossa fé em Deus, no Deus da vida. A raiz mais profunda da opção pelos pobres não é de caráter antropológico (humanístico, ético ou político). É sim, de caráter teológico, em particular teológico.

Na vida dos pobres transfigura-se a vida de Jesus, o pobre de Nazaré. Conseguir enxergar essa convicção cristã na realidade de pobreza e exploração do continente latino-americano é fazer a experiência do seguimento das pegadas do próprio Deus. Então a América Latina se transformou numa “matriz reveladora de valores absolutos que exigem uma resposta iniludível” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 47). O cristão que ficar indiferente diante dessa realidade de massiva pobreza estará ficando indiferente à revelação do próprio Deus cristão¹⁴⁹. Com razão diz-se que a realidade do continente americano se interpreta apenas com o olhar do pobre, ou melhor, a realidade estaria distorcida se tivéssemos outra perspectiva.

Assim, somente dentro dessa perspectiva da opção fundamental pelos pobres é que podemos descobrir o sentido mais profundo da vida cristã. A realidade passa a ter sentido apenas se tiver sido pensada a partir dos pobres. Talvez numa visão mais ligada às ciências sociais, sua marca fundamental dentro da Teologia da Libertação, encontramos em Hugo Assmann o autor que melhor expressou essa realidade teológica fundamental:

148 As obras são GUTIERREZ, G. El Dios de la vida. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones. 1981, p.87 e PIXELEY, J.; BOFF, C. Opção pelos pobres. Petrópolis: Vozes, 1987 p. 137.

¹⁴⁹ A mística como a experiência do transcendente a partir do sofrimento do pobre, na injustiça que sofre.

Se a situação histórica de dependência e a dominação de dois terços da humanidade, com seus 30 milhões de mortos anuais de fome e desnutrição, não se converterem em ponto de partida de qualquer teologia cristã hoje, mesmo nos países ricos e dominadores, a teologia não poderá situar e concretizar historicamente seus temas fundamentais. Suas perguntas não serão reais. Passarão ao lado do homem real. Por isso... é necessário salvar a teologia do seu cinismo (ASSMANN, 1973, p.40)¹⁵⁰.

Os teólogos chegam a afirmar que “os pobres são o único sacramento absolutamente universal e único sacramento absolutamente necessário para a salvação” (PIXLEY, 1987, p.50), pois, segundo eles, é por meio deles que vemos a realidade como ela é. Assim, a pessoa frente a essa realidade fundamental de nossa época histórica se encontra numa profunda indignação ética perante a pobreza; faz, além dessa opção ética, uma experiência de contato com o divino presente nessa realidade.

Nesse sentimento de compaixão, de indignação é que se encontra o sentido mais profundo da espiritualidade cristã da libertação latino-americana. Nas leituras bíblicas, partindo desse conceito fundamentalmente espiritual, descobriu-se um Deus absolutamente indignado com a situação de seu povo escolhido e que toma uma atitude de compaixão com ele. Particularmente algumas passagens bíblicas podem ser referidas a este propósito. A re-leitura de Êxodo 3,7-8 será fundamental para uma nova interpretação:

Javé disse: «Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. 9 O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam.»¹⁵¹

A conclusão dessa posição parece ser explícita; a indignação ética está na origem da própria revelação de Deus ao seu povo. Deus visto pela teologia latino-americana, não é o distante onipotente, onisciente, e onipresente descoberto pela teologia de Duns Scotus¹⁵². É um Deus que caminha historicamente com seu povo e se compadece pelo seu sofrimento. Ele desce para ficar no meio do sofrimento do

¹⁵⁰ ASSMANN, Hugo. Teología desde la praxis de la liberación. Salamanca: Síguime, 1973.

¹⁵¹ Bíblia versão on-line. Disponível em <http://www.paulus.com.br/BP/P1P.HTM>.

¹⁵² Veja GUERIZOLI, Rodrigo. A metafísica no Tratado de Primo Princípio de Duns Escoto. Porto Alegre: Edipucrs, 1999. Minha dissertação de mestrado, tratou em um dos capítulos da impossibilidade de se chegar à Deus apenas pela metafísica em Duns Escoto (COMERLATTO, 2000).

seu povo e para retirá-lo da opressão. Então, ficar do lado de Deus na América Latina é fazer o possível para libertar o povo preferido desse Deus que está sendo oprimido¹⁵³. Assim, na espiritualidade latino-americana está implícito que os pobres possuem um caráter educativo para a consciência mundial, pois “a opção pelo povo faz muitos assumirem conscientemente sua própria classe social, incorporando-se a ela como militantes conscientes e ativos” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 73).

Ser cristão é uma militância: viver e lutar pela causa de Jesus, do Reino. Ser militante, ser servidor do Reino... o bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O assalariado não, porque o assalariado não se importa com as ovelhas – Jó 10, 11-13 (CASALDÁLIGA & VIGIL, p. 81)¹⁵⁴.

Para ser um místico dentro dessa perspectiva é necessário que haja um cuidado especial ao cotidiano, à coerência de vida, pois a superação das injustas estruturas opressivas se dá também nos detalhes pessoais. Necessita-se da dedicação diária, fazer o que se fala e viver o que se fala, pois,

O utópico, o revolucionário, o santo marcado pelo espírito libertador é coerente, tem fidelidade desde a raiz de sua pessoa até os detalhes mínimos que os outros descuidam: a atenção aos pequenos, o respeito total aos subordinados, a erradicação do egoísmo e do orgulho, a entrega generosa nos trabalhos não remunerados, a honestidade para as leis públicas, a pontualidade... a delicada fidelidade diária é a melhor garantia da veracidade de nossas utopias. Quanto mais utópicos mais cotidianos (CASALDÁLIGA & VIGIL, 1993 p. 92).

Sendo o cotidiano o lugar onde se pratica a ascese, a espiritualidade cotidiana é a mais pura manifestação da autenticidade e da fidelidade ao projeto, à utopia, à nossa mística. Os sonhos de amanhã dependem de como se vive um dia qualquer, pois “a utopia não é quimera... O kairós deve ser vivido no kronos” (Idem, p. 93).

Jesus era a verdadeira imagem de Deus segundo crêem os cristãos. Os cristãos hoje podem ver Jesus no rosto do pobre perseguido e oprimido. Esse é o verdadeiro Deus cristão, aquele que está no meio do povo pobre e que se enche de

¹⁵³ Nem todos pensam assim. Veja-se o que diz Henry Kissinger: “Nada de importante vem do Sul. A história nunca foi feita no Sul... tudo o que puder acontecer no Sul não tem importância” (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993, p. 52).

¹⁵⁴ A militância cooptada pelo partido, transformada em militante profissional, parece ter essa característica do pastor assalariado.

ira com as injustiças praticadas contra ele; mas não fica distante¹⁵⁵, se compadece e age no meio do seu povo. Isto é, as injustiças praticadas contra o seu povo Deus não só condena como também responde através de uma ação: desce para libertá-lo.

Assim ele se revela dentro da história de seu povo (“sou o Deus de Abraão, Isaac...”) e propõe um caminho para encontrá-lo, dá lições de onde procurá-lo. O lugar privilegiado onde o místico encontrará o divino, ou o Deus Cristão nesse caso, é no povo pobre, pois desse lugar onde a história humana se manifesta de forma mais especial é também o lugar mais especial da manifestação do Deus cristão. Assim, ser místico cristão, ser contemplativo da libertação supõe uma opção pelos pobres, estar no meio dos processos de libertação dos pobres, na luta, na causa diária e não no Olimpo celestial (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p.137).

Quanto à santidade, os místicos foram durante muito tempo estigmatizados como aqueles que conseguiam ficar totalmente isolados das realidades políticas e históricas; hoje a santidade se dá através da “santidade política” que está alicerçada no nexos entre fé e política, pois:

Não são poucos os políticos que se tornaram políticos no caminhar das Igrejas com os pobres e que se educaram em um profundo contato com as comunidades de base ou com os diversos serviços eclesiais de defesa dos direitos humanos, dos trabalhadores, dos camponeses e dos indígenas (CASALDÁLIGA; VIGIL, 1993 p. 206).

A teologia da Libertação é teologia concreta, uma teologia que se insere na luta dos Movimentos Sociais populares, nos partidos políticos, nas comunidades de base. Esses são os lugares onde se desenvolve essa teologia, essa Mística, pois é nesses lugares que se encontra Deus. Em última instância, a teologia da libertação propõe que a opção pelo pobre é uma opção de Deus, pois como nos diz Gutierrez (GUTIERREZ, 1994, p. 309)¹⁵⁶ “Toda a Bíblia, desde o relato de Caim e Abel, está marcada pelo amor predileto de Deus pelos débeis e maltratados da história humana. Essa preferência manifesta precisamente o amor gratuito de Deus”.

De acordo com Boff a compaixão pelas vidas mais vulneráveis não é apenas um ponto fundamental do cristianismo, mas de todas as religiões. A volta do religioso

¹⁵⁵ Deus para Aristóteles era o primeiro motor imóvel que estava distante de tudo, movia o universo e não sabia que movia. Essa doutrina serviu de base para a concepção de Deus de Tomás de Aquino que de forma comprovadamente lógica é infinito, perfeito, criador, etc.

¹⁵⁶ GUTIERREZ, Gustavo. Pobres y opcion fundamental. In SOBRINO, J; ELLACURIA, I. *Mysterium Liberationes: conceptos fundamentales de la Teologia de la Liberación*. Tomo I. Madrid: Trotta, 1994.

na nossa época deve trazer junto também o confronto com a pobreza que assola dois terços da humanidade. Agora, as Igrejas que se mantêm distantes dessa dramaticidade vivida pela humanidade, “correm o risco de atraí-lo a natureza da própria experiência religiosa, que é sempre solidária e sedenta de justiça, perder a credibilidade” (BOFF 1993, p.71) ¹⁵⁷. Até porque as formas das experiências místicas contemporâneas estão longe de serem mediadas pelas religiões instituídas.

Especificamente no Brasil, parte da intelectualidade ligada diretamente à Igreja Católica esteve associada até 1960 a movimentos e pensadores europeus, como Jacques Maritain, Emanuel Mounier, Teilhard de Chardin. Estes se destacam pela defesa de um pensamento humanista que transponha o núcleo do indivíduo moderno, para abarcar a relação eu - outro. Disso surgiu o desenvolvimento de um personalismo comunitário e uma opção socialista democrática que desembocou na Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Ação Popular (AP), e outros precursores da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) ¹⁵⁸.

Nesta década de 1960, a Igreja Católica, principalmente depois do Concílio Vaticano II, passou a preocupar-se com questões mais amplas que a própria eclesialidade. João XXIII deu vazão à necessidade de a Igreja abrir-se para o diálogo com outras visões de mundo, com a modernidade. A Conferência dos Bispos Latino-Americanos – CELAM, em Medellín (1968), foi um marco histórico na América Latina, pois, além da aplicação de decisões do Concílio Vaticano II, seus articuladores (D. Helder Câmara, Bispo Secretário Geral da CNBB, junto com D. Manuel Larraín, Bispo de Talca) queriam avançar mais em direção a um Novo Concílio. Esses movimentos iniciais da Igreja católica sinalizavam que novas formas de vida cristã seriam vivenciadas.

Segundo Gómez de Souza (2002) Medellín foi um verdadeiro marco para a Igreja da América Latina. Não havia mais o contentamento com as temáticas européias. A conferência expandindo-se para a crítica da sociedade desigual, falou do “pecado social” e proclamou a “opção preferencial pelos pobres” como lugar teológico preferencial da vivência religiosa na América latina. Compreendia-se que a

¹⁵⁷ BOFF, Leonardo. Ecologia mundialização espiritualidade: a emergência de um novo paradigma. SP: Ática, 1993.

¹⁵⁸ São representativos dessa época os escritos de Gómez de Sousa (1979, 1985 e 2002).

pobreza e a miséria não eram vontades divinas, mas problemas de organização social. Dessa geração, muitos teólogos, clérigos e bispos partiram para uma nova forma de evangelização, conscientizando e apoiando organizações que visassem à transformação social¹⁵⁹. Em termos de teorização teológica, a Teologia da Libertação foi a expressão mais próxima da realidade social-ecclesial que se produziu na América Latina. No dizer de Comblin (2002, p. 188):

1º - A Teologia da Libertação foi a primeira expressão teológica inspirada na realidade latino-americana. Por isso ela entrou na identidade latino-americana. 2º - A teologia latino-americana teve alcance mundial porque suscitou movimentos paralelos em todos os continentes do Terceiro Mundo e conseguiu questionar a teologia do Primeiro Mundo. 3º - A teologia da libertação obrigou a Igreja a assumir o tema dos pobres, fundamental na Bíblia e silenciado durante séculos pela hierarquia... Levou a Igreja a assumir o que nem o Concílio Vaticano II se atreveu a assumir: a relação privilegiada entre a Igreja e os pobres.

A Teologia da Libertação surgiu da participação ativa dos cristãos nos movimentos da história na América Latina nas décadas de 1960 a 1970 e desenvolve-se ainda hoje. Surgiu como uma reflexão teológica, portanto teórica e sistemática sobre a experiência cristã dentro de uma prática de libertação a partir dos pobres, das vítimas, dos ameaçados, dos desvalidos. Nasceu da crítica à opressão histórica do povo, da descoberta da presença de Deus na vida dos oprimidos e na luta pela libertação (RICHARD, 1991). Foi o surgimento de uma reflexão teológica associada a um agir prático sobre a opressão histórica dos pobres na busca por alternativas de sua superação. Isso fez grande parte da estrutura da Igreja latino-americana mudar.

A Igreja não poderia ser mais vista como uma entidade voltada para dentro de si mesma (a salvação está dentro dela), ou uma Igreja hierárquica voltada para as classes dominantes, pois, nesse caso, a prática histórica não a atinge; vive fora do tempo e do espaço na imparcialidade da não-intervenção política. Também não poderia ser uma Igreja reformista, como apresentada pela ótica moderna do Concílio Vaticano II e realizada na prática por movimentos cursilhistas. Mas, como Igreja a partir dos pobres (dos movimentos populares em busca da transformação social, de uma nova alternativa de sociedade). As CEBs são a forma mais original de se viver a

¹⁵⁹ Gómez de Sousa (2002 p.37) fala desse período como a "década gloriosa" da Igreja por ter sido a "voz dos sem-voz", pelo desenvolvimento das CEBs, as pastorais sociais que darão origem em um período posterior à renovação do sindicalismo brasileiro, do Partido dos Trabalhadores - PT e do MST.

fé cristã (BOFF, 1982).

Os teólogos que marcaram esse período inicial foram Gustavo Gutierrez, a partir do envolvimento com a periferia de Lima, no Peru, Juan Luis Segundo preocupado com a libertação teórica da Teologia, e Hugo Assmann partindo da crítica ao capitalismo e assumindo o marxismo. A Teologia da Libertação se desenvolveu e novas fases vieram, sobrevivendo até hoje em orientações diversas.

A forma tradicional de espiritualidade era assistir a missa, comungar, rezar o terço e confessar; além do mais, a moral rigorosa fazia com que os fiéis se sentissem “em pecado” se não fossem atendidas todas as obrigações eclesiais. Eram culpados porque se “afastavam de Deus” que, evidentemente, estava na Igreja. Sentiam que estavam sendo castigados. Nas CEBs, teólogos da Libertação que as assessoravam tiveram um papel preponderante quando apresentaram “novas” pistas de espiritualidade e Mística. Vicentinho, líder metalúrgico no ABC paulista, em crise de fé, foi orientado por Frei Betto:

Vicentinho, você quer ver a Deus? Olhe para a criança que está na rua abandonada. Olhe para o aposentado favelado... Olhe para o povo que está sofrendo. Assim você vai encontrar Deus com facilidade. E não se sinta culpado porque não comunga na Igreja. Você está comungando na Assembléia da Vila Euclides (MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA. 2001 p.22).

Essa nova orientação dada aos cristãos engajados nos movimentos eclesiais, políticos e sociais foi determinante para a transformação da visão de espiritualidade e Mística nos Movimentos Sociais, o que perdura até hoje. Os militantes começaram a ver com outros olhos a mesma realidade.. “Aí me reencontrei com Cristo de forma diferente. Por isso, no meu jeito de orar, hoje, trato Cristo como companheiro” (Idem, ibidem). E a Mística “é aquilo que nos faz ver o mistério no fundo das coisas, o que nos dá ânimo para ver de maneira diferente a realidade do dia a dia” (Idem p. 70).

Hoje, ser místico é conseguir enxergar atrás das coisas algo além da abstração do trabalho¹⁶⁰, algo além da coisificação do trabalhador. É conseguir perceber que há um ser humano vivo¹⁶¹ produtor de mercadorias, mas que não pode aparecer dentro da estrutura, ou melhor, não pode ser levado em consideração a não ser como

¹⁶⁰ A forma de trabalho é abstrata na sociedade moderna, segundo Marx. (KAMMER 1998).

¹⁶¹ Essa descoberta importante de Marx tornou-se o impulso inicial da crítica ao capital como uma totalidade (MARX 1982).

cálculo econômico. E quando não se consegue ver no produtor de mercadorias alguém – não apenas um recurso humano ou uma força de trabalho – um sujeito capaz de agir e transformar seu espaço social e interferir na sociedade nega-se a possibilidade de emancipação social. Por isso, grande é o desafio de resgataremos dentro desse sistema o que Leonardo Boff chamou de místico e espiritual.

Queremos resgatar um conceito mais amplo de ser humano, um ser humano profundamente espiritual. Quando dizemos espiritual, dizemos um ser capaz de solidariedade (MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA. 2001 p.33).

Mas, o conhecimento da estrutura social em que os Movimentos Sociais estão inseridos não pode ser descartado. Pelo contrário, o militante poderá ver com maior clareza quais os passos que deverão ser dados, os limites e os avanços que o próprio movimento em que este militante está inserido conseguiu. Essa é a tarefa do capítulo 3 desse trabalho.

Uma das pastorais sociais criadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi a Comissão Pastoral da Terra (CPT), no intuito de ajudar na solução de problemas agrários que se intensificavam no Brasil, principalmente na região amazônica. Os bispos católicos a criaram em Goiânia, em 1975. Ela foi muito importante para a reorganização das lutas dos camponeses e do MST (STÉDILE, 1999), além de representar uma autocrítica da Igreja frente à ditadura militar e ao modelo de agricultura baseada na monocultura, no latifúndio e no uso intensivo de implementos agrícolas. Este modelo, chamado de Revolução Verde estava associado ao processo de expropriação e proletarização dos agricultores em todo o país (RIBEIRO 2004b; STÉDILE, 1994).

Inspirados na Teologia da Libertação, os agentes da CPT abandonaram o discurso messiânico de esperar a solução para os problemas no céu e passaram a dizer: “Tu precisas te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na terra” (STÉDILE 1999 p. 20). A CPT ainda aglutinou ecumenicamente o setor luterano em alguns estados como Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, ligados particularmente às suas Igrejas, e isso foi decisivo na origem do MST, pois se não teriam surgido diversos movimentos fracionados. Stédile, inclusive, admite que o MST tenha origem direta da CPT.

Por isso, no MST as práticas eclesiais de organização, os valores cultivados, a

espiritualidade sempre foram fortemente marcados pela Igreja. Stédile reconhece isso quando diz que a Igreja ajudou o MST a ser mais plural e menos dogmático, mais aberto e a não procurar uma verdade absoluta.

Eu acho que a fé nos ajuda a compreender que a militância é um compromisso de vida e que, portanto deve ser exercido cotidianamente. A segunda coisa que a fé nos ajuda, é ter a certeza que é possível mudar, acreditar, sobretudo na força do povo. (MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA. 2001 p.20).

À medida que a luta se arraigava junto aos Movimentos Sociais populares, mais era sentida a necessidade de refletir sobre a espiritualidade, por parte daqueles que, movidos pelos ideais e valores cristãos, estavam comprometidos e militavam em diversos movimentos sociais e políticos. Mas é preciso que a fé seja engajada na sociedade e que procure mudar as coisas que não estão conforme com os ideais evangélicos. Por isso, Stedile complementa,

A fé nos ajudou a entender também, que enquanto houver uma sociedade injusta, desigual e com tantos pobres, é obrigação de quem acredita no evangelho de continuar a sua luta para mudar a nossa sociedade (MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA. 2001 p.20).

Tomás Balduino, bispo católico que está nas origens da CPT fala da inovação da Igreja no relacionamento com os camponeses injustiçados. Reconhece neles a condição de sujeitos autores e destinatários de sua própria história. Essa intuição foi vivida por muito tempo pelos agentes de pastoral, pelos militantes da reforma agrária e oficialmente respaldada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB - em 1980, representação máxima da Igreja católica brasileira.

Da mesma forma, a partir das Comunidades Eclesiais de Base, sobretudo na zona rural, foram surgindo organizações de homens e mulheres para enfrentar os problemas e as necessidades do lugar. Animados por uma animação religiosa e bíblica esses grupos foram caminhando com muita autonomia e articulação na busca política das soluções do que queriam (BALDUINO 2002, p. 305)¹⁶².

Muitos até hoje não acreditam que os lavradores, muitas vezes analfabetos, sejam capazes de tomarem decisões autonomamente e os julgam como massa de manobra, cabos eleitorais, ou qualquer outro adjetivo depreciativo para diminuí-los

¹⁶² BALDUÍNO, Tomás. A luta pela justiça na terra. IN CONCILIUM nº 294, 2002/1 Petrópolis: Vozes, 2002, p. 351-357.

como sujeitos participantes de um Movimento que historicamente se tornou atuante na política. Mas esse é o motivo pelo qual o MST prosperou: a crença no protagonismo histórico dos sujeitos envolvidos. Essa atitude provém dos trabalhos de base que os agentes de pastoral fizeram depois do Concílio Vaticano II, especialmente depois da criação da CPT, em 1975. No início do Movimento não havia a consciência de classe em termos marxistas, mas a necessidade de se organizar para resolver seus problemas. Stédile fala sobre isso da seguinte maneira:

A autonomia, como método de luta, nos ajuda a crescer, porque força as comunidades, os grupos que estão no Movimento a refletirem sobre sua prática, a decidirem em assembléia e tomarem decisões, mesmo que sejam erradas (STÉDILE, 2001 p. 121).

A questão é que se houver alguém melhor que o próprio grupo de criar as melhores estratégias de ação o grupo sempre ficará dependente dessa pessoa em particular e a base perde o protagonismo. É melhor decidir por conta própria, errar e aprender com os erros que depender das certezas dos grandes estrategistas e ficar dependente deles. Por isso cada grupo localizado do MST tem total autonomia para decidir suas ações, visto que eles próprios deverão arcar com as conseqüências delas como a repressão, o enquadramento pelos aparelhos de Estado, etc.

Como isso começou temos como exemplo a pesquisa de Eli Benincá¹⁶³ no início do Movimento, na Encruzilhada Natalino no estado do Rio Grande do Sul. Nela pode-se encontrar como aconteceu na prática a transformação de uma consciência ingênua para uma consciência revolucionária; nela podemos encontrar a importância que teve a religiosidade no despertar para uma vida de militância. Segundo Benincá (2002, p. 154):

Em 1981, período de instalação do Acampamento Natalino, prevalecia a reflexão teológica da libertação, que tentava superar a consciência ingênua da resignação. O projeto social de “nação”, que era refletido pela teologia da libertação, opunha-se de forma radical ao projeto colonial e capitalista, que necessitava de uma teologia de apassivamento e resignação das consciências. Como as práticas políticas são decorrentes e coerentes com a concepção política e religiosa de mundo, seria insustentável a organização de um acampamento revolucionário de homens e mulheres excluídos da posse da terra, cuja postura política fosse de inoperância, passividade e resignação.

¹⁶³ BENINCÁ, Elli. O senso comum pedagógico: práxis e resistência. Tese (doutorado) -. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 248f.

Benincá explica que a imagem que os escravizadores passaram para o povo era a de um Deus poderoso. O temor implantado nas consciências individuais fazia que todos se submetessem e aceitassem os sofrimentos e as injustiças como ações normais. A “resignação é, pois, uma atitude que revela uma consciência política e pedagogicamente impotente” (Idem).

Aqui se revela a importância da ação dos agentes da CPT, imbuídos pelo espírito da solidariedade, que traziam junto concepções religiosas de que apontavam para a resignação. Eles se faziam presentes no acampamento¹⁶⁴. Percebiam que as práticas políticas de luta e dos acampados não tinham correspondência com a concepção religiosa de resignação de que eram portadores. “A ação política contradizia a consciência religiosa fragmentada” (idem, ibidem) segundo Benincá. A questão pedagógica que se colocava era de como fazer esse salto de consciência. Surgiu a questão central que foi a idéia de Deus.

O temor a Deus, em muitas consciências, expressava-se muito mais como pavor do que como respeito a Deus. Outras idéias-força, decorrentes da idéia de Deus justiceiro, foram identificadas entre os acampados, como procissões e peregrinações, cruz e sofrimento, justiça no pós-morte e uma visão negativa de trabalho, entendido como castigo pelo pecado. (Idem p. 155)

A possibilidade de rompimento dessa visão colonialista de Deus começou com as práticas que essas pessoas já estavam acostumadas, o estudo da Bíblia nos círculos bíblicos¹⁶⁵, principalmente pelo estudo das passagens bíblicas referidas anteriormente, no Êxodo. Com esses estudos os acampados começaram a descobrir um novo sentido para Deus. Começaram a

compreender que a servidão por eles vivida não provinha da vontade de Deus, mas da vontade dos homens, que tinham interesse no processo de escravidão pelo qual aqueles passavam. O Deus da Bíblia era poderoso, de tal forma que destruíra o Faraó e libertara os escravos; por causa da injustiça contra os israelitas no Egito, Deus se fizera deles companheiro de luta e guerreiro. Mas o projeto político que o Deus da Bíblia propõe é de um novo céu e de uma nova terra, declarando-se inimigo dos projetos que geram desigualdade social e econômica. (BENINCÁ, p. 158)

Nessa grande intuição bíblica os agentes da CPT ensaiaram uma nova forma

¹⁶⁴ Ir Elda Broilo que tive o prazer de entrevistar no ITERRA foi uma das religiosas que desde cedo acompanharam o MST. Seus relatos se cruzam com os de Benincá.

¹⁶⁵ Ainda hoje é forte a tradição rural no interior do RS de encontros para novenas, terços, leitura da Bíblia.

de ver Deus, e deram um incentivo ao início do que nós podemos chamar hoje de Mística do MST. Esses agentes pastorais, formados pelas Igrejas vinculadas à teologia da libertação mostram um Deus da Bíblia que possui um sentimento de indignação ao ver o sofrimento dos sem-terra, que é contra a opressão e que não aceita a exploração humana. Mais ainda: “Deus lutou com o povo e escolheu os sem-terra para construir a nova sociedade” (BENINCÁ, 2002, p. 158). Os membros do MST passam a ser o povo escolhido por Deus para fazer a justiça sonhada e com ele buscarão a terra prometida. O Deus todo poderoso está agora do lado dos Sem-Terra e não dos fazendeiros, está do lado daqueles que são torturados e martirizados e não dos militares. Deus é agora libertador.

O Deus do Êxodo está do lado dos que estão acampados, dos que sofrem, daqueles que não têm as condições mínimas para uma vida digna. Esse Deus não aceita a injustiça. A luta pela terra se torna então uma luta que o próprio Deus designa para seu povo. Ele se mostra favorável aos sem terra; a luta pela terra é uma luta desejada por Deus. Lutar pela terra passa a ser entendido como um ato de cumprir a vontade de Deus. Essas são no fundo as grandes mensagens de Carlos Mesters¹⁶⁶ sobre a Bíblia. Juntamente com Milton Schwantes, Carlos Mesters popularizou no continente o que se chamou de leitura popular da Bíblia, método de estudo e aprofundamento da Bíblia nos círculos populares¹⁶⁷. É possível notar na obra desses estudiosos da Bíblia a identificação do povo pobre com o povo escolhido por Deus para a libertação social.

Outras passagens bíblicas também servem para interpretações extremamente úteis à causa da libertação latino-americana. Vejamos um exemplo de estudo hermenêutico sobre Is 49, 1-6¹⁶⁸ recentemente realizado. Partindo desses famosos biblistas já citados, Silva (2007) relaciona o “servo de Javé” de Isaías com os Movimentos Sociais atuais. Exemplifica com as mulheres da Via Campesina que sofrem perseguições pela ação na Aracruz, com as mulheres da Praça da Sé que tiveram suas vidas maculadas pela violência urbana, com os povos indígenas

¹⁶⁶ É necessário também apontar que biblistas latino americanos sempre estiveram aliados nesse processo de libertação latino americana. Para citar alguns, temos: Gilberto Gorgulho, Elza Tamez, Milton Schwantes. Ana Flora Anderson.

¹⁶⁷ Cito duas de suas importantes obras: MESTERS, C. A missão do povo que sofre: os cantos do servo de Deus no livro do profeta Isaías. Petrópolis: Vozes, 1981. MESTERS, C. A Bíblia como memória dos pobres. Petrópolis/RS: Vozes, 1983.

¹⁶⁸ SILVA, Rebeca P. A vida dos pobres é luz para o mundo. Estudo de Is 49,1-6. (Dissertação de Mestrado) PPG Teologia PUCRS. Porto Alegre, 2007.

alijados de suas terras e direitos, com os catadores de lixo das grandes cidades... O povo é o coletivo profético que Deus chama para ser luz das nações Segundo a autora:

Esses tem, como o servo de lahweh no Deutero Isaías, uma missão de ser luz, não só para si, mas para todos os pequenos e explorados e perseguidos... Deus continua a chamar servas e servos para serem luz e os convida a transformar o mundo e cuidar da criação. Ele entra na história, no cotidiano das servas e servos sofridos. É através delas e deles que acontece a ação libertadora de lahweh. A força de Deus vem ao encontro daqueles que se encontram impotentes frente ao sistema de morte (SILVA, 2007 p. 67).

Libâneo também expressa como Deus é visto hoje pela Teologia da Libertação:

Se o deus do capitalismo opta pelos ricos, o Deus da libertação o faz pelos pobres, que carecem das condições de vida... Deus sofre ao lado dos pobres. Outro traço dessa imagem do Deus da libertação. Finalmente, é também um Deus que ouve o grito da Terra a ser articulado com o grito dos pobres. A Terra é o pobre cuja morte acarretará a morte de todos nós. Portanto, o Deus criador é o Deus da vida dos pobres e de todo o nosso planeta. Tudo está envolvido nesse mesmo projeto de amor.¹⁶⁹

Incorporada essa nova visão de si próprios enquanto servos de Deus e como anunciadores de uma nova realidade, uma utopia, uma missão divina dada ao coletivo sem-terra, essa nova visão de Deus transforma até os velhos defeitos em virtudes proféticas. Exemplo disso são a resistência e a passividade frente à vida e a capacidade de suportar o sofrimento que foram considerados por muito tempo atitudes passivas de dominados, agora se tornam fortes aliados:

Os agentes de pastoral que acompanharam os acampados, tanto em Encruzilhada Natalino como, posteriormente, na Fazenda Annoni, testemunham que, nos momentos de maior crise e ameaças, os mais resistentes às pressões foram sempre as mulheres e os caboclos. A índole passiva dos caboclos e a capacidade de sofrimento das mulheres fizeram delas e dos caboclos baluartes de resistência, capazes de se sobrepor a todas as contrariedades provocadas pelas circunstâncias (BENINCÁ, 2002 p. 153).

Outro grande testemunho sobre o início da incorporação da Mística dentro do MST é a questão da incorporação do símbolo da cruz, que é um símbolo explicitamente cristão, dentro do acampamento e que faço questão de reproduzir aqui, pois acredito que Benincá conseguiu captar a essência da incorporação

¹⁶⁹ LIBANEO. J. B. O Deus dos místicos. Disponível em <http://www.jlibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=42>

religiosa dentro das lutas do MST.

A cruz colocada na entrada do Acampamento de Encruzilhada Natalino teve um efeito muito forte sobre os acampados. Ela surgiu da tradição do catolicismo popular e das missões religiosas. Para os que tiveram uma vivência religiosa recordam que havia muitas “Missões Populares” nas comunidades religiosas. Eram pregações de religiosos que vinham de outros municípios e traziam para aquele lugar um novo ânimo, um novo entusiasmo para a participação religiosa.

Essas missões sempre deixavam uma cruz como sinal de fé e de sua realização naquele local. Cada cruz tinha uma inscrição intimista “Salva a tua alma”. Essa cruz também fazia parte do acampamento. Mas a sequência de fatos curiosos modificou o rumo daquela forma de ver a espiritualidade, a mística dentro do acampamento. A cruz era leve e pequena demais para o acampamento, devido aos grandes sofrimentos e opressão do povo que ali morava. Alguns depoimentos de acampados, recolhidos por Benincá, atestam que na preparação de uma semana santa houve muita discussão sobre o que a cruz representava o sofrimento e a luta do acampamento. Disse um acampado: “Então, nós fizemos uma cruz pesada que precisa de 15 a 20 homens para carregar” (BENINCÁ, 2002 p. 160). Mas a solidariedade e todos ajudando a carregar a cruz, seu peso fica mais leve, como dizia um acampado. A morte de crianças no acampamento foi simbolizada pelo amarrar de quatro panos brancos na cruz. Benincá atestou que:

Os acampados transformaram o local da cruz em ponto de encontro para os seus debates e celebrações. Nos momentos de forte repressão policial, era ao redor dela que se reuniam para tomar suas deliberações e para se apoiar mutuamente e não fraquejar (Idem p. 161).

O povo sofrido ainda decide carregar uma cruz pesada e que individualmente seja impossível de carregar. Isso mostra a mística vivida como parte da existência individual e coletiva. O local da cruz passou a ser o local mais público do acampamento onde se agrupavam, recebiam apoios e manifestações de entidades da sociedade civil, onde se reuniam e deliberavam. A cruz passou a representar que existe uma garantia divina na luta pela terra, que Deus está no meio dos Sem-Terra. Deus que está conosco, assim, como expressa muito bem Benincá:

A construção do símbolo da cruz de Natalino significou a construção de uma consciência nova, que já não procurava a salvação de forma individual, mas

comunitária, através de um projeto político comum. Tratava-se, portanto, de um símbolo de esperança para aqueles que, mesmo excluídos socialmente, conseguiam se organizar e lutar por uma sociedade na qual pudessem readquirir sua cidadania. (BENINCÁ, 2002, p. 165).

Mas a Mística dentro do MST não parou na cruz, pelo contrário, só iniciou. A Mística ao longo do tempo se transformou. Passou dos símbolos extremamente carregados de significação religiosa confessional como a cruz, as missas e cultos, para as animações voltadas ao cotidiano e aos valores gerais do Movimento sem ser explicitamente confessional de uma expressão religiosa.

Marcelo Barros, monge e escritor, em uma palestra a militantes do MST tentou aproximar a Mística para o cotidiano de uma forma especial. A Mística se relaciona com segredos. Às vezes precisamos fazer segredo, por exemplo, quando precisamos nos arriscar.

Quando os companheiros e companheiras decidem ocupar uma fazenda, têm de organizar bem as pessoas que podem ir, escolher bem a noite ou madrugada adequadas e manter todos os preparativos em segredo porque se não, correm o risco de quando chegarem na área, encontrar a polícia armada ou jagunços para impedir. Ou na véspera, o fazendeiro manda passar um trator na área para dizer que a fazenda está sendo cultivada... Mas esse segredo ele não pode ser de muita gente. Imaginem um segredo que eu conto a 300 pessoas¹⁷⁰.

Assim a Mística é nossa companheira de existência diz Marcelo. Ela é o mais profundo de nossas vidas e não é algo apenas intelectual ou ideológico. É de amor, pois “a coisa mais terrível é um assessor técnico que orienta tudo, mas não se envolve com amor naquilo que ele vive” (Idem). Por isso essa Mística não pode ser reduzida a uma determinada crença religiosa, mas faz parte da espiritualidade de cada um. Marcelo de Barros alerta que no capitalismo o mistério mais profundo é a senha de banco, o quanto de dinheiro que você possui.

Mas a Mística a qual Marcelo propõe é diferente,

é o projeto mais profundo, mais alto que temos na vida e as razões mais profundas do coração para dar a vida por este amor. A espiritualidade é o caminho para viver no dia a dia esta mística e ela nos pede uma ética, supõe uma coerência com o que queremos. (BARROS, idem).

¹⁷⁰ BARROS, Marcelo de. Estar sempre prontos a prestar conta da esperança que habita em nós - (Mística, Utopia e Valores do Militante Popular). Disponível em http://empaz.org/marcelo/textos/longos/m_palestra_mst.htm.

Mas é algo que se cultiva no cotidiano, nas relações interpessoais, nas relações com a esposa e esposo, nas relações com os filhos e com os amigos, nas relações de trabalho. Por isso a Mística vivida no cotidiano pressupõe uma conversão. Isto é, fazer uma reviravolta, “uma revolução dentro de nós mesmos e na sociedade”. Mas como toda Mística precisa de treino e envolvimento, necessitamos de ajuda comunitária. É na prática do engajamento para transformar o mundo que se consegue essa intimidade com a Mística, com a utopia e não em um contato imediato com o plano espiritual. Essa união mística também é uma união revolucionária, pois:

o que nos une, é mais do que ambição pessoal, ou um projeto apenas social e político. É uma espiritualidade. Uma mística, um sonho que os estudiosos chamam de utopia quando a gente se junta e começa a lutar para realizar (BARROS, idem)

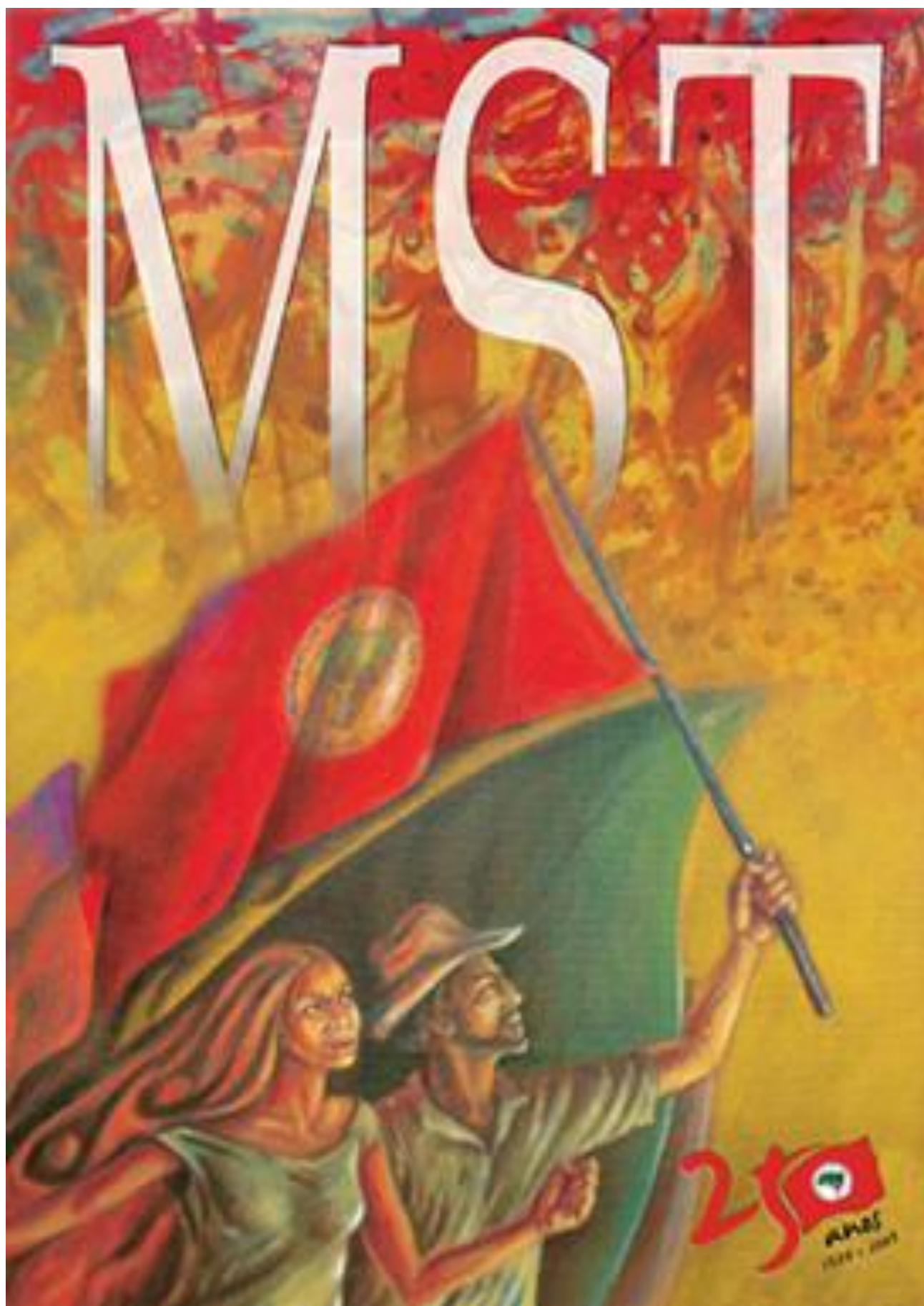
É nesse sentido que é possível acrescentar que a verdadeira revolução é uma obra de amor, que o amor é profundamente revolucionário e todos os que trilham esses caminhos revolucionários dos grandes ideais de transformações sociais está em constante relação com o divino. É um místico. O momento cotidiano é o momento revolucionário no qual se manifestam os grandes ideais que a humanidade possui. Por isso a responsabilidade é muito grande em poder aproveitar esse momento especial. Muitos gostariam de viver esse momento místico; somos os representantes dos mártires que nos precederam por isso que, como místicos, cada um deve viver na radicalidade “do amor revolucionário que fez estes mártires darem a sua vida” (idem). Essa é a mística comprometida com os grandes ideais radicais de generosidade. Marcelo Barros ainda nos fala que a revolução deve restaurar “a dignidade dos oprimidos e excluídos do mundo. Sem esta prioridade do cuidado dos pobres, não haveria verdadeiramente uma revolução”¹⁷¹.

Como conseguir isso dentro do Movimento ou como continuar despertando essa prática revolucionária dentro dos militantes, das crianças, dos apoiadores? Essa questão só pode ser respondida através da vivência cotidiana da Mística, de proporcionar momentos intensos e contínuos dentro das diversas instancias do MST.

Se a Mística é revolucionária, se representa os grandes sonhos e utopias que

¹⁷¹ BARROS, Marcelo. Saudação à Revolução Bolivariana. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=20853>

temos na vida, ela precisa ser cultivada em diferentes formas dentro da organização do Movimento. É ela que dá o cimento, a unidade, ela que forma a unidade e o sentimento de pertença ao mesmo projeto revolucionário, das convicções profundas que temos e cultivamos no cotidiano nos mais simples gestos.



4 A MÍSTICA NO MST

Talvez um dos mais grandiosos fenômenos sociais ocorridos nos anos 80 e 90 do século passado seja a multiplicação dos Movimentos Sociais no Brasil. Eles cresceram em número de participantes e também em quantidade, a partir da abertura política realizada no início dos anos 80 do século passado. Os anos de chumbo da ditadura brasileira e a repressão aos opositores foi sendo quebrada aos poucos a partir das grandes organizações sindicais e eclesiais, que levaram nos seus últimos anos uma massa populacional às greves e às ruas.

Com a abertura política pulverizam-se Movimentos Sociais reivindicando direitos, orientando suas lutas para o atendimento de suas demandas. Movimentos contra a discriminação racial, movimentos feministas, movimentos de bairros, movimentos indígenas, enfim, uma amplidão de movimentos sociais, de pessoas engajadas, militantes dispostos a perder seu tempo nas organizações populares, dispostos a deixar o seu tempo de lazer para mobilizar-se na luta de moradia, de saúde, terra e outros.

Os militantes e participantes desses movimentos que sempre se engajaram na luta enfrentaram e enfrentam processos judiciais, a truculência da polícia, a insensibilidade dos governantes. Muitas vezes até a incompreensão familiar¹⁷² e mesmo assim continuaram e continuam na luta.

É nesse contexto que surge o pertinente questionamento de Boff (1996):

Qual a força secreta que sustenta todos esses grupos? Onde haurem esperança para continuar a sonhar, a resistir e a querer uma sociedade mais humana e feliz para eles e seus filhos e filhas? (p. 10)

Esses autores, Boff-Betto (1996), olhando para o conjunto dos movimentos sociais chegaram à seguinte resposta: ela foi dada de muitos modos pela prática dos movimentos sociais e seus militantes durante a história de lutas políticas brasileira. Segundo eles se destacam quatro grandes pontos para as suas esperanças políticas:

¹⁷² Nina fala que ainda hoje na sua família existem pessoas que não aceitam a sua entrada no MST. Entrevista concedida em Jan 2009.

- Existem militantes inspirados pelo cristianismo e pela sua utopia originária de uma sociedade fraterna e justa. Sempre defenderam os índios e os escravos negros e todos os excluídos baseados na história “subversiva” de Jesus de Nazaré.

- Existem militantes que retomaram os ideais da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade. Buscaram alicerçar esses princípios em projetos de democracia participativa e popular, agindo preferencialmente em partidos políticos.

- Existem militantes que basearam sua luta nos ideais socialistas e suas visões libertárias para o ser humano. Desse verdadeiro amor aos oprimidos nasceu a indignação à miséria e a busca revolucionária pelo fim da desigualdade social.

- Existem militantes que basearam sua luta nos valores do humanismo radical e na ética da compaixão, dedicaram-se também à solidariedade com os indígenas, às mulheres, e outros grupos penalizados pela sociedade dominante.

No presente estudo, foquei meu interesse nos integrantes do MST que ficam longos anos acampados em beiras de estradas, sofrem constantemente ações de despejo, apanham da polícia e são criminalizados pela grande mídia e ultimamente até perseguidos pelos aparelhos judiciais do Estado. Fui buscar a resposta dentro do próprio movimento social. No meu modo de ver, o horizonte de entendimento dessa questão no MST se dá através do entendimento do papel que a Mística ocupa dentro do Movimento. Pretendo apresentá-la aqui me baseando nas comemorações dos seus 25 anos, nas análises das entrevistas realizadas e nas manifestações do próprio movimento.

Segundo Boff, a Mística adquire uma formulação especial nos tempos atuais¹⁷³: uma Mística do “engajamento e da luta” (BOFF-BETTO, 1996 p.11). Uma Mística que se relaciona com os grandes sonhos da vida humana, com as visões de um novo mundo onde as relações são mais amorosas entre os humanos. Por isso a Mística é forte entre os grupos que enfrentam nas suas lutas embates que precisam resistir, que protestam e muitas vezes também fracassam. Então, falar de Mística não significa mistificar a realidade, mas “colher seu lado mais luminoso, aquela

¹⁷³ Esses dois teólogos se destacaram na assessoria de um grande número de Movimentos Sociais em que faziam parte os cristãos desde o início da Teologia da Libertação. Notadamente chamo atenção para o Movimento de Fé e Política. Além disso, os dois atuaram especificamente como assessores em diversas oportunidades do MST.

dimensão que alimenta as energias vitais para além do princípio do interesse, dos fracassos e sucessos. Espiritualidade e mística pertencem à vida em sua integralidade e em sua sacralidade. Daí nascem o dinamismo da resistência e a permanente vontade de libertação (BOFF_BETTO, 1996 p.11)¹⁷⁴.

O MST incorporou a Mística dentro de sua estrutura organizacional desde os seu nascimento. Sendo uma tarefa organizativa e constante do Movimento é praticamente impossível pretender abarcá-la em sua totalidade. Por isso escolhi um momento significativo do MST para poder compreendê-la melhor. Esse momento significativo foi os 25 anos do MST, encontro nacional e ao mesmo tempo comemoração.

Começamos com a descrição das Místicas que ocorreram na comemoração dos 25 anos do MST, transcorrido em Sarandi-RS, numa das sedes da Fazenda Annoni, símbolo do início do Movimento, entre os dias 20 e 24 de janeiro de 2009, reunindo aproximadamente 1500 pessoas de todos os Estados brasileiros e convidados do mundo inteiro.

4.1 A mística nas comemorações dos 25 anos do MST

4.1.1 A programação

¹⁷⁴ Há alguns autores ligados à sociologia religiosa que apontam nesse texto de Boff-Betto uma de virada na Teologia da Libertação. Os interesses sociais perdem espaço e os autores da TdL voltam-se mais para o subjetivo. Veja-se por exemplo Sell e Brusek. (2006).

PROGRAMAÇÃO ENCONTRO NACIONAL
MST: RUMO AOS 25 ANOS!
Sarandi, 20 a 24 de janeiro de 2009

| | Terça-Feira 20 de Janeiro | Quarta-Feira 21 de Janeiro | Quinta-Feira 22 de Janeiro | Sexta-feira 23 de Janeiro | Sábado 24 de Janeiro |
|----------------|------------------------------|--|---|--|--|
| Mística | Região Sul (SC e PR) | Região Sudeste | Região Centro - Oeste | Região Nordeste | Equipe |
| Manhã | | Coordenadores: Fatima (RN) e Wilson Santim (SC) | Coordenadores: Andriela (SC) e Luis (GO) | Coordenadores: Zé Batista (SP) e Matilde (RO) | Coordenadores: Zé Roberto (AL) e Irene (RS) |
| | | <i>Conjuntura Internacional</i> | <i>O Projeto do Capital para o Campo (Transnacionais e Agronegócio)</i> | <i>A Reforma Agrária e nossa Trajetória Histórica.</i> | <i>Ato Político de celebração dos 25 anos.</i> |
| | | Painelistas: Luiz Filgueiras e Virginia Fontes | Painelistas: Arivaldo Umbelino e João Pedro Stedile | Painelistas: Jaime Amorim e Kelli (SP) | |
| Tarde | | Coordenadores: Elias Araújo (MA) e Edite (MG) | Coordenadores: Débora (AL) e Vanderly (MT) | Coordenadores: Nivea (RJ) e Toninho (CE) | Confraternização |
| | | <i>Balanço da Luta de Classes no Brasil</i> | <i>A Necessidade de Alianças e o Acúmulo de Forças Sociais para as Mudanças</i> | <i>Os desafios do MST</i> | Retorno |
| | Abertura | Painelistas: Mauro Iasi e Gilmar Mauro | Painelistas: Milton Viário e Ademir Bogo | Painelistas: Marina, Izabel Grein e Juraci Portes | |
| Noite | | Filme: Documentário sobre a atuação da Monsanto e Documentário LALA (Responsável: Equipe) | Música do RS e jornada socialista (Responsável: Setor de Formação) | Entrega do prêmio luta pela terra (Responsável: Equipe) | |

Todos receberam a programação inicial. Uma visualização simples dela já é perceptível a importância que a Mística para o MST assume na disposição do Encontro. “Salta aos olhos” uma dinâmica organizativa que tem na mística um dos seus pilares. Inicialmente percebemos que todas as regiões onde existe o MST no Brasil estão contempladas na realização da Mística. Isso decore do fato que o MST

trabalha na perspectiva da descentralização das atividades por regiões. Tive oportunidade de entrevistar representantes de cada região brasileira que prepararam as Místicas e notei o esmero na preparação delas. Comum ver nos intervalos os militantes das regiões preparando os últimos detalhes da Mística. Grupos ensaiando, outros organizando o local. Muita gente envolvida, ou melhor, foi feita de forma coletiva. É visível que a Mística antecede os trabalhos, ou melhor, ela não é algo final, que é feita de “qualquer jeito” como um apêndice ou para encerrar os trabalhos, mas a parte inicial de todos os trabalhos e, portanto configura-se como importante.

Na preparação do local pelas equipes nos intervalos e pela quantidade de material e pessoas envolvidos na realização da Mística, vê-se que se trata de algo grandioso e que não pode ser desprezado em qualquer pesquisa sobre o MST. Quero exemplificar isso através da visualização de algumas fotos das místicas que ocorreram nesse encontro¹⁷⁵.

As fotos a seguir são expressivas de tal organização da Mística. A primeira, retratando a dura vida do integrante do MST, na vida sob a lona preta e o sonho da terra. Os responsáveis da Mística desse dia construíram um barraco de lona preta na hora durante os primeiros instantes da Mística. Então o simbólico apresentado nesse espaço é representativo da vida de cada um dos 1500 participantes presentes no ginásio. Eram mais de 50 integrantes da Mística e a rapidez organizativa para a construção do barraco “simbólico”. O símbolo é a representação real da própria vida.

No fundo isso se refere à sacralidade presente na vida humana. No cristianismo Pão e Vinho da ceia cristã representa simbolicamente da vida de Cristo, sua causa, sua luta, às vezes uma longínqua abstração. Mas o Barraco naquele momento construído é a condição não apenas simbólica da vida daqueles participantes, mas a condição real de sobrevivência, a casa de muitos ali presentes. Aquele barraco construído em mutirão foi na vida daquelas pessoas o início de toda sua história dentro do MST e para muitos presentes no encontro ainda é o lugar de sobrevivência.

¹⁷⁵ Esclareço que essas fotos estão divulgadas normalmente no site do MST www.mst.org.br ou são de uso público em diversos sites da internet. Em todo caso, solicitei ao MST para usar as imagens em que seus integrantes aparecem e também a Leonardo Melgarejo, fotógrafo, divulgador das fotos do MST. As autorizações estão em Anexo.



A representação do Barraco e dos militantes Sem Terra que nele se movimentavam mostram também como são as místicas: precisam representar o cotidiano, os sonhos, as utopias, e os desejos dos seus participantes. Os instrumentos de trabalho do agricultor e a sua identificação com a terra. Foices, enxadas, facões, cestas, alimentos, etc; Essa mística comprova que quando há manifestação pública do MST é natural que o agricultor sem terra esteja normalmente com seus instrumentos de trabalho e não é um ato de enfrentamento violento como quer divulgar a grande mídia.



Essa segunda foto mostra o esmero da preparação e a quantidade de pessoas envolvidas na organização da Mística. Quem vê a foto pela primeira vez parece não acreditar que se trata da Mística inicial. Parece ser mais uma manifestação, uma ocupação, uma assembléia gritando palavras de ordem.

Vemos nessa foto que muitas pessoas estão envolvidas na execução da Mística, e a motivação delas é, no meu entendimento, que a Mística faz parte da vida como integrantes do MST. Por isso é muito normal participar delas, levar os instrumentos de trabalho e pressão, é natural carregar os filhos juntos, é fácil expressar os seus ideais nelas. O estar juntos com os companheiros de luta, o gritar palavras de ordem é algo que só se faz coletivamente e não se é possível expressar através da meditação e silêncio individual. O sujeito dá força ao grupo e recebe dele o apoio para continuar.

Na programação também aparece a quantidade de tempo para a realização da Mística. Era natural que a duração ficasse em torno de 1h. Além disso, momentos místicos também foram realizados no início das atividades à tarde e principalmente à noite, onde a Mística fazia parte da programação cultural. Por exemplo, a Jornada Socialista promovida na quinta feira à noite foi uma das mais belas manifestações do encontro.

Há a parte específica da Mística dentro do encontro, mas como os teóricos da Mística do MST e alguns dirigentes falam, a Mística está presente em todos os lugares onde um lutador da terra está presente. Ou melhor, em todos os lugares do Encontro era possível ver a manifestação daquilo que o Movimento entende por Mística como tentarei mostrar através da descrição do local, das fotos apresentadas.

Normalmente quando vemos apresentações teatrais, encenações, principalmente com jovens e crianças, há uma certa maneira de agir no palco como se mostrasse que o participante da encenação estivesse realmente encenando. Ou melhor, ficaria claro que o representado seria algo apenas simbólico. Por isso, se algo saísse minimamente errado, o riso era inevitável. Mas nesse contexto, a seriedade com a mística impressiona, pois não estamos vendo nada de “teatro”, nem “cenas” da vida de outras pessoas. As místicas refletem as idéias, as crenças, as motivações daquele grupo que está apresentando. É um re-contar a própria vida. Nisso o simbolismo se torna vida real, se torna carne.

4.1.2 Caracterizando o local

Sobre a importância simbólica do local quero me basear nos argumentos do próprio MST. Segundo Joana Tavares e Nina Fidelis¹⁷⁶, o local é onde a luta pela terra do MST começou. É o Assentamento Nova Sarandi. Essa área vinha tendo conflitos fundiários desde a década de 1960 quando houve a desapropriação pelo governo de Leonel Brizola para atender parte dos membros do MASTER. Houve conflitos com os indígenas e vários agricultores foram expulsos das suas terras e iniciaram um movimento de busca pela terra ocupando as fazendas Macali e Brilhante. Eram cerca de 500 famílias. Enquanto os governos queriam levá-los para outros Estados brasileiros, a CPT e outras instituições apoiaram a permanência no Estado.

No entroncamento entre as cidades de Ronda Alta e Sarandi, um conjunto de famílias que ainda não havia sido assentada começou a se agregar. Contam que era noite de Natal, e um dos primeiros acampados carregava o simbólico nome de Natalino. E foram se juntando pessoas, de vários municípios da região. Muita gente que trabalhava como agregados, outros de famílias pobres, que não tinham como acomodar todo mundo em casa. (Idem)

Essa área foi palco de diversas lutas para a conquista da terra, e também da transformação das vidas dos seus acampados e posteriormente assentados. As pressões físicas, psicológicas foram tantas que muitas famílias “aceitaram” a promessa do governo e foram ao Mato Grosso. A resistência aliada à solidariedade dos apoiadores da Reforma Agrária venceu e a maioria, apesar das condições difíceis, permaneceu. E hoje está marcado em uma placa, bem ali na Encruzilhada Natalino: “derrota do Curió e vitória da luta pela terra”¹⁷⁷.

¹⁷⁶ Disponível em <http://www.mst.org.br/book/export/html/77>

¹⁷⁷ Disponível em <http://www.mst.org.br/jornal/290/destaque>



A luta prosseguiu e parte das famílias se mudou para Ronda Alta, e em 1983 conseguiram um assentamento na região. Entretanto um grupo grande de famílias dispostas a lutar por seu direito à terra. Ocupou em 1985, a Fazenda Anonni, parte do complexo Sarandi. Eram mais de oito mil pessoas. O acampamento era maior que a cidade de Sarandi. Os que ocuparam essa terra sabiam que a única forma de conseguir os seus direitos era união e luta. Assim o MST cresceu e a organização do Movimento mudou a vida das pessoas, tanto no nível da consciência quanto no nível material. José Antonio Sé disse que sua vida se transformou quando entrou no MST: “O MST foi uma reviravolta na minha vida. Antes era aquele trabalho braçal, um trabalho direto, ano inteiro, dia inteiro, não tinha folga. E nunca na vida eu ia conseguir 20 hectares, acho que nem 1 hectare, sozinho”.¹⁷⁸

Os 25 anos do Movimento por isso tem um grande significado ser comemorado na fazenda Anoni. Hoje são 450 famílias vivendo nos 9,2 mil há da

¹⁷⁸ Disponível em <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6222>.

fazenda fruto do processo de ocupação da há 25 anos. O local se presta como símbolo da Reforma Agrária:

Hoje, na região da antiga fazenda Anonni são 7 comunidades. Todas elas possuem seu ginásio de esporte. Todas as crianças freqüentam uma das três escolas que existe por ali. Uma é estadual e vai até a 8ª série, e duas municipais. O assentamento abriga ainda uma escola técnica, o Instituto Educar, que forma técnicos em agroecologia (idem)

Por todo esse simbolismo que marca a área o Encontro Nacional de comemoração aos 25 anos do MST não poderia ser em outro lugar. É um resgate da história do Movimento, da afirmação social que a Reforma Agrária é viável e ainda necessária para o desenvolvimento humano e social do povo brasileiro. Segundo Cedenir de Oliveira

Retornar a este local é valorizar o que ocorreu nesta data. Para as famílias da Anonni que recebem este encontro é muito importante resgatar a mística de que aquele esforço que foi construído não foi em vão. Com todas as contradições que possam existir neste processo, nós temos que nos orgulhar deste assentamento que é fruto de nossa luta (idem)

Fica evidente que Encruzilhada Natalino, Macali, Brilhante, Ronda Alta e Anonni são muito simbólicos para os Sem Terra. Nessas fazendas foram as primeiras ocupações de terra com a bandeira do Movimento. Em 1981, mais de 8000 trabalhadores derrubaram a cerca da fazenda Anonni, levando o lema do primeiro Congresso: "Ocupação é a única solução".

Mas não é só para o MST que o assentamento é importante. Seu impacto é visível também na região. O município de Pontão foi emancipado de Sarandi com a chegada das famílias assentadas. Mais de 70% da produção dos assentados é destinada aos municípios do entorno e da região de Passo Fundo.

Por isso, conclui Cedenir, o encontro nesse local é muito importante também para a valorização do coletivo da luta, do pertencimento a um Movimento nacional, de fazer parte de uma história contruída com muitas vidas, "O Movimento se constrói por meio da valorização do sujeito coletivo"

Nesse sentido, o envolvimento de muitas pessoas do assentamento para o acolhimento das pessoas que vieram de fora. Foram mais de 300 pessoas envolvidas diretamente com a organização do encontro. Além disso, minhas entrevistas mostraram que o envolvimento da comunidade local foi grandioso. Toda a alimentação foi produzida dentro do assentamento. Foram mais de seis meses de

preparação só para a alimentação. Isso evidentemente reforça a identidade coletiva e o pertencimento ao MST. Produz-se uma consciência orgulhosa, uma identidade individual e coletiva.

4.1.3 A Mística da Abertura Dia 20 de janeiro de 2009



O Ginásio Lotado e enfeitado de muitas maneiras, com cartaz da abertura do encontro, muitas músicas iniciais e gritos de ordem, participantes do encontro dançam durante as músicas (característica de todo o encontro). Não há como ficar parado nas execuções das músicas representativas do MST. Por exemplo, quando se entoa o Hino do MST todos os participantes levantam-se e com punhos cerrados cantam efusivamente. Mas não cantam apenas, é algo assombroso, uma emoção que vem do profundo humano dos participantes. É mostrar-se como parte do

Movimento, é ser Movimento. Direção inicial do encontro fala da expectativa de reunir 1500 participantes do Brasil e dos apoiadores estrangeiros.



Há um conjunto de cantadores populares que conduz a animação com baterista, gaita e outros instrumentos que entoando os cantos conhecidos pelos participantes; vai animando e conduzindo à primeira parte do encontro. É interessante dizer que na parte da tarde todos os participantes inscritos receberam uma sacola com caderno, revistas, copo, outros materiais, programação, caneta, materiais de estudo, as teses principais dos painelistas, etc. Essas inscrições foram feitas durante a tarde do dia 20. Interessante notar que a segurança do local feita

pela equipe responsável foi muito eficiente e responsável: ninguém entrava no encontro se não estivesse devidamente credenciado

Outra questão que foge a esse trabalho é a questão da Ciranda Infantil¹⁷⁹. Talvez esteja aí uma das grandes contribuições que o MST deu ao longo do tempo. O Movimento notou a importância da participação das mulheres na organização e participação das atividades, mas elas não poderiam participar visto que teriam que cuidar das crianças. Para resolver essa questão, o Movimento cria a ciranda infantil em qualquer atividade organizativa.



Diversas bandeiras e posters dos lutadores do socialismo mundial e de organizações significativas para o Movimento estavam expostas o tempo todo, como se vê na foto, forma o ambiente inicial. A Mística começa com participantes representando as diversas classes sociais que saem do meio dos participantes da assembléia. No local estão aproximadamente 1500 participantes e a música inicial é a de Geraldo Vandré.

Resgate das lutas anteriores ao MST ligando as lutas sociais desde a repressão à ditadura. Confesso que a música de Geraldo Vandre tomou outro significado para mim, ao ver as diversas representações sociais que lutavam contra a ditadura estarem presentes naquela mística.

¹⁷⁹ Para um estudo sobre a história da Ciranda Infantil no MST veja-se a dissertação de BIHAIN, Neiva Marisa A trajetória da educação infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/1537>

Para não dizer que não falei de Flores

Caminhando e cantando
 E seguindo a canção
 Somos todos iguais
 Braços dados ou não
 Nas escolas, nas ruas
 Campos, construções
 Caminhando e cantando
 E seguindo a canção...
 Vem, vamos embora
 Que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora
 Não espera acontecer...(2x)
 Pelos campos há fome
 Em grandes plantações
 Pelas ruas marchando
 Indecisos cordões
 Ainda fazem da flor
 Seu mais forte refrão
 E acreditam nas flores
 Vencendo o canhão...
 Vem, vamos embora
 Que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora
 Não espera acontecer...(2x)
 Há soldados armados
 Amados ou não
 Quase todos perdidos
 De armas na mão

Nos quartéis lhes ensinam
 Uma antiga lição:
 De morrer pela pátria
 E viver sem razão...
 Vem, vamos embora
 Que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora
 Não espera acontecer...(2x)
 Nas escolas, nas ruas
 Campos, construções
 Somos todos soldados
 Armados ou não
 Caminhando e cantando
 E seguindo a canção
 Somos todos iguais
 Braços dados ou não...
 Os amores na mente
 As flores no chão
 A certeza na frente
 A história na mão
 Caminhando e cantando
 E seguindo a canção
 Aprendendo e ensinando
 Uma nova lição...
 Vem, vamos embora
 Que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora
 Não espera acontecer...(4x)



Agricultores, indígenas, operários subiram no palco que estava cercado. Nesse momento apresenta-se um vídeo sobre a história das lutas dos trabalhadores de 1964 até 1989 com depoimentos de pessoas importantes como Boff, Betto, Pedro Casalgáida. Entra uma cruz com lenços brancos e pretos, a mesma cruz utilizada como símbolo no início do MST quanto estava ligada mais diretamente à CPT.

Conta-se a história do surgimento do MST no RS desde a ocupação da Fazenda Anonni até 1985, o primeiro congresso do MST. Nesse momento os participantes da Mística enquanto passa o vídeo, o local está escuro, cortam a cerca do palco, escuta-se o zunido do arame sendo cortado, escuta-se o som do facão e do machado derrubando a cerca e monta-se um acampamento com vários barracos de lona preta ao lado do palco. Gritos de ordem são ecoados na escuridão e muitos participantes não se contêm e gritam também. Todos acompanham em mais absoluto silêncio. As moscas poderiam ser ouvidas nesse momento. É uma cena que todos presentes participaram e sabem da importância daquele ato de rompimento que é o cortar a cerca e ocupar a terra. O mapa do Brasil aparece carregado por uma família de Sem Terra. Aparecem também os fazendeiros, a Brigada Militar, o Juiz. Vaias, gritos são ouvidos por todos os cantos.

Essa foto de uma parte da Mística onde o MST se confronta com o agronegócio e os seus apoiadores como a grande mídia, com a Justiça, com o Estado. Apesar de parecer forte essas representações simbólicas por parte do Movimento, são significativas também ver os locais e as pessoas que os mandatários do país têm relações, os eventos que participam. Como recorte apenas comparativo, retirei notícias vinculadas à mídia nacional sobre alguns membros do judiciário nos eventos sociais em que estão presentes.¹⁸⁰ Infelizmente, apesar de negado teoricamente, esses órgãos públicos servem às causas daqueles que se encontram nesses eventos.

180 Ellen Gracie casa filha. Vejam quem está entre os convidados. <http://www.caras.com.br/edicoes/777/textos/ellen-gracie-northfleet-casa-a-filha-clara-em-porto-alegre/> . Gilmar Mendes é padrinho de casamento <http://www.paulohenriqueamorim.com.br/?p=10245> . FEBRABAN paga encontro de Juizes em Resort <http://ultimosegundo.ig.com.br/economia/2009/05/09/sinopse+de+imprensa+febraban+paga+encontro+de+juizes+em+resort+6027957.html> . Frei Sérgio alerta à sociedade que julgamento da fazenda Southal não poderia ser dado por Ellen Gracie por ter parentesco com proprietário. http://www.al.rs.gov.br/Dep/site/materia_antiga.asp?txtIDMateria=54708&txtIDDep=97 . Mulher de Gilmar Mendes trabalha como assessora de TST, *O nepotismo que a mídia protege* <http://www.paulohenriqueamorim.com.br/?p=15396> .



Com o mapa do Brasil os participantes da Mística aos poucos colocam as banderias do MST nos Estados onde o MST começava a se fazer presente, ao mesmo tempo em que o narrador contava a história do Movimento. Houve a menção de todos os Congressos realizados e suas respectivas histórias e os desafios que eram colocados na época

1° Congresso 1985 – Ocupação é a única solução

2° Congresso 1990 – Ocupar, resistir e produzir

3° Congresso 1995 – Reforma Agrária: uma luta de todos

4° Congresso 2000 – Reforma agrária: por um Brasil sem latifúndio

5° Congresso 2007 - Reforma Agrária: por Justiça Social e Soberania Popular



À medida que a história do MST era contada, os participantes gritavam os lemas históricos do Movimento. Voltam curtos vídeos onde mostram as ocupações feitas pelo Movimento. Todos cantam. Entram bandeiras, muitas; tantas que são

capazes de lotar todo o espaço apenas com elas; diria que eram mais de 200 bandeiras. Todos os integrantes históricos do MST carregavam bandeiras, vieram até a frente do palco. Vieram juntos os frutos do trabalho: diversas sementes, abóboras, enfim toda a produção dos Sem Terra. Eles todos ficam embaixo e em cima do palco. Fala-se da importância que teve as marchas para o MST e o fechamento da abertura se dá através de um integrante da Mística falando sobre os diferentes enfrentamentos que o Movimento tem hoje.



Falou-se sobre os princípios do Movimento que são a conquista da Terra e do Socialismo. Falou da necessidade do Movimento olhar para dentro de si próprio e ver os impasses, encorajar-se e avançar na prática. Avançar na agricultura tradicional, na cooperação. Ir além do discurso, fazer na prática, ver o que não conseguimos ainda, fazer avançar. Além disso, a necessidade da autonomia econômica como fortalecimento necessário para os avanços necessários. Os anos também burocratizaram internamente o Movimento. Às vezes tem-se a impressão que está parada. Perguntou-se sobre a relação que há na quantidade de dirigentes na organização interna e na frente de massas. Falou da unidade interna, da necessidade de garantir que o aprendizado do MST enquanto Movimento Social, seja repassado adiante.

Todos em pé cantam o hino do MST, enquanto todas as bandeiras são agitadas e fogos de artifício são estourados fora do ginásio. Os animadores apresentam as regiões que se apresentam cada uma de modo característico com gritos de ordem e outras manifestações. Aplausos em geral. Apresentação dos convidados estrangeiros e nacionais. Um representante da região sul dá as boas vindas a todos os participantes dizendo: “Bem vindos à região onde existem 14.000 famílias assentadas e 1.500 famílias acampadas”. Entre outras saudações iniciais há uma intensa confraternização onde todos os participantes ganham bonés dos 25 anos do MST.

Conclui-se a abertura dando alguns avisos necessários para a organização do encontro. Nesse momento não tinha a compreensão necessária para saber que todas essas questões levantadas a partir da Mística inicial seriam aquelas idéias debatidas pelo Encontro até o último dia. A apresentação dos problemas internos logo na abertura foi um choque para mim. Acreditava que a Mística traria apenas as coisas relevantes em termos de conquista, mas o que ela revelou também foram os fracassos, as dissidências, os diferentes posicionamentos, as divergências internas. A mística revelou então que às vezes, quando não se sabe bem como falar algumas coisas complicadas, antes elas são apresentadas na forma das místicas e depois disso elas podem ser mais palatáveis, podem ser discutidas posteriormente. A mística pode propor a temática a ser discutida¹⁸¹.

¹⁸¹ Nina revelou na entrevista que algumas vezes o conteúdo que é apresentado nas místicas leva à discussões acaloradas dentro do Movimento. Entrevista concedida em janeiro de 2009.



4.1.4 Mística de Abertura do dia 21 de janeiro de 2009

Palco continua montado com as diversos frutos da terra. A música toca e vários integrantes saem do meio do público e vem em direção ao palco. São as diferentes categorias da classe dos trabalhadores. Eles simbolizam o trabalho diário das diversas categorias dos trabalhadores. Mas a polícia entra em cena. Nesse momento, entram em choque com a polícia, constroem barreiras e ao fundo o narrador declama o poema de Mauro Iasi¹⁸².

Quando o trabalhador perder a paciência

As pessoas comerão três vezes ao dia
 E passearão de mãos dadas ao entardecer
 A vida será livre e não a concorrência
 Quando os trabalhadores perderem a paciência
 Certas pessoas perderão seus cargos e empregos
 O trabalho deixará de ser um meio de vida
 As pessoas poderão fazer coisas de maior pertinência
 Quando os trabalhadores perderem a paciência
 O mundo não terá fronteiras
 Nem estados, nem militares para proteger estados
 Nem estados para proteger militares prepotências
 Quando os trabalhadores perderem a paciência
 A pele será carícia e o corpo delícia
 E os namorados farão amor não mercantil
 Enquanto é a fome que vai virar indecência

Quando os trabalhadores perderem a paciência
 Não terá governo nem direito sem justiça

¹⁸² Professor da UFRJ e membro do Comitê Central do PCB.

Nem juizes, nem doutores em sapiência
Nem padres, nem excelências
Uma fruta será fruta, sem valor e sem troca
Sem que o humano se oculte na aparência
A necessidade e o desejo serão o termo de equivalência
Quando os trabalhadores perderem a paciência
Quando os trabalhadores perderem a paciência
Depois de dez anos sem uso, por pura obscelescência
A filósofa-faxineira passando pelo palácio dirá:
“declaro vaga a presidência”!

Muitos trabalhadores saem machucados do confronto com a polícia e sangram, mancham as camisas com seu sangue; mas é desse sangue que são feitas, construídas as bandeiras vermelhas do movimento. Enquanto elas são construídas passa no telão cenas de diversos momentos da história dos trabalhadores. Há um resgate da história dos movimentos contestatórios desde 1968. Não há dúvida que o objetivo era mostrar que a luta do MST se mantém viva pelas lutas, pelo sacrifício dos companheiros que doaram seu sangue para o movimento; além disso, mostram que a origem da bandeira vermelha está na luta contra os repressores que ainda atuam contra o movimento.

Irrrompem de dentro da assembléia muitos participantes com pedras nas mãos gritando “viva a classe trabalhadora” e outras palavras de ordem; há também a entrada de 3 membros da mística que entram e mostram a solidariedade com o povo palestino e trazem as bandeiras da Palestina. Enquanto a assembléia canta músicas e alguns dançam vários integrantes preparam o palco para os trabalhos posteriores.

O painel continua à mostra. Ao começar, os animadores homenageiam os aniversariantes do dia, é feito uma saudação inicial e introduz-se o primeiro painel “Conjuntura internacional”. As palavras introdutórias da prof.^a Virgínia Fontes foram muito significativas pois representou aquilo que todos os convidados que estavam naquele encontro gostaria de expressar: mostrou como o MST representa hoje todo o movimento de resistência desde 1960 e de todas as lutas camponesas do país.

4.1.5 A Mística do dia 22 de janeiro



No café da manhã do primeiro dia de encontro foi possível ter a dimensão mais exata do tamanho da organização daquele evento. Era como uma cidade montada para 2000 pessoas: banheiros, chuveiros, equipes de segurança, limpeza, alimentação. Às 7h da manhã estavam sendo servidas mais de 1500 refeições. O trabalho era imenso para os organizadores. Era uma verdadeira cidade, se comparada a muitos municípios brasileiros. A comida era transportada em camionetes. Em uma grande lona que cabiam mais de 800 pessoas sentadas e o café foi servido por regiões. Filas se formavam para pegarem os alimentos. E não era qualquer café. Tinha pão, nata, doce, salame, leite, tudo produzido pelo assentamento. Em pias formavam-se filas para que todos pudessem lavar os seus pratos. Impressionante era ver todos esses participantes terem um cuidado especial

pelos locais onde passavam. Havia pouco lixo no chão, quando desocupava o lugar via-se o cuidado para deixar o lugar, para outro, limpo e bem arrumado.







O respeito e o cuidado que os participantes tinham com o material dado em todas as ocasiões do encontro também chamou muito minha atenção. Nas cidades quando se recebe um panfleto, um poema, uma oração, uma propaganda, geralmente logo em seguida, vê-se que as lixeiras estão abarrotadas destes materiais quando não são jogados diretamente nas ruas e calçadas. Não percebi nenhum desses materiais jogados no lixo, por menor que fosse. Eram todos guardados com muito zelo na pasta recebida na hora da chegada ao encontro.

A Mística está marcada para começar sempre às 8h. Todos os participantes do encontro só entram quando dentro do ginásio está tudo preparado. Por isso aglomeram-se participantes do encontro na entrada do ginásio: à ordem de entrada, abrem-se as portas, os seguranças controlam a entrada, a música já é ouvida desde fora do ginásio. Animação não falta nem a receptividade do pessoal que coordenará a Mística. Na entrada todos foram recebidos com músicas e em todas as cadeiras estavam colocados símbolos com uma poesia de "Salvador Puig Antich" aqui reproduzida:

Por mais que calem

Por mais que calem

por mais voltas que o mundo dê

por mais que neguem os acontecimentos

por mais repressão que o Estado implante;

por mais que se mascarem com a democracia burguesa;

por mais greves de fome que sufoquem;

por mais que superlotem os cárceres;

por mais pactos que assinem com os manipuladores;

por mais guerras e repressão que imponham;

por mais que tentem negar a história e a memória de nossa classe.

Mais alto diremos:

assassinatos de povos

miséria de fome e liberdade

negociantes de vidas alheias.

Mais alto que nunca, gritando ou em silêncio,

recordaremos vossos assassinatos

de gentes, vidas, povos e natureza.

De boca em boca, passo a passo, pouco a pouco.

Salvador Puig Antich (1948-1974) ¹⁸³

Eram mais de 1000 cadeiras e em todas estavam os símbolos e a poesia. Entram muitos participantes dançando, batendo os facões, cantando, dirigem-se ao palco. O palco está montado com produtos da terra produzidos pelos assentados. Vários integrantes entram com grandes pedaços de eucaliptos (galhos com mais de 2m). Aparecem a cana, a soja, todos esses representando o agronegócio, as grandes empresas hoje na agricultura. Sobem no palco, estão todos vestidos de verde e gritam durante um minuto aproximadamente "Terra, terra, nós queremos

¹⁸³ Salvador Puig Antich (1948-1974). Poeta e militante político catalão. Foi preso, julgado e executado em 1974 pelo regime do ditador fascista Francisco Franco.

terra. Monopolizar, acumular para poder melhor lucrar". Aparece nesse momento um vídeo projetado no telão em que são elogiados o agronegócio, os pesticidas, a produtividade, etc. (a platéia necessariamente reage contra). Declama-se um poema de Ferreira Gullar:

O Açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
Nesta manhã de Ipanema
Não foi produzido por mim
Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
E afável ao paladar
Como beijo de moça, água
Na pele, flor
Que se dissolve na boca. Mas este açúcar
Não foi feito por mim.
Este açúcar veio
Da mercearia da esquina e
Tampouco o fez o Oliveira,
Dono da mercearia.
Este açúcar veio
De uma usina de açúcar em Pernambuco
Ou no Estado do Rio
E tampouco o fez o dono da usina.
Este açúcar era cana
E veio dos canaviais extensos
Que não nascem por acaso
No regaço do vale.
Em lugares distantes,
Onde não há hospital,
Nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome
Aos 27 anos
Plantaram e colheram a cana
Que viraria açúcar.
Em usinas escuras, homens de vida amarga
E dura
Produziram este açúcar
Branco e puro
Com que adoço meu café esta manhã
Em Ipanema.

Toca-se a música de Chico Buarque enquanto os representantes do agronegócio tomam o palco.



Ode ao ratos

Rato de rua
 Irrequieta criatura
 Tribo em frenética proliferação
 Lúbrico, libidinoso transeunte
 Boca de estômago
 Atrás do seu quinhão

Vão aos magotes
 A dar com um pau
 Levando o terror
 Do parking ao living
 Do shopping center ao léu
 Do cano de esgoto
 Pro topo do arranha-céu
 Rato de rua
 Aborígene do lodo
 Fuça gelada

Couraça de sabão
 Quase risonho
 Profanador de tumba
 Sobrevivente
 À chacina e à lei do cão

Saqueador da metrópole
 Tenaz roedor
 De toda esperança
 Estuporador da ilusão
 Ó meu semelhante
 Filho de Deus, meu irmão

Rato
 Rato que rói a roupa
 Que rói a rapa do rei do morro
 Que rói a roda do carro

Que rói o carro, que rói o ferro
 Que rói o barro, rói o morro
 Rato que rói o rato
 Ra-rato, ra-rato
 Roto que ri do roto
 Que rói o farrapo
 Do esfarrapado

Que mete a ripa, arranca rabo
 Rato ruim
 Rato que rói a rosa
 Rói o riso da moça
 E ruma rua arriba
 Em sua rota de rato

Inesperadamente, de baixo do palco, e para o espanto de todos, começam a sair integrantes do MST com bandeiras. E não são poucos. Ninguém os tinha visto, a montagem do palco foi tão bem feita e eles estavam tão quietos em baixo do palco que causou surpresa em todos. Eram mais de 30 pessoas. “Saem de dentro da terra”. Foi um dos momentos mais marcantes no encontro na minha opinião. É a representação do emergir do Sem Terra de onde jamais se esperaria. A terra está tomada pelas multinacionais, a organização do agronegócio é forte e capaz de exigir mudanças na legislação para consolidar suas estratégias, o predomínio econômico das grandes empresas controladoras dos alimentos é visível. Mas, é justamente daí onde não se esperava nada é que surge, da terra, um grande Movimento Social do país¹⁸⁴. É considerado como o movimento mais atuante na luta contra as políticas liberais dos governos mundiais.

Logo surgem duas fileiras contrapostas. Uma do agronegócio e a outra dos Sem Terra. Enquanto os integrantes das fileiras do MST se organizam, toca-se a música de Chico Buarque.

É uma fileira enorme de integrantes que estão unidos e contrapondo-se ao agronegócio. Fica clara a luta entre os dois grupos, entre as duas classes; também fica clara a disputa, a luta pela terra. Mas o importante da mensagem é a disputa dos dois projetos estão contrapostos na sociedade brasileira. O agronegócio pode estar vencendo, mas não pode declarar-se vencedor. O MST e os trabalhadores em geral ainda não perderam a luta porque ainda a classe trabalhadora precisa tomar consciência e lutar organizadamente. Através da união da classe trabalhadora será possível o enfrentamento do agronegócio e todos os seus apoiadores do capital financeiro. Com essa união é possível avançar contra o atual modelo liberal. A vida

¹⁸⁴ É notório que nem Marx acreditava no campesinato e no lumpen como categorias capazes de propor mudanças sociais. Ou melhor, o MST e outros movimentos camponeses estão aí para mostrar o quanto “capenga” estavam as análises sobre as mudanças sociais. Lembro aqui a referência bíblica de Mt 2,6 E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo Miq 5,2.

pode sempre dar voltas. A luta não está perdida, e como uma roda viva pode ser que os embates futuros a classe trabalhadora poderá obter vitória.

Roda-Viva

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu...

A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino prá lá ...

Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...

A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a roseira prá lá...

Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...

A roda da saia mulata
Não quer mais rodar não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou...

A gente toma a iniciativa
Viola na rua a cantar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a viola prá lá...

Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...

O samba, a viola, a roseira
Que um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou...

No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a saudade prá lá ...

Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...



Depois desse simbolismo da contraposição diária do Movimento, é tocada a música de Fafá de Belém

Aprendizes da Esperança (Fafá de Belém)

Bandeiras que se encrespam
 E que falam para o vento
 E os braços que se erguem
 Como novos monumentos
 Os filhos das cidades
 E dos campos com seus cantos
 São fontes são rios
 Oceanos e são tantos
 A voz do continente
 Eles tem aqui agora
 Estrelas combatentes
 Que anunciam a aurora
 São pombas irrequietas

São raízes do amanhã
 Um sonho brasileiro
 Eles plantam nas manhãs
 Nas fábricas nos muros
 Nas janelas nos mercados
 Nas ruas e nas praças
 Nos teatros nos arados
 É festa e é trabalho
 E é luta e é dança
 São homens mulheres
 Aprendizes da esperança

Finaliza-se a Mística com o canto do hino do MST, muitas bandeiras e na sequência continua o clima musical tocando outras músicas do próprio Movimento até que se anuncia o início o tempo das comunicações.

4.1.6 Noite do dia 22/01 Jornada Socialista

A espera na entrada foi maior que de costume. Quando adentramos no ginásio vimos que em cada cadeira tinha uma pequena cesta contendo uma cuia de chimarrão com o nome grafado "MST 25 anos", um pedaço de sabonete perfumado, outros símbolos da Reforma Agrária. Foi um trabalho imenso para a equipe de preparação. A música animada como sempre tornou o ambiente agradável na entrada. O palco estava todo decorado com o mundo abaixo do quadro dos 25 anos

Ressalta-se a capacidade do MST se auto-organizar, enquanto construção coletiva. Em nome da comunidade agradece que o Movimento tenha escolhido o local para o Encontro Nacional. Fala dos 270 militantes da comunidade envolvidos na preparação do encontro. Fala também que os assentados e o MST estadual quiseram dar uma lembrança para todos os participantes e, portanto patrocinaram a cesta e a cuia. Nesse sentido mostra a gratidão que o Movimento tem aos seus apoiadores.

Apagam-se as luzes. Muitos militantes entram com bandeiras. Músicas. Lêem-se os feitos do MST nesses anos todos. Entram também tochas na escuridão e se colocam ao lado de todos os que têm bandeiras em suas mãos. Todos em pé cantam o hino da Internacional. Muitos dos dirigentes do Movimento contam como foram suas experiências com os textos socialistas. João Pedro fala do discurso de Fidel que marcou sua vida estudantil, Gilmar Mauro conta a história do livro "As veias abertas da América Latina" de Eduardo Galeano e como ele marcou sua trajetória. Outra militante fala sobre o trabalho feito no Timor Leste e por isso ressaltou a importância dos escritos de Paulo Freire. Nesse momento um vídeo sobre a Nicarágua e Cuba enquanto dois eventos marcantes no século XX que influenciaram o MST. A filha de Che Guevara fala da Revolução Cubana e exalta

suas conquistas e o que isso representa para a classe trabalhadora. Mario Lill entra com a bandeira da Palestina e fala da bravura do povo palestino e como se dá a sua luta.

Após essa parte, é feita uma homenagem a todos os militantes que trabalham para que o Encontro seja um sucesso. Os representantes do assentamento falam da sua gratidão de receberem os companheiros de todo o país, se dizem orgulhosos de pertencerem ao Movimento. Agradecem muito em nome de todos. O assentamento é homenageado com uma placa com a imagem de Che Guevara. Um dos representantes do assentamento é, em alto grau, fã de Che Guevara. Sabendo disso, o Movimento solicita que Eneida Guevara, filha de Che Guevara, presente nesse momento, entregue a placa à ele. Os aplausos foram muitos. A emoção tomou conta dos militantes da organização. Acredito que estavam lá na frente do palco uns 250 que trabalharam. que colaboraram para o acontecimento do evento. Notava-se as lágrimas dos assentados principalmente do que recebeu a placa. Os aplausos efusivos quebraram os recordes de tempo do encontro. A assembléia inteira agradeceu aplaudindo os companheiros que se dedicaram muito para a realização do evento. Como já havia relatado, foram mais de 6 meses de preparação. Como ato final todos cantam "Guantanamera" e recebem um cartaz onde continha uma foto de pessoas se alimentando com a frase: "viva o socialismo".

4.1.7 Mística do dia 23/01



Nesse dia, como de costume, quando as portas do ginásio se abrem, a música do grupo de animação já está a pleno vapor. Alguns já estão dançando. No palco montado estão grandes painéis com o nome das grandes multinacionais: Bunge, Aracruz, Globo, Monsanto, Coca-cola, entre outras. Uma mulher entra cantando, do meio dos participantes "A luta do povo vem de muito longe". Surgem grupos de trabalhadores gritando diversas palavras de ordem em todos os lugares do ginásio. Uma voz grita: "Parem, calem-se". Todos à frente com bandeiras diversas, pôster, produtos da agricultura. Desenha-se o painel do palco. Declama-se a poesia "vai ser tão bonito ouvir a canção". Jogam-se sementes no meio da assembléia como se fosse água benta. Todos em pé cantando a internacional. Tocam-se música monta-se a mesa de trabalhos do dia com músicas, dança. Uma criança declama uma poesia. Acima do palco vê-se a palavra socialismo construída com peneiras.



4.2 As reflexões do MST sobre a Mística

A Mística do MST nasce dentro do Movimento com forte direcionamento para a transformação social. Suas raízes estão nas celebrações e manifestações religiosas cristãs, pois as simbologias da cruz e da terra prometida marcaram profundamente os membros do Movimento nas suas origens, como mostrei em momento anterior¹⁸⁵.

© Original Author



Eram comuns no início do Movimento celebrações litúrgicas dentro dos acampamentos. Alguns padres e pastores luteranos da região onde se situavam os acampamentos faziam atendimento religioso aos membros de suas Igrejas, seus paroquianos. Além disso, muitos eram conhecidos dos padres e pastores, pois originariamente eram dos seus domínios paroquiais e entraram no MST devido ao trabalho de base promovido pela CPT.

¹⁸⁵ Göergen (1991) retrata bem os símbolos da mística da época, uma cruz junto com os sem-terra dentro do cerco policial. Essa influência religiosa, das Igrejas católica e luterana no MST, marca o início da Mística.

Na CPT está um pilar da história do MST. José de Souza Martins (1995) descreveu que a criação da CPT promoveu o aparecimento de uma nova modalidade de luta social, a dos camponeses; sua fundação estimula o aparecimento de Movimentos Sociais e, com isso, a luta pela dignidade diante da imoralidade do padrão do capitalismo no Brasil. Para Stédile (2001) com o surgimento da CPT em 1975, e a Teologia da Libertação¹⁸⁶, a Igreja mudou o seu modo de trabalhar e foi fundamental para despertar uma nova consciência de se organizar entre os camponeses¹⁸⁷. E a Mística faz parte das aprendizagens mais significativas do Movimento, que se desenvolveu por intermédio da ação da Igreja dentro dos movimentos camponeses. A religiosidade dos camponeses que foi estimulada pela ação das Igrejas fez o Movimento se dar conta de que a unidade não poderia ser alcançada pela prática comum da esquerda, que era o estabelecimento de teses e doutrinas, mas pela Mística.

A mística foi desenvolvida pelo movimento a partir do que aprendemos com a religiosidade. Ela é o cimento para buscar a unidade. O cimento da unidade não é a doutrina, não é o caderno. Isso pode nos ajudar a refletir. A unidade do povo são os símbolos, são as manifestações, as celebrações, os hinos, a bandeira, os gestos... porque isso é que vai criando um sentimento de identidade, de igualdade (...) Talvez esteja aqui a reflexão de vocês sobre um projeto de sociedade diferente: a necessidade de, desde hoje, nos envolvermos numa mística que vai criando uma unidade do povo, em torno da convicção de que é possível uma sociedade diferente. (STÉDILE 2001 p.120-121).

Era uma compreensão comum da maioria das lideranças, dos apoiadores iniciais e do sentimento coletivo a importância da espiritualidade. Evidentemente ainda muito apoiada nos símbolos religiosos. Ir. Elda Broilo¹⁸⁸ conta um caso paradigmático dessa motivação religiosa do início do Movimento. No acampamento da fazenda Anoni, nos primeiros momentos de luta, a pressão dos fazendeiros e da Brigada Militar era imensa. Um avião, de espalhar defensivos agrícolas nas lavouras, era visto constantemente espalhando veneno e dando vôos rasantes sobre

¹⁸⁶: “Na inserção no processo de libertação do povo latino-americano, vivemos o dom da fé (GUTIERREZ 1985 p. 17).

¹⁸⁷ Gohn também concorda sobre a importância da Igreja entre os movimentos rurais. Segundo ela, a Igreja “soube respeitar o modo de raciocinar do camponês, sua visão do mundo e a forma de se expressar, valorizando sua fala, suas canções, poesia, sua cultura em síntese” (Gohn, 2000 p.143).

¹⁸⁸ Entrevista gravada no ITERRA.

o acampamento. Diz a Ir. Elda que junto com as mulheres rezaram e diziam que se “Deus está conosco, quem será contra nós”¹⁸⁹.



Aconteceu que depois de algumas voltas por cima do acampamento o avião teve uma falha mecânica e caiu em uma lavoura próxima. Os acampados viram nesse fato a “presença de Deus” junto à eles, à causa da Reforma Agrária. Dezenas de relatos poderiam ser descritos aqui como sintomáticas dessa concepção religiosa inicial. Algumas fotos também refletem essa marca histórica da espiritualidade encarnada dentro do MST. Os círculos bíblicos que havia no acampamento re-significaram a queda do avião como vontade divina: “Deus está conosco”. “Ele está do nosso lado”.

Essas fotos marcam a concepção inicial do que poderia ser chamada inicialmente de “espiritualidade encarnada”¹⁹⁰. Veja-se que a cruz está à frente e dentro dos acampamentos. A motivação religiosa dos integrantes do Movimento e

¹⁸⁹ Refere-se à passagens bíblicas comuns às motivações religiosas praticadas nos cursos de base da CPT, principalmente o Êxodo cap. 3.

¹⁹⁰ Essa maneira de pode ser vista em inúmeros escritos da Teologia da Libertação, por exemplo Gutierrez 1995.

suas crenças em um Deus que “caminha no meio do povo”¹⁹¹ moveram as lutas iniciais pela terra no MST. A cruz tinha se tornado um símbolo de luta.



Entretanto, a própria fundação do MST em 1984 já apontava para uma independência frente às Igrejas. Até então a CPT era o suporte básico do MST; aos poucos o Movimento assume o ônus da independência e aceita a CPT e as Igrejas

¹⁹¹ Outra expressão utilizada pela Teologia da Libertação referindo-se aos livros bíblicos, especialmente o Êxodo, onde narra-se a historicidade de Iahweh no acompanhar as tribulações do povo de Israel.

apenas como apoiadoras de suas lutas, não mais como co-autoras. Isso, sem dúvida, criou tensionamentos e cisões internas: havia aqueles que queriam continuar ligados às Igrejas e outros que acreditavam na autonomia do Movimento. A autonomia reflete também nos escritos produzidos. A Mística assume um caráter laico dentro do movimento e substituem as “engessadas” celebrações eucarísticas ou ecumênicas.

Isso não significa que não ocorriam mais celebrações religiosas e que os integrantes do MST deixassem de ter sua fé religiosa. O que se quer deixar claro é que com a autonomia do Movimento, a Mística assume um outro caráter que outrora era preenchido pelas celebrações eucarísticas ou cultos. Mesmo assim, essa concepção está alicerçada nas contribuições da Teologia da Libertação, a partir das teorizações sobre a espiritualidade, por exemplo, de Casalgálda Vigil e Boff. Esses autores vinham trabalhando desde a época de 1970 a questão do humanismo na Espiritualidade, das relações entre a Fé e a Política e, finalmente, a partir da década de 1990, o desenvolvimento teórico da Mística sociopolítica e do sentido antropológico e existencial da Mística. É nesse quadro amplo de revalorização da Mística e também de dar uma resposta aos militantes que começavam a ser formados em outros ambientes que não os religiosos que esses teóricos ligados à Teologia da Libertação passaram a responder de forma peculiar à esses desafios.

Foi uma novidade dentro dos movimentos sociais. Frei Betto, falando aos cristãos engajados, já alertava que o desafio era saber encaixar na labuta diária a questão da oração, a espiritualidade. Segundo seu entendimento, sem esse espaço “o militante corre o risco de desumanizar-se, endurecer, perder o senso autocrítico e passar a racionalizar suas próprias experiências” (BOFF-BETTO, 1992, p.28). Assim, da espiritualidade cristã vem a necessidade do compromisso diário do cultivo dos valores e práticas espirituais, que influenciará decisivamente o MST na elaboração de sua própria Mística.

Com essa necessidade premente, surgem dentro do MST diversos materiais e documentos ressaltando aspectos da Mística, de como cultivá-la, de como organizá-la, dos valores que se pretende alicerçar, etc. Um exemplo desses documentos é o Caderno de Formação n.º 24, de junho de 1997: Método de trabalho popular, em que se considerava a Mística como um método de trabalho e, portanto, tem a necessidade de desenvolver valores específicos entre os integrantes do movimento. Dentre eles: a humildade, honestidade, coerência, convicção,

perseverança, paixão/amor pela causa, espírito de sacrifício, responsabilidade, disciplina. Também elencava o que na Mística deveria aparecer: os símbolos da organização: bandeira, hino, os cantos da luta, palavras de ordem, a lembrança de militantes históricos, os que morreram e não conquistaram a terra. Necessário também era apontar para a utopia, para o desejo de realizar o sonho de transformar a realidade; através das lutas dos trabalhadores; de elevar o nível de consciência das pessoas do grupo. Por isso é necessário encarar a prática da mística como séria e necessária para o MST.

Em 1998, o Caderno de Formação n.º 27 intitulado: “Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo” e o livro de Ademar Bogo “O vigor da Mística” serão, no meu entender, as novas balizas da prática da Mística dentro do MST e que influenciam o Movimento até hoje. Esses escritos representam de maneira paradigmática a importância teórica dessa prática para o Movimento social e, ao mesmo tempo, incorpora essa prática capital dentro das perspectivas emancipatórias dos diversos Movimentos Sociais contestatórios.

É bem verdade que os textos apresentados na cartilha n.º. 27 foram compilados, ou melhor, não eram novidades, mas o simples fato da organização do Movimento assumir a publicação, orientar a leitura demonstra um interesse muito grande nessa prática. Segundo Ademar Bogo, as práticas da Mística dentro do MST começaram praticamente junto com o Movimento. Em 1986 já existiam equipes organizativas das Místicas que naquela época eram chamadas de “celebrações” ou “animações”.¹⁹² A organização das equipes de Mística foi uma necessidade do Movimento, que estava sendo atropelado por essas manifestações simbólicas, festivas, emocionais, teatrais, religiosas dos participantes dos encontros regionais e nacionais. A partir desse momento, começa a existir uma equipe que organiza a mística¹⁹³.

Entretanto, a prática litúrgica e espiritual das Igrejas vinha carregada ritualisticamente. A celebração da missa ou o culto engessava formalmente a celebração da vida e história do Movimento. Por isso, e aos poucos, a espiritualidade religiosa cedeu espaço e as celebrações do MST passaram a não se encaixar mais dentro dos moldes rituais das Igrejas. Era necessário constituir uma

¹⁹² Entrevista com Ademar Bogo. A própria linguagem inicial aponta para o caráter religioso das Místicas.

¹⁹³ Não tenho dúvidas que essa equipe de animação, posteriormente de Mística retirou a inspiração nas animações litúrgicas das celebrações religiosas como missas, cultos, procissões, romarias, etc.

nova forma de expressar a própria caminhada. Veja-se como exemplo essa foto retirada de uma mística. A morte é simbolizada como algo possível para quem luta pela terra no Brasil¹⁹⁴.



Esforços teóricos de reflexão da prática do Movimento foram feitos e disso culminou uma cartilha do MST, chamada de “Caderno de Formação nº 27”. Todas as posteriores publicações se referem a ela como um momento decisivo nesta questão. É desse momento em diante que temos dentro do MST um aprofundamento da questão da Mística, sua importância dentro da Educação e Cultura do MST. Por se tratar de um documento importante, pretendo apresentar os seus pontos importantes e assim apresentar o que o MST pensa sobre Mística.

Peluso, autor do primeiro texto dessa cartilha, no seu artigo “A força que anima os militantes” ainda é bastante difuso ao falar da Mística. Talvez ainda não existisse a clareza da força que ela desempenhava dentro do Movimento. Usou a palavra “ânimo” e suas diversas concepções complementares. No entanto, não

¹⁹⁴ Em todas as celebrações cristãs se recorda da morte de Jesus de Nazaré. Mas a forma espiritualizada tradicionalmente usada “morreu pelos nossos pecados” não consegue aderência à luta concreta como essa Mística organizada pelo Movimento.

deixou de atingir a questão central: “É o alimento que revigora o povo nas ocasiões onde o poder da opressão nos leva a pensar que todos os esforços para transformar a situação são impotentes e inúteis” (Op. Cit. p.9). Além disso, aponta para algo interessante que é a questão da metodologia. Segundo ele, mesmo que as convicções já existam dentro dos militantes do MST é necessária uma metodologia para as místicas; elas não podem ser elaboradas de qualquer jeito, devem ser levados em consideração os sentimentos e o entusiasmo, mas com conteúdo, pois elas não podem se tornar fanatismo: “Vira a repetição cega de um ritual, baseado apenas no emotivo, com gestos e palavras sem criatividade. O fanatismo tem acabado na desilusão porque as pessoas se cansam de ser manipuladas” (PELUSO 1998, p.11).

Então não basta copiar modelos, receitas. É necessário criar as manifestações de acordo com as pessoas, os lugares e conforme o seu próprio jeito. “As diferentes regiões devem incorporar seus costumes, sua culinária, suas danças e suas sadias tradições” (PELUSO 1998 p.11). Mas o autor faz um alerta: todos tem obrigação de apresentar as histórias dos lutadores populares e da resistência, pois muitos antes dos atuais militantes pagaram com sua vida pela luta que está sendo travada agora. A Mística assume esse caráter de recordar a história e ser uma manifestação cultural própria e não estranha. Por isso não pode ser imposta, precisa ser construída a partir da realidade de cada Estado, de cada cultura local.

Essa prática Mística parece brotar das convicções profundas que das pessoas que abraçam a causa da liberdade e da justiça. Então, o lutador deve expressar essa energia vital de maneira individual e coletiva. Por isso ela deve ser muito marcante, pois tem “a finalidade de reforçar a luta e atrair novos combatentes” (PELUSO 1998, p.14). Dependendo do momento ela se diferencia e assume contornos de indignação, de conflito, em outros momentos aparece como perseverança e questionamento nas horas de derrota.

Por sua vez, nesta mesma cartilha, Ademar Bogo traz uma contribuição para o aprofundamento da compreensão da Mística¹⁹⁵, visto que muitos encontros transparecem a insatisfação e a desmotivação nos encontros. Para ele a Mística é uma prática individual e coletiva que se vive, não apenas se faz, e ela está ligada diretamente com a natureza da organização do MST e com seus princípios. Por isso,

¹⁹⁵ Isso demonstra duas coisas: que a prática já existia e que era necessário refletir mais sobre ela e melhorar sua efetivação prática no Movimento.

traça alguns pontos a serem levados em consideração como: a não existência de místicas diferentes para a massa e para os dirigentes; a preparação que é fundamental, a necessidade de existir equipes responsáveis para alimentar a Mística; o desenvolver-se das práticas deve dar-se em torno dos valores como a disciplina, a ética, o companheirismo, a coerência, e a valorização da pessoa enquanto fundamental. Reproduzo resumidamente esses elementos:

- Não acreditar em dois tipos de Mística, uma para massas e outro para dirigentes,
- É preciso abandonar a espontaneidade; ela necessita de preparação. Não delegar equipes momentâneas; é necessário ter equipes nacionais e estaduais.
- Deve-se desenvolver em torno de valores éticos e políticos como disciplina, beleza, limpeza, companheirismo, coerência.
- Há a necessidade do uso de símbolos
- Valorização do ser enquanto pessoa, da saúde física,
- A rotina é inimiga da Mística.
- A Mística dá a têmpera para o caráter e para o compromisso com a causa maior. Os aspectos ideológicos são o tempero da mística e por isso ela deve ser alimentada através de encenações, poesias, fotografias.
- A Mística é papel para dirigentes. Não pode ser uma mera obrigação a sua realização. É necessário dar a força do exemplo.
- É necessária a criatividade a partir do cotidiano. Aproveitar os fatos cotidianos. É isso que cria a Mística. Nos locais de trabalho também se vive a Mística quando é limpo, pintado, ordenado¹⁹⁶.

Essa orientação de Bogo assinala definitivamente o que estava se tornando hegemonia dentro do Movimento: a incorporação da Mística de forma laica, com valores não explicitamente religiosos, mas presentes dentro da tradição teórica da

¹⁹⁶ Cf. Bogo 1998. p. 19.

Teologia da Libertação aliada com as representações laicas da utopia, do sonho do ideal socialista¹⁹⁷.



Esse autor mostra a transformação da Mística, antes engessada à ritualidade das celebrações eclesiais, quando eram enfatizados valores como “fazer a vontade de Deus”, mudando para valores que regem diretamente a prática do Movimento, como: o companheirismo e a solidariedade. O texto reflete a necessidade de planejamento da Mística e sua construção criativa constante, assim como a vida dentro do Movimento transcorre. Evidentemente que esse documento de Ademar Bogo não dá origem à prática mais laicizada da Mística, mas localiza nesta época histórica a teorização do Movimento sobre essa questão, até porque a Mística “não se faz, se vive”. (BOGO 1998 p.16).

Necessário apontar para a questão dos dirigentes e a Mística. Se por um lado eles devem se motivar com as místicas de toda a massa, pois os objetivos da luta são os mesmos, por outro lado são eles que dirigem a Mística. Isso significa que a

¹⁹⁷ Esse encontro das duas vertentes que formam o MST é representado muito bem nos textos de LOWI, Michel. A guerra dos deuses - religião e política na América Latina, Petrópolis: Vozes, 1996 (quando fala da aproximação dos cristãos com os marxistas). Acredito que o MST incorpora bem essa pluralidade de concepções.

Mística passou a ser tratada pelo MST como elemento fundamental para a sua própria organização. Como se vê pela organização da Mística dentro do encontro nacional – descrito anteriormente - atualmente essa preparação está descentralizada. Nota-se ainda a importância dada pela metodologia, pela preparação que exige e a necessidade de levar tão a sério como qualquer outra tarefa a ser desempenhada dentro do Movimento.

Leonardo Boff, que contribui por último, com o artigo “Alimentar a nossa Mística”¹⁹⁸, é que vai dar os rumos teóricos futuros da Mística no MST. Nota-se a preponderância desse teólogo, pois foi instigado pelo Movimento e escreveu vários textos que ligam a Espiritualidade, a Mística com a militância política¹⁹⁹. A mística do engajamento e da luta que perpassa o MST, segundo Boff, brota do contexto em que se procura descobrir “os grandes sonhos e visões de um novo mundo e de relações humanas e sociais mais benevolentes e amorosas que povoam nosso imaginário e que, de tempos em tempos, incendiam os corações” (BOFF, 1998 p. 22).

Essa visão de Mística, que já faz parte da vivência prática do Movimento tem um sentido mais amplo que o cristão. Assim, o sentido da Mística no MST passa a incorporar elementos pluralistas dos diferentes atores que acompanham o MST, além de dar vazão aos sentidos antropológicos, religiosos, cristãos, subjetivos e sócio-políticos até então subsumidos pela hegemonia da visão religiosa de Mística²⁰⁰.

Destaco alguns desses sentidos da Mística mais detidamente abordada por Boff (1998):

¹⁹⁸ Esse texto é datado originariamente em 1993, republicado nessa cartilha e assumida como baliza pelo MST em 1998. Isto é, esses textos estavam sendo estudados e praticados pelo Movimento em toda a década de 1990. Além disso cabe destacar que entre os intelectuais católicos ligados diretamente à teologia da Libertação Leonardo Boff, Frei Betto e Marcelo de Barros são os mais destacados para contribuir com o Movimento, todos eles ligados à questão da Espiritualidade, da Mística.

¹⁹⁹ Como a Teologia sempre é uma visão de “segunda mão”, uma interpretação daquilo que já aconteceu na prática da fé, penso que a prática da Mística dentro do MST mudou a forma de muitos teólogos pensarem a relação da Espiritualidade na vida concreta. Acredito que essa forma metodológica é comum também nas outras ciências sociais. As idéias de Boff, no meu entendimento, demonstram esse viés. Sobre o estatuto da teologia e sua importância social veja-se SUSIN, L.C O estatuto epistemológico da teologia como ciência da fé e a sua responsabilidade pública no âmbito das ciências e da Sociedade pluralista. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1748/1281>

²⁰⁰ Veja-se a poesia de Mauro Iasi, descrita anteriormente. É como uma declaração utópica, um sonho, um desejo futuro, mas não religioso no sentido estrito do termo. Essa perspectiva está incorporada na Mística do MST.

Mística, palavra originariamente grega, se refere ao escondido de uma prática religiosa, a ritos de iniciação como cânticos, dramatizações, gestos rituais, iluminações, etc. Uma experiência religiosa comunitária e coletiva.

Boff destaca a necessidade de superar as visões objetivantes da racionalidade e do cientificismo moderno²⁰¹. Apresenta alguns cientistas como Einstein para mostrar que a racionalidade moderna não consegue abarcar a totalidade do ser humano e que a realidade ainda se apresenta como um grande mistério, por isso deve-se ter sensibilidade para poder não ficarmos fechados nessa camisa de força que é a racionalidade moderna.

Alimentar a mística nesse nível significa manter uma abertura curiosa à realidade, desenvolver uma sensibilidade face aos limites do nosso conhecimento, redimensionar-se sempre à riqueza da experiência, mostrar uma disposição permanente de qualquer fonte de saber e das várias tradições culturais e nutrir uma veneração humilde entusiasmada face ao fascínio do real, que escapa sempre as nossas representações mas continuamente também nos alimenta: eis uma atitude mística (BOFF 1998 p.29).

Mistério não é enigma, mas a dimensão profunda que cada pessoa possui na sua totalidade e na sua profundidade; por isso ela é indecifrável. Cada pessoa é um mistério indecifrável: “ninguém jamais poderá decifrar e definir quem é a Maristela...” (BOFF, 1998 p.25). A Mística não é privilégio de alguns. É uma dimensão humana a qual todos têm acesso. “Todos, pois, somos num certo nível, místicos” (idem).

Boff vai expressar o sentido sócio-político da Mística da seguinte maneira:

conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos (BOFF 1998 p. 37).

O que Boff fala é da utopia, dos sonhos, dos modelos alternativos de história, o deslanchar de novas energias para os avanços futuros. Por isso a Mística é “o motor secreto de todo o compromisso”, capaz de animar o militante, até porque segundo ele “Não há militância sem paixão e mística...” (Op. Cit. p.38). Assim,

²⁰¹ Alguns críticos notam, nestes textos sobre Mística, que Boff começa a escrever na década de 1990 uma virada da Teologia da Libertação. O acento agora seria na Mística e não mais na luta política. Veja-se, por exemplo, Boff (1993 p. 62) “A volta do religioso e do místico pouco se faz pela mediação das religiões instituídas” e Sell (2004).

enquanto houver visionários, a sociedade se mantém em movimento; haverá sempre um anti-poder que se opõe ao dominante, existirão sempre os subversivos, surgirão sempre bandeiras libertadoras e articulações para levar avante a transformação da sociedade. Nisso tudo vai uma mística que se recusa a aceitar a situação dada, uma mística geradora de energia orientada para a construção de um mundo melhor (BOFF, 1998 p.38).

Entretanto, essas utopias, esses ideais não transformam a sociedade, mas reanimam, dão vida e energia para os sonhos que devem ser transformados pela militância²⁰². Não é uma questão de idéias/ideais, ressalta Boff, mas de convicções. São essas últimas que mudam as práticas, que mudam a realidade, ajudam os militantes a manterem-se inarredáveis de suas práticas concretas de defesa dos direitos humanos, enfim, a mística é “a própria vida tomada em sua radicalidade e extrema densidade” (p.45).

Após a publicação dessa cartilha, outros escritos apareceram sobre a Mística dentro do movimento²⁰³. Quero destacar alguns como Bogo (2000), Bogo (2002). MST (2001) Caderno de Formação nº 10 “Ocupando a Bíblia” e MST (2001) Coleção Fazendo Escola nº 4 - “Escola Itinerante uma prática pedagógica em acampamentos”. Por último, MST (2005) “Documentos básicos” (2005), onde constam dois textos importantes “Experiência histórica dos métodos organizativos” e “Mística, razão da persistência”.

Destes, acredito ser “O vigor da Mística” o escrito mais fundamental para a prática da Mística dentro do MST, que foi escrito por Bogo (2002) e dentro dele está contido as bases teóricas e práticas da Mística do MST. Por isso é importante que eu faça algumas referências dele a seguir.

A) A apresentação de Pizetta capta o central do livro: mostrar que a Mística ocupa um lugar central dentro do MST. O apresentador começa constatando que a prática da Mística está arraigada no cotidiano do Movimento e que é “impossível conceber a militância no Movimento sem MÍSTICA” (PIZZETA, In BOGO 2002, p.8). Quando há desmotivação é porque está faltando Mística. A Mística é feita de rituais e símbolos; entre eles se destacam os símbolos construídos ao longo dos anos pelo Movimento: a bandeira, o hino, a lona preta, a foice, facão, boné, jornal entre outros. Entretanto o principal símbolo é o ser humano, pois através dele é que se acredita

²⁰² Nesse sentido é um erro querer atribuir ao MST o caráter de messiânico ou milenarista como faz Hobsbawn, op. Cit. A prática mística leva diretamente às instâncias concretas e organizadoras do Movimento. Stédile (1999 p.129).

²⁰³ Além de que já existem algumas publicações acadêmicas sobre a Mística no MST como artigos (MEDEIROS 2001), dissertações de Mestrado e tese de Doutorado (MAIA 2005).

poder construir uma sociedade diferente. Só assim é possível entender a afirmação do assentado Rodrigo contando que na marcha a São Sepé (na primeira tentativa da ocupação da fazenda Southal) quando os integrantes do Movimento precisaram passar pelos fazendeiros acampados que os ameaçavam, os policiais orientaram os Sem-Terra a baixarem a cabeça quando passassem por eles, e logo foi respondido: “depois que se coloca esse boné (boné do MST) nunca mais se anda de cabeça baixa”²⁰⁴.

Pizetta acredita inclusive que com esse escrito sobre a Mística o MST, através de Ademar Bogo, inseriu a Mística na Teoria da Revolução Brasileira. Ele conseguiu mostrar sua importância na organização cotidiana, por que qualifica a organicidade do Movimento e impulsiona os militantes a superarem desafios, transpor barreiras, alargar a compreensão da realidade e qualifica a práxis libertadora²⁰⁵.

B) Segundo Bogo, a Mística é uma companheira eterna da existência. Isso porque não somos apenas força física e razão (Op. Cit., p.28), mas porque temos sentimentos e a Mística está entre os sentimentos, está na auto-estima, está no “fogo interior” do lutador, não apenas nas palavras da vanguarda (idem, p.30). Por isso sem a Mística não há revolução. Mas isso tem consequências concretas, pois quando as organizações de massas tem poucos militantes, diz Bogo, é porque faltou despertar a auto-estima, o fogo interior. Não estão criando utopias, mas fantasias. A revolução acontece quando acende-se o fogo interior das pessoas. “nas organizações políticas e populares, embora se tenha pretensão de aprofundar a democracia é costumeiro alienar as massas, quanto elas se afastam das instâncias e grupos muito reduzidos assumem o poder” (Op. Cit., p.35).

A Mística tem origem com a vida humana “isso porque qualquer forma de vida esconde em qualquer época, um mistério que quer se revelar” (Op. Cit., p.35) “Não haveria vida se não houvesse esse mistério em constante ‘revelação’” (Idem, p.36). Até dar o nome é um gesto da mística (p.36). A própria existência parece necessitar de uma animação interior, por isso “a mística existe pela teimosia e vontade do ser humano existir” (Ibidem, p. 41).

²⁰⁴ Relato a uma turma de alunos na disciplina de Trabalho Movimentos Sociais e Educação ministrada pela prof. Marlene Ribeiro, 2005. Baixar a cabeça significa aceitar a autoridade do outro. Nesse caso seria impossível se curvar e andar de cabeça baixa por entre os latifundiários, pois seria negar-se a si mesmo e desonrar o Movimento.

²⁰⁵ Cf. Pizetta p.12.

C) A luta revolucionária precisa de uma esquerda recomposta e que consiga decifrar os enigmas da humanidade, que consiga ter um pensamento atualizado e que pratique a ética e os valores morais. Por isso chega a conclusão que a “mística precisa ajudar a refletir” (p.87) sobre esses aspectos da prática revolucionária.

Interessa-nos tratar da mística numa perspectiva ética revolucionária,... Queremos auxiliar no aperfeiçoamento da prática e do comportamento dos lutadores e lutadoras, como instrumento de transformação que se alimenta desse sopro, e faz arder de paixão... (BOGO, 2002, p. 47)

Mas para se chegar a isso a prática cotidiana tem que ser levada em consideração. A mística não é só teoria, mas também prática concreta. Ela deve perpassar as atividades dos lutadores, questionando-a até mesmo os locais de trabalho:

Existem cooperativas que, se os seus participantes tomarem uma norma por dia para desenvolver a mística, passarão o ano e não conseguirão ‘gastar’ todo o Regimento Interno pela quantidade excessiva de normas criadas. Quando se burocratiza demais, perde-se a criatividade e a mística e o veio d’água não verte da terra dura e seca (Op. Cit., p.84).

Se ela questiona o fazer diário, também ajuda a “a desenvolver hábitos de cuidado com tudo o que nos rodeia e a estabelecer bons exemplos para que as crianças e os jovens tenham a quem seguir” (Idem, p.66). É a preocupação com a coerência da organização e dos sujeitos que dela participam, pois a “coerência política é uma força que alimenta a mística. A incoerência a destrói”. (Ibidem, p.91). Assim as Místicas devem ser preparadas para alimentar a utopia, mas também para promover a conscientização, da luta contra as estruturas que condenam o MST, ajudar a perder o medo da lei e das estruturas do poder, a perder o medo da morte para cultivar uma vida plena de sentido na esperança de que a sociedade pode e deve ser diferente.



Além disso, a Mística em termos coletivos serve para compreender melhor os princípios, os objetivos e as normas do Movimento, e interrogar-se se seus conteúdos estão adequados ou ultrapassados (Op. Cit., p. 82)²⁰⁶. Assim a Mística do MST deve ser um propulsor de ânimo: “deve incentivar esta reação. A força que pulsa nas consciências dos inquietos lutadores precisa exportar-se para que o desânimo e a falta de esperança sejam dominados” (Idem, p.177). As próprias relações entre os lutadores revolucionários precisam ser diferentes, pois a afetividade é um dos traços característicos da mística. Muitos valores podem ser incorporados, pois “faz parte da nossa mística a cortesia, a hospitalidade, o carinho, a admiração e dar presentes. São características que alimentam e dão unidade política pela afetividade” (Ibidem, p.92).

²⁰⁶ As entrevistas com os organizadores das místicas do encontro mostram que eles pretendem expressar: representar por meio de símbolos aquilo que em um discurso demoraria muito tempo para explicar.



D) A Mística é produto da ação do coletivo, mas também cria a subjetividade pessoal, uma identidade, muda as pessoas, o comportamento, as atitudes e nas ações. Quando se incorpora isso no lutador os hábitos mudam, o cuidado com o corpo, com o ambiente de trabalho, com as relações pessoais. Por isso um militante revolucionário sempre será um místico, e isso não vale apenas para a base, mas também para as lideranças, pois os “militantes perdem o ânimo e a empolgação de lutar quando os dirigentes são incoerentes e desviam os objetivos em busca de um falso triunfo” (Op. Cit., p. 91). Entretanto não há uma mística para base e outras para quadros (Idem, p. 85)²⁰⁷. Além disso, a Mística deve ser alimentada pessoalmente todo dia, pois “aqui reside a essência da mística, de não apenas ser responsável pela utopia que acreditamos, mas de alimentar a teimosia em nós e nos outros para realizá-la.” (Ibidem, p. 88).

²⁰⁷ Aqui se apresenta uma mudança na concepção inicial do Movimento: enquanto anteriormente eram as lideranças que preparavam as místicas, agora não aparece mais essa distinção. Na entrevista com Nina, esta explicou que essa mudança ocorreu, pois se notou que a participação aumentava e as místicas passaram a apresentar uma simbologia maior.



Outro texto básico para entender a Mística dentro do MST é o livro “Arquiteto de Sonhos”, também de Ademar Bogo. Livro escrito em 2003, Bogo conta toda a história da Mística dentro do MST e acrescenta muitos elementos importantes para a compreensão dessa prática característica do MST. Por isso apresento alguns elementos importantes desse livro aqui.

A Mística surgiu com o nascimento do Movimento. Ela é alimentada por 3 raízes: a contemplação, a adoração e os sons (BOGO, 2003, p. 304). A contemplação pode ser vivida em qualquer lugar; Bogo diz que a “contemplação pode estar nos mosteiros, no silêncio, na oração, mas também na guerrilha, no barulho, na corrida para proteger o corpo das balas inimigas. Onde há vida, há contemplação” (Idem, p. 305) ²⁰⁸. A adoração vem das raízes religiosas do povo que gosta de belas cerimônias, da ornamentação dos locais, das devoções à forças superiores. Os sons são as raízes da mística porque a música cria harmonia,

²⁰⁸ Bogo radicaliza a concepção de Betto que disse ser possível ser contemplativo em qualquer lugar.

“divulga, através das letras mensagens ideológicas, que formam a consciência dos trabalhadores” (p. 308)²⁰⁹. Quando surgiu era vista como animação, como preparação dos ambientes das reuniões, encontros, mas ainda não se dava a devida importância dessa arte para motivar a militância, mas

Aos poucos, apareceu a necessidade de organizar e preparar melhor os locais de encontro nacionais, reuniões ampliadas; pensar as diferentes cerimônias de abertura e encerramento. Aí se deu o nome para essa atividade: ‘mística’ e um grupo de militantes tomou conta dessa tarefa. (p. 308).

Assim nasce a Mística dentro do MST. Mas com o passar do tempo ela passou a ser referência para definir o belo e o sentimental relacionados com a parte racional dos encontros (cf. BOGO 2003 p. 308) e como sua realização era no início e no fim criava um sentimento de saudade dessas horas que os integrantes do Movimento passavam juntos.

Havia certa desconfiança por parte dos militantes de esquerda tradicionais quanto a essa prática. Como ela tem origem nas Igrejas, o MST era visto como “igrejeiro” por parte da esquerda brasileira, o que significava ser idealista, fora da realidade, alguém que não consegue ver como a sociedade funciona materialmente²¹⁰. Contudo, as críticas dos intelectuais de esquerda – responde Bogo -, que pouco estavam inseridos nas lutas, ficavam apenas na conceituação enquanto os militantes do MST desenvolviam a Mística aplicada nas ações. Assim, os estavam enfrentando o latifúndio possuíam uma mística e o seu conteúdo foi se definindo ao longo das lutas. Aí o Movimento se distancia também dos “idealistas ateus”, pois segundo Bogo (2003, p. 309)

embora se imaginassem materialistas, viviam de planos abstratos e de especulações políticas, vendo, dia após dia, suas organizações caírem no ostracismo político e organizativo e as pessoas perderem a motivação para a luta

²⁰⁹ Nina relata que ela entrou, foi atraída pelo MST pelos cantos. “Me sentia bem no meio deles. Todos cantavam, eu notava que eles eram felizes”. Entrevista em Janeiro de 2009.

²¹⁰ Essa questão ainda motiva um debate extremamente interessante sobre a importância das Igrejas na formação dos militantes políticos, debate impossível de ser tratado nesse trabalho. Veja-se o contraponto entre Boff e Sanson, respectivamente em SANSON, Cezar. A visão idílica e ingênua de Leonardo Boff e Frei Betto disponível em <http://alainet.org/active/9253&lang=es> e BOFF, L. PT, religião e ética, disponível em http://www.domtotal.com/especiais/artigo_detalhes.php?espld=146&espld_art=154.

Há uma grande dose de espontaneidade inicial da Mística dentro do MST. O camponês tem uma vida repleta de simbologia, de mistério, que Bogo chama de “essência da vida camponesa” (Op. Cit., p.310). Das animações às manifestações, foi-se evoluindo em forma e conteúdo. Mesmo assim não houve como ser diferente, pois “pelos dezenas de encontros que aconteciam nos Estados, era preciso fazer desabrochar a alegria que existia no coração dos camponeses e apresentar tudo através de símbolos” (Idem, p. 310). Assim a Mística se torna o “tempero” dos encontros. E como na comida, se falta o tempero, falta tudo. Assim, “a enxada lá em sua roça era um instrumento de trabalho; ali no encontro transformava-se em símbolo da vontade de carpir todos os males do mundo, para fazer a grande roça da desigualdade social” (Idem, *Ibidem*).

Esse impulso originário torna-se mais racional quando se começa a pensar melhor sua conceituação e ela vai se modelando como um “modo de vida” do lutador do MST, uma convicção, uma virtude profunda. Nesse sentido é possível compreender que as lideranças não são vanguarda, mas estão sempre vinculados, por princípio. Bogo explica que o não seguimento desse princípio, a desvinculação dos dirigentes com a sociedade contribuiu para a deposição do regime dos países socialistas. Segundo ele “os grandes líderes também são aqueles que sabem seguir a massa, e não apenas querer que o sigam” (Op. Cit., p. 314).

Ressalta a coerência com a memória histórica: com a origem de classe e com o respeito à dignidade e história de cada um, ao sentimento das pessoas e ao espírito da participação. A coerência política é a aceitação das decisões da maioria, seguir os princípios da organização, não lançar mão de qualquer meio para atingi-los. A coerência moral também é importante, pois não se pode apoderar-se de conquistas coletivas e tirar proveito próprio através de privilégios individuais, pois “enquanto todos na sociedade não tiverem as mesmas condições, não é justo que algumas pessoas sejam agraciadas por privilégios” (Op. Cit., p. 321). Os privilégios são imorais, pois destroem a organização. A burguesia, conforme Bogo atrai lideranças e estas imaginam que irão sentar-se à mesa junto à eles, mas essa bajulação é por pouco tempo e depois logo serão abandonados pois “os traidores sempre serão considerados traidores, mesmo do outro lado” (Idem, p. 325). Querendo comodidades o corpo se acostuma com privilégios e isso acabará refletindo na luta de classes, pois, às vezes, uma norma não pode ser aprovada,

pois se está acostumado com um determinado grau de satisfação, com uso de carro, celular.

Bogo apresenta a essência da Mística como a vontade de triunfar sobre o latifúndio, realizar a reforma agrária, edificar essa obra coletiva que é a luta por um mundo melhor. O Objetivo da Mística é dar sustento político à classe trabalhadora. “Alimentar a prática com a energia que precisamos para seguir em frente. No fundo o objetivo é manter a força, o ânimo, a esperança, mesmo que em determinados momentos tudo parece acabado” (Idem, p. 328).

A fonte da Mística é a prática social que busca a realização da utopia, mas é um aprendizado que se desenvolve através de exercícios diários (Op. Cit., p. 335), o que encontra dificuldades, pois a rotina faz perder a motivação; a Mística se torna abstrata e perde a qualidade, enfraquece o grupo; outra dificuldade a ser superada é o uso de símbolos em que os próprios sem terra precisam providenciar como, por exemplo, a bandeira; há os que se acomodam e não se aperfeiçoam com o estudo, só nas tarefas, outros se iludiram com as novas tecnologias e mecanizaram suas relações (cf. p. 347).

Na obra escrita em 2009, “Identidade e luta de classe”, Ademar avança, ainda mais com clareza, sobre vários aspectos da Mística. Pelo fato desse material ser o último escrito do MST sobre a Mística não poderia deixar de apresentar muitas de suas reflexões sobre o tema. Especificamente nesse livro, sugestivo até no título, o autor trata da Mística em dois capítulos, “As relações entre Mística, Ideologia e Utopia” e “Mística: a força que se renova sempre”. Começemos pelo primeiro.

O teórico do Movimento sobre a Mística começa abordando as diferentes visões de Mística que existem e exprimindo a visão que o MST possui. Para ele há três formas principais de ver a Mística: pela teologia, pelas ciências políticas e pela filosofia. No que se refere à teologia a Mística tem como sinônimo a espiritualidade, na ciência política é compreendida como carisma e na filosofia relaciona-se com o pensar, o agir e sentir ligando-se aos valores, à estética, ao trabalho produtivo, à educação e formação humana e luta de classes. Admite que a concepção que o MST tem da Mística vincula-se à esse terceiro conceito (BOGO, 2009, p. 212). Nesse sentido vai tentar aproximar esses três conceitos tão longínquos quanto próximos: Utopia, Ideologia e Mística.

Sobre Utopia recorre a Thomas Morus que define utopia como o “não lugar” onde a felicidade se encontraria, e o coloca como antecedente do socialismo

científico. Marx pensou o homem como ser imaginativo que constrói mentalmente seu objeto antes de transformá-lo em realidade. A parte não realizada desse sonho desse desejo ligada à produção de melhorias sociais é a Utopia, esse não lugar que nunca alcançaremos, porém não desistimos de tentar (Op. Cit., p. 213).

O conceito de Ideologia pode ser abordado de suas maneiras, continua Bogo (Idem, p. 214), como as idéias da classe dominante ou as idéias que contestam essa dominação. Recorrendo principalmente a Marx acentua a ideologia como subterfúgio das idéias da classe dominante para enganar os trabalhadores. Assim, quando as idéias são mal formuladas pelos trabalhadores a utopia se desqualifica, cai-se no revisionismo, não se vê claramente, chega-se ao conformismo, às Místicas enfraquecidas, típicas de tal atitude.

Segundo Bogo, ainda na mesma obra, as idéias nem sempre estão corretas, mas assim como as águas do rio correm para o mar nem sempre em linha reta, as idéias também devem ter a lucidez para onde querem chegar. Se quem educa as águas do rio é o trajeto delas, analogamente quem educa as idéias é a prática política (Op. Cit., p. 217), pois nem sempre está clara a causa, os caminhos a percorrer, principalmente quando há uma confusão de ideais. Nesse momento é importante a Mística, pois ela “antecipa aquilo que deverá vir-a-ser ao mesmo tempo em que está sendo” (Idem, p. 219) através do teatro, das músicas e outras expressões. A utopia sem a Mística também se desconstrói, muda de rumo; Mística tem que ser vista como “construção histórica do processo de transformação” (Idem p. 221) por isso ela precisa da ideologia e da utopia; então é preciso “teorizar e praticar, praticar e teorizar, é o alimento que a mística precisa para não cansar e seguir em busca da utopia” (Idem, p. 221).

No segundo capítulo “Mística: a força que se renova sempre” Bogo aborda a Mística como uma “força estranha que faz a gente andar” (Idem, p. 224), uma grande companheira que nos acompanha e alimentada a imaginação.

“A mística é a força que faz despertar a atenção, faz gostar de cuidar, não deixa abandonar o posto. Com a mística a imaginação vai mais longe. Procura o que ainda não foi encontrado... Sem imaginação não há revolução, há apenas conflito... A mística está na imaginação revolucionária” (BOGO, 2009, p.227-228).

Outro destaque neste capítulo é dado pela esperança. Isso se justifica segundo Bogo porque “esperar não é desistir do sonho, mas querer

equilibradamente” (p.228). É um sonho que nos leva para frente, que mantém viva a esperança, que não é uma ilusão ou engano, mas querer o futuro sem desligar-se do presente e a mística é o animo que faz o corpo andar, e quem está em movimento não deixa morrer a esperança.

A mística como paixão consciente transforma-se em causa política. Dentro do capitalismo individualista que corrói as causas coletivas e privilegia o egoísmo, a mística “socialista reedifica as causas coletivas privilegiando a prática dos valores coletivos como os da justiça e da igualdade. Ela está comprometida com a tarefa de formar uma nova identidade” (Op. Cit., p. 233). As revoluções podem ser consideradas paixões políticas dos povos e elas afetam a todos: comemos, vestimos e lutamos por ela, tornado-a assim práticas afetivas, cativantes para as multidões. Por isso acentua que

Na vida militante, a mística presa apenas à razão, ou ao raciocínio ideológico, fenece. A mística precisa de arte, da beleza, da afetividade e do prazer. A imaginação, a esperança e a paixão são seus pilares de sustentação (p. 234) ²¹¹.

Além de todas as idéias que aqui foram apresentadas, ainda destaco alguns pontos que podem incitar a reflexão sobre as relações da Mística com o cotidiano de luta e enfrentamento que o Movimento realiza frente ao liberalismo.

1) A Mística não pode ser confundida com pena ou padecimento. No lugar desses sentimentos “a mística apresenta-se como indignação, elevando-se para ações e sentimentos de solidariedade” (MST 2005 p.38). A prática Mística possui uma motivação de transformação e inquietude que leva os participantes a engajar-se na luta social, não apenas na comoção e histeria coletiva, mas de forma coletiva e organizada dentro de um projeto de luta.

²¹¹ Entrevista no acampamento da fazenda Dragão, posteriormente despejados do local, alguns participantes contaram de uma mística que quase aconteceu uma tragédia. Aconteceu o seguinte: numa das místicas eles decidiram que representariam o latifúndio enterrando os agricultores. O MST seria o passo para a liberdade enquanto continuar como empregado do agronegócio seria a morte. Decidiram que um militante ficaria embaixo de uma lona em uma cova coberta de terra. Só que a Mística demorou e o militante que estava embaixo da lona dentro da cova desmaiou pela falta de ar e não saía na hora determinada para tal. Todos se assustaram pensando que tinha morrido; felizmente logo recobrou a consciência e foi motivo de riso durante muito tempo no acampamento. Essa pequena história e a forma como foi contada revela que a Mística é uma prática sistemática e que não representa um peso a sua realização. Faz parte da memória da vida coletiva e individual que tem seriedade e jocosidade, como a maioria das nossas experiências vivenciais.

2) A Mística tem como objetivo sustentar o projeto político da classe trabalhadora, como uma energia que empurra o militante para frente da luta. Por isso

A mística precisa do movimento e ação para permanecer viva. A busca de esclarecer o mistério, que sempre está mais adiante, é que nos move na direção certa. Quem não luta não tem mística, porque não precisa dela para viver. Para estes não existe mistério a desvendar, já se tornaram tão medíocres que são incapazes de elaborar perguntas. (BOGO 2002 p.329).

Atualmente a prática da Mística faz parte do cotidiano do MST. Inclusive integra o cotidiano das escolas de assentamentos e acampamentos, evidenciando o seu caráter pedagógico:

Como a mística é algo que nos alimenta, que fortalece nossa organização, que nos dá esperança de viver com dignidade, resgatando os valores, entendemos que ela deve estar presente em nosso cotidiano. Assim sendo, decidimos incluir a mística como tarefa nas equipes de trabalho, onde cada dia uma equipe é responsável por ela. Como já temos presente a educação que queremos, a escola diferente que sonhamos, a mística alimenta a esperança de alcançarmos esse sonho. (MST. Fazendo Escola nº3 p.42)

A Mística como prática desse movimento social nas suas diversas manifestações públicas tem inspirados novas formas de luta, novas manifestações, novas estratégias de mobilização. A Mística entrou definitivamente na história das lutas sociais como uma prática mobilizadora. Isso também é corroborado por estudiosos dos Movimentos sociais como Sherer-Warren:

Além do avanço das idéias de reforma agrária na esfera pública, na classe média e até nas elites, as marchas organizadas ou inspiradas pelo MST – Marcha dos Sem-Terras, do Zumbi, dos ‘sem’ (terra, teto e emprego), o Grito dos Excluídos, a Marcha dos Cem Mil, etc. – demonstram uma modificação no âmbito das estratégias de mobilização coletiva, com o objeto de estabelecer novas relações de força entre sociedade civil, a mídia e o Estado (2000, p. 22).

Se o resultado da Mística para a sociedade como um todo é a inovação no caráter das lutas, internamente os militantes se tornam mais combativos e resistentes, com maior força interior capazes de agir e interagir. Aqueles que pouco se interessam, não participam das místicas, vão deixando a coletividade de lado, vão perdendo o entrosamento são os primeiros a recuar quando chegam as dificuldades e são os primeiros a abandonar o MST. Por isso

A mística só tem sentido se faz parte de sua vida da tua vida. Não podemos ter momentos exclusivos para ela, como os Congressos ou Encontros Nacionais ou Estaduais. Temos de praticá-la em todos os eventos que aglutinem pessoas, já que é uma forma de manifestação coletiva de um sentimento. Queremos que esse sentimento aflore em direção a um ideal, que não seja apenas uma obrigação ...a partir dessa compreensão, em cada momento, em cada atividade do movimento, ressaltamos uma faceta do projeto como forma de motivar as pessoas" (FERNANDES; STÉDILE, 1999, p. 130).

Por isso a Mística é o termômetro da saúde e vitalidade do MST. Se ela vai mal é mal conduzida, pouco preparada, é porque o Movimento está desanimado, sua militância está desarticulada e o projeto que se tem para uma sociedade diferente não tem um real sentido na prática cotidiana naquele momento. Se então, a apatia e a indiferença imperarem sobre o militante, a mística enfraquece a militância. Sem a militância convicta o Movimento desaparece na sua novidade histórica em sua capacidade de pensar uma sociedade nova. Se uma das metas do Movimento é elevar a consciência do trabalhador para uma luta de classes, onde as reformas agrárias é imprescindível para acabar com a pobreza no país, primeiramente seus militantes precisam estar convictos disso para conseguirem o apoio dos outros segmentos da classe trabalhadora para fazer as outras reformas que o país necessita.

Através da mística é possível re-significar a utopia e os ideais da sociedade. Mas para isso precisa estar arraigada na prática coletiva dos Movimentos Sociais, como está no MST. A partir dessa prática coletiva seria possível construir uma unidade de luta da classe trabalhadora superando as visões burocratizantes da tomada do poder institucional como forma única de transformação social. As práticas Místicas do MST e seus militantes embuídos dessa "força motriz" interior contribuem ao apontar que emancipatórias dos Movimentos Sociais que não possuem uma lógica racionalista e legalista das transformações do Estado de Direito²¹² podem contribuir para mostrar que a superação das atuais condições passa por um revalorizar as práticas culturais e educacionais que superem a simples visão iluminista. A mística como um elemento dessas novas bases fenomenológico-existenciais possibilitaria o aproveitamento desses impulsos organizativos em torno de um ideal, uma utopia original.

²¹² Concepção positivista do Direito baseada principalmente na obra de KELSEN, Teoria pura do direito. 6ªed. SP: Martins Fontes, 1998. Os efeitos práticos dessa teoria para o MST pode-se ver em QUINTANS, M.T. D. O MST e o direito: contribuições para crítica do positivismo Jurídico disponível em http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/anais/bh/mariana_trotta_dallalana_quintans.pdf.

Vale dizer que a Mística já está sendo praticada em todas as organizações aglutinadas pela Via Campesina mundial²¹³. Ademir Bogo relata que em sua recente participação na Venezuela de um encontro da Via Campesina mundial, houve místicas. Outros movimentos já estão praticando a Mística²¹⁴ e se dando conta que as estratégias para a unificação da luta dos trabalhadores se distanciaram dos manuais da esquerda ortodoxa, começando a desenvolver novas práticas motivadoras, entre as quais a mística do MST se destaca. Por isso ela é notadamente uma prática contra-idelógica e revolucionária, que será mais explicitada a seguir.



²¹³ Email recebido de Ademir Bogo. Op. Cit. Sobre os Movimentos que compõe a Via Campesina Mundial veja-se no site http://viacampesina.org/main_sp/.

²¹⁴ A Confederação dos Trabalhadores na Agricultura também introduziu a Mística nos seus trabalhos de formação, o que pode ser confirmado na realização do II FÓRUM CONTAG DA EDUCAÇÃO DO CAMPO – Brasília 24, 25 e 26/08/2009.

4.3 A Mística Revolucionária

As considerações sobre a Mística no MST têm como pano de fundo o encontro dos 25 anos de MST em Janeiro de 2009, as observações que fiz neste encontro, as entrevistas que realizei com os militantes, as entrevistas com os organizadores das Místicas e alguns participantes. Ao mesmo tempo, valho-me das congruências que a Mística, resgatada nesta concepção peculiar pelo MST, tem com o conceito de ideologia em Gramsci²¹⁵.

Resgatando a concepção de Mística no sentido sócio político, Boff ²¹⁶ nos diz que existiram poucos “santos políticos” e os “santos militantes” dentro da tradição eclesial. O processo de libertação empreendido na América Latina criou um outro tipo de santidade: Santo é visto, a partir de então, como alguém que além de lutar contra suas próprias paixões, luta contra os mecanismos de exploração e destruição do coletivo. Dessa luta é que emergem virtudes reais como a solidariedade de classe, participação, lealdade, capacidade de ver além do imediatismo, etc. É um novo tipo de ascese, pois nasce do compromisso de fé, de crença. Esse novo tipo de ascese possui exigências próprias e renúncias, a fim de manter-se orientado para a libertação histórica, mesmo sofrendo perseguições, ameaças, martírios. Esses santos possuem uma nova forma mística. Uma Mística antropológica, não religiosa em que “as convicções profundas”, “as paixões fortes” que mobilizam as pessoas e movimentos são a sua essência enquanto buscam emancipação social.

Como já se referia anteriormente, Boff vai dizer que esse tipo de Mística é o motor secreto de todo o compromisso, capaz de animar o militante, pois para ele “não há militância sem paixão e mística” (BOFF, 1998 p.38). Assim a sociedade se mantém em movimento graças à esses lutadores visionários e revolucionários, motivados por um “fogo interior” de transformação social, de luta contra as estruturas injustas de poder. A mística é algo que está no mais profundo do ser revolucionário.

²¹⁵ Não pretendo discorrer sobre as concepções Gramscianas de Ideologia, Hegemonia, etc., conceitos já muito discutidos por intelectuais brasileiros. Remeto, para um aprofundamento maior sobre Gramsci, para AGGIO, A. Gramsci: a vitalidade de um pensamento. SP: EDUSP, 1998.

²¹⁶ BOFF, L. Crise: oportunidade de crescimento. Campinas: Verus, 2002.

Essa visão está compartilhada por um sem número de teóricos ligados à Teologia da Libertação, mas também aceita e desenvolvida por estudiosos de outras vertentes. Nas palavras de Lowi²¹⁷ e, de acordo com Eric Hobsbawm “o milenarismo camponês é a base das principais correntes de contestação política e econômica do século XX”. Em outras palavras, a fé religiosa em um mundo novo (característica do milenarismo) e a tentativa de colocá-la efetivamente na prática política trouxe uma nova classe para a arena política no século XX. Então, relacionado com o exposto, o que apresentamos aqui por Mística é o elemento essencial para o MST ser o maior movimento social brasileiro mais contestatório dos ideais liberais. Nas palavras de Lowi que aparece no Jornal Folha de São Paulo:

Quanto ao MST, que tem suas raízes socioculturais na Pastoral da Terra da Igreja Católica, nas comunidades de base e na Teologia da Libertação, ele também se caracteriza por um misto espantoso de religiosidade popular, revolta camponesa “arcaica” e organização moderna, na luta radical pela reforma agrária e, a longo prazo, por uma “sociedade sem classes”. Esse movimento, de forte componente emocional, “místico” — é o termo que utilizam os próprios militantes para designar o estado de espírito dos participantes — ou “milenarista” (no sentido mais amplo do termo), reúne centenas de milhares de camponeses, meeiros e trabalhadores agrícolas e tornou-se hoje o mais importante movimento social do Brasil, a principal força de contestação da política de modernização neoliberal empreendida por sucessivos governos brasileiros.²¹⁸

Entretanto esse sentido milenarista não é aceito pelo MST e Hobsbawm está equivocado em um sentido específico quanto ao MST. Isso porque o milenarismo é uma atitude de passividade frente a situação real. Sonha-se sim com uma sociedade diferente, mas não se espera que caia do céu, ou haja uma reintrodução da monarquia divina²¹⁹, mas luta-se por ela através dos “princípios organizativos”. Stédile deixa isso claro ao falar que a Mística do MST leva ao compromisso prático e não apenas esperar que a solução caia do céu, necessita um momento posterior, a organização através dos princípios organizativos. Sobre isso, Stédile acredita que essa é a novidade que o MST acrescenta para a luta dos Movimentos Sociais. Nas palavras dele “Temos, então, duas novidades que o movimento produziu e que

²¹⁷ LÖWY, Michael. A Mística da Revolução. In Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 1º de abril de 2001.

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ Sentimento nutrido por Antonio Conselheiro; organizando os camponeses na perspectiva milenarista, antecipava a inauguração de uma era de fartura para os pobres camponeses. CAMARA, A. A atualidade da reforma agrária - de Canudos aos Sem-Terra: a utopia pela terra. Disponível em <http://www.oohodahistoria.ufba.br/03camara.html>

podem ser assimiladas por outros tipos de movimentos sociais: a mística e os princípios organizativos (FERNANDES, STÉDILE. 1999, p. 129).

A Mística é o cimento, a motivação, o ânimo e unidade na luta dos trabalhadores, mas não pára nela mesma; ela aponta para a práticas, empurra os sujeitos para a ação. Ela cria a consciência revolucionária e alimenta a continuação da luta. Por isso, a mística no MST também não pode existir sem a militância. Nas palavras de Bogo²²⁰

A mística é [constitui] o sujeito. Faz ir além do que é, mesmo que nunca chegue ao final. A grande contribuição da mística é manter a unidade em torno da mesma causa. Sem causa não pode haver sujeito coletivo. A causa se torna consciência e a consciência se constitui de formas que se combinam e se revelam pela mística, como o saber, o companheirismo, o cuidado etc.

O MST não existiria sem a mística da militância. Isto porque ele teria sido uma causa temporária. Ao ultrapassar os limites da luta reivindicatória e ao estabelecer objetivos de longo prazo para serem alcançados, os sujeitos coletivos disseram para si próprios, que não poderiam parar, mas a continuidade da luta só teria sentido se ela transformasse as pessoas e as estruturas sociais que as deformaram.

Os sujeitos vão se transformando nas místicas em místicos e revolucionários, no sentido de Boff. Vão se constituindo sujeitos do seu próprio fazer, se auto-definir, assimilando um projeto maior de luta e vão se inserindo nele. Mas isso não ocorre de forma abstrata; é pelo contato direto com os símbolos da vida, com os alimentos produzidos na terra, com os instrumentos como a foice, com o símbolo maior do movimento que é a bandeira e o hino, com a lembrança constante dos militantes martirizados na luta. Por isso os militantes precisam assumir a Mística como um componente diário. Assumir a realização da Mística cotidiana é também uma tarefa revolucionária, pois em tudo o que se faz, como o movimento faz, tem a Mística do Movimento. Mesmo as derrotas, os sofrimentos, as perseguições podem alimentar os ânimos de todos os militantes do MST. Nos cursos técnicos, nas escolas com as crianças, nas reuniões

²²⁰ BOGO, Ademar. Re: sobre a Mística no MST. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <Giovani Comerlato>. em: 16 ago. 2009.

É impossível negar que haja um componente ideológico muito forte visto a partir da concepção de Gramsci. Esse pensador italiano acreditava que a ideologia tinha uma “validade ‘psicológica’” para organizar as massas, para adquirirem consciência e lutarem por suas posições (GRAMSCI, 2000, p. 237). Para ele a ideologia não tem o sentido negativo usado como aparência ou discurso enganador. É antes de tudo uma visão de mundo e não especulação arbitrárias de indivíduos que estão à mercê da infra-estrutura econômica, como pretendia o marxismo clássico. Ou melhor, “o que Marx e Engels, em suas obras iniciais, estavam tentados a perceber como a forma eterna de toda a ideologia é para Gramsci um fenômeno histórico específico” (EAGLETON, 1997 p. 109).

A própria ideologia para Gramsci não era unívoca. Possuía diferenças internas. Famosas são as suas diferenciações entre as “ideologias historicamente orgânicas” e as ideologias “arbitrárias. Essas últimas sim devem ser objeto de crítica, mas a ideologias orgânicas são o campo onde se realizam os avanços, as conquistas, onde além da dominação social, existem as resistências, onde se constroem alternativas. Nesse espaço de ideologias não hegemônicas está a contra-ideologia. Ela será contra a Ideologia dominante até o momento em que se tornar hegemônica²²¹.

É possível verificar que é isso que Gramsci chama de um uso positivo da Ideologia. Ou melhor, a Ideologia deve ser vista como um conjunto orgânico de idéias, valores e normas de uma determinada estrutura social e não apenas uma falsa idéia. Como já havia mencionado isso a muito tempo atrás, Theotonio dos Santos (SANTOS, 1982, p.32) diz que o conceito de ideologia na sua forma inicial não produz nenhuma falsificação do real nem racionalização. Ela é “a expressão consciente de interesses reais de classes”. Agora, em um segundo momento sim é desenvolvido a falsidade. Entretanto as ideologias não são falsas ao apresentar os interesses das classes que representam. Ou melhor, as representações ideológicas sociais só podem ser compreendidas como expressões da luta de classes, pois fazem parte constitutivas destas em suas visões de mundo particulares.

Com isso é possível notar a importância da Mística para a formação da classe trabalhadora enquanto contra-ideológica e revolucionária. A ideologia, ou a visão de

²²¹ Cf GRAMSCI, A. Cadernos do Cárcere. Vol I. 4ª Ed. RJ: Civilização Brasileira, 2006.

mundo, os valores e ideais da classe trabalhadora incorporados pela prática política e coletiva dentro da mística se transforma em uma mola propulsora desses ideais e valores vivenciados. A Mística no MST contribui então para uma afirmação do sujeito e como coletivo do MST, parte integrante da classe trabalhadora, pois orientam pedagogicamente para uma transformação social. A mística é uma prática revolucionária, pois assenta-se em valores diferentes dos liberais e por isso contra-ideológicos, e ao mesmo tempo, busca formar espaços de contestação e vivência do “além do capital” na expressão de Meszaros, na obra do mesmo nome.²²²

Essa visão de ideologia parece ter desdobramentos específicos também na obra de George Rudé²²³ que pretendeu contar a história “de baixo para cima”. Colaborador de Hobsbawn, preocupava-se com os homens comuns, com os participantes anônimos das manifestações. Entendia a ideologia como um instrumento de protesto, de luta e mudança social.

Como se pode aprender em Gramsci, a ideologia não pode ser descartada logo de saída; pelo contrário, deve ser o campo de embate em busca da hegemonia social. Se os Movimentos Sociais querem mudar a sociedade é necessário que as suas forças de embate com o capital se agigantem e se tornem hegemônicas socialmente. Jamais haverá doações filantrópicas do capital àqueles que estão querendo destruí-lo. Jamais o capital entregará o poder sem luta. Se a reestruturação produtiva no campo não for feita pela hegemonia de força dos trabalhadores, pelo agronegócio é que não será realizada. Nem será uma doação do governo. As estatísticas mostram que mais de 70% da área de Reforma Agrária no Brasil só se efetivaram por que houve a ocupação pelo MST²²⁴

Então, as místicas quando celebradas possuem a intencionalidade de fazer atingir subjetivamente as pessoas para a luta; fazer refletir sobre o que aconteceu e resistir com o que poderá vir. Possibilitam ser um alimento para a jornada de luta que prossegue depois da Mística nos diferentes campos de embate contra-ideológicos. Como é um momento coletivo há momentos em que racionalmente o desânimo e a falta de visão do futuro abatem as consciências dos militantes. Aí se

²²² MÉSZÁROS, István. Para Além do Capital. São Paulo: Boitempo; Unicamp, 2002.

²²³ RUDÉ, G. La multitud em La historia: los disturbios populares em Francia e Inglaterra, 1730-1848. Madrid: Siglo XXI, 2009.

²²⁴ Cf. dados no www.mst.org.br . .

faz necessário a Mística para reavivar a esperança nas pessoas. Nesses momentos ela age como uma energia misteriosa que permeia a cada um e faz a luta recomeçar com mais força. Com ela é possível superar muitos obstáculos pessoais e coletivos.

A celebração da Mística é feita em diferentes lugares e de diferentes formas. Pode ser em uma ocupação, em uma desocupação, em uma aula da escola itinerante, num curso de militantes do ITERRA, em um encontro das diversas instancias do movimento ou mesmo num grande evento como foi as comemorações dos 25 anos em Sarandi. Não importa o lugar e as motivações, ela é assumida como parte integrante e importante do movimento. Nelas aparecerão simbologias para redobrar o ânimo, os valores que motivarão a continuidade da caminhada. Nina ao falar de uma experiência tocante de sua vida recorda que

Quando decidi entrar no MST deveria ir a uma festa, uma ocupação. Então veio o segredo, o cerco a polícia, o avião, (foi na fazenda Santa Elmira²²⁵) muita emoção. No caminhão com os outros achei que iria morrer, pensei que o movimento tinha acabado, seríamos todos presos, etc. Muitos machucados, presos, espancados. Todos humilhados pela polícia e fazendeiros que comemoravam com churrasco e uísque. Aí, de repente, alguém começa a cantar “A classe roceira e a classe operária”. Foi uma emoção geral. Todos cantavam, gritavam palavras de ordem e a alegria voltou; o pessoal caminhava em fila escoltado pela brigada e gritava, “o MST não acabou”²²⁶.

A Mística é pensada e realizada não apenas como encenação. Nela deve aparecer o todo do movimento, mas também as pessoas que dele fazem parte. Ao propor a Mística como prática diária e constante em todas as instâncias do Movimento, o MST assume que a Mística tem uma função fundamental. Por isso não pode deixar de sistematizá-la, organizá-la metodologicamente, dar linhas de orientação²²⁷. Não por acaso em vários documentos oficiais do Movimento há sempre um lugar reservado para a reflexão sobre a mística, além de serem divulgadas uma série de escritos sobre ela ao longo dos anos.

Ao reafirmar constantemente os valores do movimento, da classe trabalhadora, a mística é capaz de criar um espaço de reflexão e compreensão do

²²⁵ Episódios relatados com muitos detalhes no livro de SERGIO, Frei. O massacre da fazenda Santa Elmira. Petrópolis: Vozes, 1989.

²²⁶ Entrevista concedida em Janeiro de 2009, durante o encontro dos 25 anos de MST.

²²⁷ A mística precisa de tempo para preparação e reflexão coletiva. Por tanto é uma prática que tem intencionalidade.

caráter das lutas empreendidas pelo movimento, é capaz de apresentar os valores e princípios que estão na base das propostas do movimento, incentiva a participação e faz com que todos se sintam militantes, membros ativos do movimento e sujeitos sociais identificados com o MST.

Se Gramsci estiver certo ao afirmar que as mudanças não ocorrem somente na infra-estrutura como os marxistas clássicos entendiam, então a Mística também tem uma função pedagógica para o MST e para o conjunto dos Movimentos Sociais. Essa função se desprende desse ato de contar, recontar, refletir, mostrar horizontes, alicerçar o compromisso político. Participar da Mística é participar do desenvolvimento do Movimento que pela sua própria existência tem o caráter da teimosia, da resistência ao capital. É ser um revolucionário.

A mística não é tudo no movimento, mas sem ela o movimento não teria sobrevivido, pois sem ela não haveria esperança, ânimo e compromisso com os valores que o movimento propõe. Ela estimula o surgimento das condições para a transformação do indivíduo socialmente invisível²²⁸ em um sujeito social atuante. Dessa ação individual nasce a identificação com o coletivo. O coletivo também se identifica com uma classe social que disputa através dos espaços da contra-ideologia a transformação social. Assim, o “Zé ninguém” que trabalhava como gari na cidade pode se tornar alguém reconhecido dentro do movimento fazendo o mesmo trabalho²²⁹, pois a equipe de limpeza tem lugar garantido nas coordenações de todas as instâncias do movimento. Nessa transformação da consciência individual em coletiva e do coletivo do movimento social para uma consciência de classe capaz de agir afirmativamente na busca pela hegemonia social. Se a mística consegue ser essa mola propulsora das transformações sociais que aponta para as lutas de classe, então seu papel pedagógico é fundamental pois possibilita o formar e formar-se enquanto sujeito e coletivo dentro do próprio desenvolvimento da luta social que o movimento se encontra.

²²⁸ Veja-se a interessante discussão sobre a invisibilidade do ser social. Dissertação de Mestrado de um Psicólogo que trabalhou como gari na USP. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/3089195/TESE-DE-MESTRADO-NA-USP-por-um-PSICOLOGO>.

²²⁹ Nesse caso acima, famoso ficou o psicólogo por que sempre esteve fora da invisibilidade. No caso do MST ousa-se afirmar que “quem coloca o boné do MST nunca mais baixa a cabeça”. Ou melhor, como integrante do movimento ele não é mais invisível.

A Mística valoriza o modo de vida revolucionário e contra-ideológico do MST. Reproduz os novos valores que o Movimento acredita como o companheirismo e a solidariedade, a indignação e a capacidade de sonhar com uma sociedade diferente. Incentiva a participação no coletivo. Fortalece os laços da organização coletiva como o princípio organizativo. Questiona e reflete sobre os caminhos adotados e pode apontar para novos horizontes.

Mas isso acontece do presente. A mística é capaz de vincular o cotidiano com esse novo que está contecendo. O extraordinário não são os acontecimentos inexplicáveis, mas é o MST manter-se atuante durante 25 anos. A mística o empurra contra o estabelecido, contra as leis injustas, contra a mídia comprometida ideologicamente com a classe dominante, contra o Estado que procura implementar políticas liberais, contra a polícia repressiva. Faz ocupar espaços importantes para o fortalecimento das alternativas emancipatórias ou contra-ideológicas. Esse fortalecimento cria uma rede de relações capazes de viver de uma forma coletiva com valores diferenciados e o mundo passa a ser visto de uma outra maneira, visto de “baixo para cima” e não o contrário.

Essa prática revolucionária é capaz de inspirar outros Movimentos Sociais por sua energização da luta social. Embora realizada de maneira coletiva ela visa a materialização em cada militante que vive e participa no movimento. Incentiva a elevação das consciências dos seus militantes para se tornarem lutadores de classe capazes de vislumbrar no horizonte as possíveis materializações das utopias. A mística é a paixão pela causa, impulsionando o fazer diário do revolucionário.



MST 25 anos

Por causa de famílias exploradas
Expulsas da terra
A CPT começa organizar o povo
O povo sem-terra

A partir de 1979
Começam surgir ocupações
Em Rio Grande do Sul
Mas sem nenhuma preocupação
De se criar um movimento

De início
A luta pela terra não era fácil
Dias de amargura
Momento de insegurança
Tempo de Ditadura
Militares sem pena e sem dó
Comandado pelo Tenente Curió

O povo não desiste
Parece coisa do destino
Esse povo de qual eu falo
É o povo da Encruzilhada Natalino

A luta vai em frente
Surtem ocupações a todo lado, a todo o momento
A solução era a não ser
Em criar um movimento
Até que em janeiro de 1984
Cascavel Paraná
Lutando por justiça e pela terra
Surge o MST
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Durante esses 25 anos
Tivemos várias conquistas
Foram escolas e assentamentos
Vários cursos...
Resgatemos uma parte de nossa cultura
Uma parte de nossa história

Temos nossa própria escola
Respeitada e reconhecida
Formando novo cidadão
Preparado para vida
Fazer parte dela
É uma emoção
É sentir o coração batê
Essa escola de qual eu falo
É a Itinerante, conquista do MST

Falta unir campo e cidade
Se queremos transformar
Unir forças para não ter perigo
Os nossos inimigos vamos derrubar.

Pedro Francisco Bagatin
(educador – Cascavel - PR)



5 A DIMENSÃO EDUCATIVA DA MÍSTICA

A reflexão sobre a dimensão educativa dos movimentos sociais começa a assumir relevância no final da década de 80 do século passado e vem se delineando como um eixo importante nas reflexões sobre a educação nos movimentos de educação popular de caráter informal e nos Movimentos Sociais. O MST, ao longo dos seus 25 anos de existência vem se consolidando como um dos mais representativos Movimentos Sociais do país. Esses apontamentos que se seguem pretendem traçar alguns pontos de congruência entre as práticas dos Movimentos Sociais especialmente do MST com as práticas pedagógicas experienciadas dentro desses

5.1 O caráter pedagógico das lutas nos Movimentos Sociais

As reflexões sobre o caráter pedagógico que se preocupam em refletir teoricamente sobre as práticas pedagógicas desses movimentos, especialmente no MST²³⁰ tiveram seu início quando Gohn (1992) debruçou-se sobre a temática. Sua abordagem inicial era que

O desenvolvimento explorador e espoliativo do capitalismo, (...) o desrespeito à dignidade humana de categorias tratadas como peças de engrenagens de uma máquina, o desencanto com a destruição gerada pela febre capitalista etc, são todos elementos de um cenário que cria um novo ator social enquanto agente de mobilização e pressão por mudanças sociais: os movimentos sociais (GOHN 1992, p.16).

²³⁰ Gohn (1992) sobre os Movimentos Sociais em geral e, sobre o MST, a referência obrigatória é Caldart (1987 e, 2000).

Ela acreditava que, no processo de organização e conscientização dos Movimentos Sociais, criava-se uma nova acepção do termo cidadania²³¹, derivada da luta coletiva. Esse sujeito não se configura apenas como um indivíduo de direitos no sentido liberal do termo, mas um sujeito coletivo de direitos que, por força de pressão social, é capaz de reivindicar a efetividade dos direitos garantidos pelo Estado e pelo ordenamento jurídico.

A luta pelo direito à educação seria a pedra de toque dos direitos fundamentais dos Movimentos Sociais, enquanto busca pela cidadania. Na busca pela garantia ou ampliação dos direitos, a processualidade da luta desses sujeitos coletivos possui um caráter educativo e este se desenvolve intimamente ligado à prática social desses Movimentos Sociais. Normalmente estes aprendizados estão fora dos canais institucionais e escolares, privilegiando espaços de aprendizagens não-formais.

O exercício da prática cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo da experiência, onde tem importância a vivência do passado e no presente para a construção do futuro. (...) Aprende-se a decodificar o porquê das restrições e proibições. Aprende-se a acreditar no poder da fala e das idéias, quando expressas em lugares e ocasiões adequadas (GOHN 1992 p. 19).

A aprendizagem decorrida de uma negociação com o poder público ou privado, a compreensão dos interesses de classe envolvidos nessas situações concretas e o conhecer os objetivos que cada lado de uma negociação – mesmo que implícitos - é tão significativo quanto à compreensão teórica dos conceitos sociológicos do funcionamento do Estado. Dessa forma o processo da luta do Movimento se torna educativo no seu instituir-se e desenvolver-se enquanto sujeito coletivo. Se a luta pelos direitos garantidores da cidadania é instituidor dos sujeitos coletivos, os aprendizados decorrentes desse processo de luta não devem ser apenas avaliados em termos de vitórias e conquistas. O construir-se coletivamente enquanto movimento dentro desse embate, prático e teórico é um aprendizado significativo que não pode ser esquecido.

Os diversos espaços ocupados pelos Movimentos Sociais como manifestações, protestos, ocupações, os encontros, os seminários, e outros,

²³¹ Para um aprofundamento da temática da cidadania sugiro Ribeiro (2002).

assumem, portanto, um caráter educativo, onde são analisadas as experiências do Movimento, as compreensões quanto às bandeiras de lutas futuras e onde são realimentados os princípios balizadores e as suas estratégias de ação. O Estado, a Sociedade deveria reconhecer o papel educativo dos Movimentos Sociais como formas básicas de cidadania²³².

Adotando essa perspectiva, poderíamos afirmar que o MST, como Movimento Social em constantes tensionamentos pela luta à terra, também incorpora aprendizados significativos com o processo, além das vitórias resultado de suas mobilizações. Ou melhor, do ponto de vista pedagógico, aprendizados educativos desenvolvem-se, somam-se e transformam-se dentro do desenvolvimento do próprio Movimento Social.

Nesse sentido, o Movimento se desdobra em diversas matrizes educativas, tal qual é organizado e constituído: a luta social, a organização coletiva, a produção e trabalho com a terra, a cultura e a própria história. Cada ação do Movimento se torna um laboratório de ambiente educativo, onde todos são educados, através das relações e processos nos quais estão envolvidos.

Ações, relações sociais, gestos, símbolos, *co-memorações*, compõe esse ambiente que concentra ao mesmo tempo, e em um mesmo processo, diversos ingredientes pedagógicos, dessas diferentes matrizes pedagógicas (CALDART 2000 p.400).

O estudo de Bonamigo (2002) apresenta uma dessas matrizes pedagógicas a que Caldart se refere, a saber, o trabalho dentro de uma cooperativa ligada ao MST. Suas considerações iniciam mostrando uma das perspectivas desafiadoras da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº. 9394/96: a contemplação legal das experiências educativas que ultrapassam as paredes escolares. A

²³² Veja dois exemplos que demonstram como a cidadania é encarada de maneira diferenciada. BETTO, F. OSPB: Uma introdução à política brasileira. SP: Ática, 1990. Nesse livro Betto trabalha com a idéia da necessidade das escolas ensinarem cidadania, ou como uma sociedade funciona na base. Por isso uma de suas propostas é que todos os estudantes possam experimentar trabalhar como feirante, como gari, ou outras funções básicas para compreender a real organização social. É notável a diferença entre essa concepção de organização ideal visualizada na estrutura de uma mini cidade por uma escola particular de elite em Porto Alegre. Essas questões básicas sequer são consideradas. Privilegiam-se os espaços de coordenação social, visto que essa escola visa preparar a elite dirigente. Vejam-se as seguintes matérias exemplificadoras: "A cidade-laboratório do Israelita". Disponível em <http://www.cidadelaboratorio.com.br/> e "Vereadores mirins do Israelita são diplomados na Câmara" disponível em http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=10362&p_secao=56&di=2009-09-21

sinalização de que há uma perspectiva de ampliação das práticas educativas para além dos limites dos muros escolares reflete a perspectiva de rompimento com o modelo de educação centrado na escola, próprio da sociedade capitalista. A evidência de avanços nesse campo que pode ser captada na legislação atual, quando inclui como educativos o trabalho e as práticas sociais (LDBEN, Art. 1º e § 2º), bem como em reflexões teóricas de inúmeros pesquisadores (por exemplo, VENDRAMINI, 2002). Entretanto, prioritariamente, a educação atual enfoca o caráter liberal de escolarização com o predomínio da instrução, do treino e da preparação para o mercado de trabalho.

Ao captar os processos educativos nos quais os Movimentos Sociais estão inseridos penetrar-se-ia na compreensão das transformações sociais que se efetuem dentro da sociedade, produtores de aprendizados para os sujeitos coletivos concretos envolvidos. No caso do MST, a dimensão educativa, inerente à ação emancipatória e/ou reprodutora do Movimento faz parte da práxis cotidiana e, sob esta ótica, efetuem-se aprendizados em diversos níveis.

Penso que a busca por esse caráter educativo poderá mostrar que o projeto pedagógico que vem sendo gestado pelos Movimentos Sociais e, inerente a este, a educação escolar da infantil à superior, seja muito mais amplo do que a concepção de educação moderna. Compreendida no pensamento liberal a educação moderna se estabeleceu nos limites dos muros escolares marcada pela dualidade estrutural (KUENZER, 2001). De um lado a preparação das elites para governar e de outro a preparação dos trabalhadores enquanto mão-de-obra para o mercado e, hoje, para culpabilizar-se pelo desemprego. Ao valorizar o educativo dentro do próprio Movimento e com uma dimensão mais ampla, para além da escola, insere-se o educativo dentro de sua própria dinâmica e em sincronia com suas lutas.

A prática produtiva analisada dentro de uma cooperativa de produção do MST levou Bonamigo a se deparar com um processo que rompe e transcende a lógica da organização capitalista do modo de produção em vários aspectos, por exemplo: “as decisões sobre o trabalho, a produção e a apropriação são tomadas coletivamente” (BONAMIGO, 2002 p.173). Ao refletir sobre o educativo dessa experiência de trabalho cooperativo, concluiu que ela produziu aprendizados inovadores como novas técnicas de produção, mudanças internas nos sujeitos envolvidos, enfim

formou uma nova cultura e gerou “um novo sentido, um sentido humanizador, capaz de contribuir para a formação humana das pessoas, capaz de resgatar a dignidade” (Op. Cit. p.174).

O trabalho cooperativo tal como este e outros autores vêm analisando (RIBEIRO, 2004a; PICANÇO & TIRIBA, 2004; MENEZES NETO, 2003) tem um caráter pedagógico para a formação do trabalhador. Novas relações sociais e humanas começam a serem experimentadas, forçando os estudiosos a repensar, nos limites da escola, as possibilidades educativas que brotam dos Movimentos Sociais e que podem sinalizar para políticas públicas educacionais. É nesse processo educativo contraditório de enfrentamento que podem aparecer alternativas viáveis para os atuais quadros de dominação social gestados pelos Movimentos Sociais.

5.2 A Dimensão Educativa da Mística dentro do MST

A dimensão educativa que a Mística possui dentro do MST pode ser explicitada tanto pelas considerações anteriores sobre os aprendizados do processo de luta pelos direitos sociais, quanto pela ampliação do conceito de educação, conforme tem sido apontado por diferentes autores e apoiado pela legislação vigente no país.

Inspirados na Teologia da Libertação, os agentes da CPT abandonaram o discurso messiânico de esperar a solução para os problemas no céu e passaram a dizer: “Tu precisas te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na terra” (STÉDILE 1999 p. 20). À medida que a luta se arraigava junto aos Movimentos Sociais populares, mais era sentida a necessidade de refletir sobre a espiritualidade, por parte daqueles que, movidos pelos ideais e valores cristãos, estavam comprometidos e militavam em diversos movimentos sociais e políticos principalmente nos Movimentos de Fé e Política e MST. Mas é preciso que a fé esteja engajada na militância: “queremos resgatar um conceito mais amplo de ser

humano, um ser humano profundamente espiritual. Quando dizemos espiritual, dizemos um ser capaz de solidariedade” (MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA. 2001 p.33).

A Mística do MST nasce dentro do Movimento com forte direcionamento para a transformação social. Suas raízes estão nas celebrações e manifestações religiosas cristãs, pois as simbologias da cruz e da terra prometida marcaram profundamente os membros do Movimento nas suas origens²³³. Na CPT está um pilar da história do MST. José de Souza Martins (1995) disse que a criação da CPT promoveu o aparecimento de uma nova modalidade de luta social, a dos camponeses; sua fundação estimula o aparecimento de Movimentos Sociais e, com isso, estimula a luta pela dignidade diante da imoralidade do capitalismo no Brasil²³⁴.

Para Stédile (2001) com o surgimento da CPT em 1975, e a Teologia da Libertação, a Igreja mudou o seu modo de trabalhar e foi fundamental para despertar uma nova consciência de se organizar entre os camponeses. E a Mística é fundamental nas aprendizagens mais significativas do Movimento, que se desenvolveu inicialmente por intermédio da ação das Igrejas dentro dos movimentos camponeses. A religiosidade dos camponeses que foi estimulada pela ação da Igreja fez o Movimento se dar conta de que a unidade não poderia ser alcançada pela prática esquerdista do estabelecimento de teses e doutrinas teóricas, mas pela Mística.

Entretanto, a prática litúrgica e espiritual da Igreja estava ritualisticamente excessiva. A celebração da missa ou o culto engessava formalmente a celebração da vida e história do Movimento. Por isso, e aos poucos, a Mística passou a não se encaixar mais dentro dos moldes rituais das Igrejas. Era necessário constituir uma nova forma de expressar a própria caminhada. Nesse sentido é que O MST inova dentro deste contexto: passa a vivenciar sua visão própria de Mística.

A Mística age sempre na Utopia, no projetar sonhos e ideais de uma sociedade diferente. Ela é o cimento da unidade do povo que são os símbolos, as

²³³ Cf. Göergen 1991.

²³⁴ Embora, mais tarde, com a eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso, amigo de Martins, este tenha mudado de idéia, questionando o MST e desligando-se de um trabalho que desenvolvia junto à CPT. Sobre o assunto ver: RIBEIRO, Marlene. Trabalho, Movimentos Sociais e Educação. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

manifestações, hinos “porque isso é que vai criando um sentimento de identidade, de igualdade... em torno da convicção de que é possível uma sociedade diferente” (STÉDILE, 2001, p.120).

Acredito que aqui se encontra o cerne dessas práticas místicas do MST. Pelo uso do simbólico a Mística dá vida e energia para os sonhos que devem ser transformados concretamente pela militância. A Mística configura-se no MST como uma experiência capaz de fazer com que o indivíduo se encontre interiormente nas suas convicções mais profundas e proceda a uma ruptura da consciência habitual e a irrupção de uma experiência fundante capaz de fazer sonhar com algo novo, com modelos e alternativas sociais e de produção. Ela faz brotar no indivíduo um sentimento de pertença a uma causa maior, transforma-o em alguém capaz de interferir no seu próprio destino ao participar ativamente dos processos de militância. Faz do “Zé ninguém” um revolucionário. Segundo Bogo (2003, p.328) o objetivo da Mística seria “sustentar o projeto político da classe trabalhadora... é manter a força, o ânimo, a esperança, mesmo que em determinados momentos pareça tudo acabado”.

No meu entendimento, se as propostas dos Movimentos Sociais passam pela construção de um projeto social que supere o modelo liberal, então a motivação coletiva e individual passa pelo reavivar da prática Mística, neste sentido antropológico mais amplo. São muitas as tarefas da Mística segundo Bogo (2002, p. 177). Porém se destaca essa da criação de uma nova consciência que valorize o ser humano e supere a quantificação mercadológica de consumidores descartáveis; para dar motivação na construção de valores, alimentando sonhos e utopias, produzindo fenômenos participativos que reacendam a esquerda revolucionária. A Mística seria capaz de dar essa motivação para que o “desânimo e a falta de esperanças sejam dominados e vencidos” (BOGO, 2002, p.177).

Dentro desta perspectiva inovadora no tratamento da Mística, Pizzeta (2002, p.11) declara que o MST produziu a prática da Mística de forma revolucionária, pois ela já faz parte constitutiva dos aspectos revolucionários brasileiros, assim como os outros elementos culturais. Na perspectiva Gramsciana poderíamos acrescentar que a Mística é um espaço da contra-ideologia, onde a hegemonia não é dada pelos valores liberais

A elaboração teórica da Mística no MST – aspecto único dos movimentos sociais em termos brasileiros²³⁵ - é a qualificação da compreensão de mecanismos e estratégias capazes de impulsionar a luta revolucionária. Serve para “alimentar, aprofundar e garantir a solidez que necessitamos nesta árdua tarefa de transformar as pessoas, transformando o mundo dialeticamente” (PIZZETA, 2002, p.11).

Por isso, a Mística se configura como um elemento novo, que corrobora na luta pela transformação social no atual horizonte das lutas dos Movimentos Sociais e influencia na elaboração de uma proposta emancipatória contra o liberalismo. Esse contexto de onde surge a Mística como prática e teoria dentro do Movimento Social é mais emblemático quando se nota que a Reforma Agrária não é necessária ao capital financeiro. O Banco Mundial implementa, no Brasil e no resto do mundo, políticas compensatórias que beneficiam mais os latifundiários e grileiros do que os agricultores. O BIRD²³⁶ propõe uma “reforma agrária de mercado” (MARTINS, 2004) mantida até pelo governo Lula, por isso, segue como consequência “quase certa” da não realização da Reforma Agrária nos moldes dos Movimentos Sociais camponeses.

A seguir apresento algumas idéias finais para incitar a reflexão posterior sobre as relações da Mística com o cotidiano do MST e os outros Movimentos Sociais emancipatórios:

A Mística é essencial: revolucionária por transformar o indivíduo em um sujeito coletivo de sujeitos em busca da emancipação. Por isso ela se apresenta como indignação e solidariedade. A prática Mística possui uma motivação de transformação e inquietude que leva os participantes a engajar-se na luta social. O indivíduo se torna um militante revolucionário.

A Mística sustenta o projeto político da classe trabalhadora, como uma energia que empurra o militante para frente da luta. “Por isso a mística precisa do

²³⁵ Em termos de teorização e não de vivência, talvez não seja pretensioso demais falar em termos mundiais. Nos Fóruns Mundiais Sociais, local tradicionalmente de encontro das organizações populares mundiais, não há notícia sobre teorização semelhante.

²³⁶ BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento) mais conhecido como Banco Mundial, pelo papel que desempenha na formulação de políticas de empréstimos e financiamentos associados à acumulação de capital e, por consequência, do fortalecimento do mercado neoliberal globalizado.

movimento e ação para permanecer viva... Quem não luta não tem mística, porque não precisa dela para viver” (BOGO 2002 p.329).

A crescente exclusão social, a falta de postos de trabalho, a falta de condições materiais mínimas de sobrevivência, fim dos benefícios assistenciais fazem parte do paradoxo intrínseco da sociedade liberal que formalmente garante os direitos a todos, mas não se interessa quanto à realização prática destes. A exploração neste sistema é inevitável (WOOD 1998), e o seu lado negativo se faz sentir mais com a gradativa destruição dos benefícios materiais para a imensa maioria. Ou melhor, o liberalismo atual tende a aprofundar a exploração de homens, mulheres e da natureza, de modo constante e com volúpia cada vez maior. É, segundo ela, em nome de uma “sacralidade do mercado” que se mantém a exclusão, a exploração e miséria humana. Como consequência letal desse modo de produção pergunta-se Viviane Forrester (1998 p. 64): “Depois de explorados e excluídos, bilhões de seres humanos, considerados supérfluos, devem ser eliminados?”

Reaparece, mesmo que de forma tímida, o debate sobre o caráter sacrificial do mercado que reduz a humanidade a uma mercadoria, apenas quantificável de força-de-trabalho, inteiramente submissa à lógica do capital. A valorização da Mística enquanto força revolucionária é capaz de instigar o nascimento de contra-ideologias. Que de certa forma atualiza os escritos marxianos. Mostram, além disso, que o Estado Liberal e suas artimanhas para manter a grande massa de trabalhadores na submissão de vidas e mentes são possíveis de serem ultrapassados. A valorização da Mística dentro do Movimento Social significa um contraponto, o “contra-pelo” dessa hegemonia liberal. É o fortalecimento das ideologias emancipatórias e revolucionárias.

A prática da Mística dentro do MST é herdeira de toda uma tradição do pensamento teológico na América Latina, crítico ao liberalismo e o fruto do engajamento de cristãos e de militantes de diferentes doutrinas nas longas lutas dos movimentos de trabalhadores rurais. Se os Movimentos Sociais ainda não visualizam caminhos objetivos à sua frente, talvez seja porque esse discernimento ainda não seja possível teoricamente. Talvez apenas o desenvolvimento das forças revolucionárias mostrarão o caminho que se faz no contínuo seguir em frente. A

Mística então adquire um sentido simbólico de aglutinação capaz de impulsionar o agir muito mais que as idéias de um mero economicismo mecanicista. O simbólico pode não transformar a realidade, mas dá sentido a ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T, HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento - Fragmentos filosóficos. 3ª ed. Zahar, 1991.

AGGIO, A. Gramsci: a vitalidade de um pensamento. SP:EDUSP, 1998.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In SADER, E, GENTILLI, P. (org). Pós-neoliberalismo. As políticas sociais e o Estado Democrático. 4ª Ed. SP: Paz e Terra, 1998.

ANTUNES, R. A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula). SP: Autores Associados, 2004.

APPLE, M. "Endireitar" a Educação: as escolas e a nova aliança conservadora. In Currículo sem Fronteiras, v.2, n.1, pp.55-78, Jan/Jun 2002 <disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss1/articles/apple.pdf#search='michael%20%20W%20apple%201995'>> acesso em jan 2006.

ASSMANN, Hugo. Teología desde la práxis de la liberación. Salamanca: Síguime, 1973

_____ HINKELAMMERT, F. A Idolatria do Mercado. Ensaio sobre Economia e Teologia. SP: Vozes, 1989.

AVRITZER, Leonardo; LYRA, Timo. Movimentos Sociais, Inovação Cultural e o Papel do Conhecimento – Entrevista com Alberto Melucci. In: AVRITZER, Leonardo (coord). Sociedade civil e democratização. Belo Horizonte: Livraria Del Rey Editora, 1994, pp. 183-211.

BALDUÍNO, Tomás. A luta pela justiça na terra. IN CONCILIUM nº 294, 2002/1 Petrópolis: Vozes, 2002, p. 351-357.

BARRIONEVO, A. Sucesso profissional: formação experiencial formal e reflexiva. Pato Branco/PR: Imperial Gráfica editora, 2005.

BARROS, Marcelo de. Estar sempre prontos a prestar conta da esperança que habita em nós - Mística, Utopia e Valores do Militante Popular). Disponível em http://empaz.org/marcelo/textos_longos/m_palestra_mst.htm .

BARROS, Marcelo. Saudação à Revolução Bolivariana. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=20853>

BELTRAME, Sonia Aparecida Branco. Formação de professores na prática política do MST: a construção da consciência orgulhosa. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000200010

BENJAMIN, César, Caldart, Roseli Salette, Projeto popular e escolas do campo. Brasília: MST, 2000.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Bíblia de Jerusalém. SP: Paulinas, 1985.

BÍBLIA VERSÃO ON-LINE. Disponível em <http://www.paulus.com.br/BP/P1P.HTM>

BIHAIN, Neiva Marisa A trajetória da educação infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/1537>

BETTO, F. OSPB: Uma introdução à política brasileira. SP: Ática, 1990

BOFF, C. Opção pelos pobres. Petrópolis: Vozes, 1987 p. 137

BOFF, L. Crise: oportunidade de crescimento. Campinas: Verus, 2002.

_____, BETTO, Frei. Mística e Espiritualidade. RJ: Roxo, 1996.

_____. Da Mística e da Política. In Cadernos Fé e Política. 2ª ed. Nº 1, RJ: MFP 1989. p. 23-29.

BOGO, A, Arquitetos de sonhos. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

_____. O vigor da Mística. São Paulo: MST, 2002.

_____. Cartas de Amor. SP: MST, 2004.

_____. Identidade e luta de classe. SP: Expressão Popular, 2008.

BONAMIGO, C. O trabalho cooperativo como princípio educativo : a trajetória de uma Cooperativa de Produção Agropecuária do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. PG FAGED UFRGS.(Tese de doutorado). Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/2025>.

CADERNOS FÉ E POLÍTICA. 2ª Ed.. Nº 1, Rio de Janeiro: 1989.

CALDART, R. S. A pedagogia do Movimento Sem Terra. SP: Expressão Popular, 2004.

_____. A escola do campo em movimento. IN: Contexto e Educação, UNIJUÍ, Nº 58, 2000, p. 43 – 75.

_____. Os movimentos sociais e a formação de uma nova pedagogia. In Contexto e Educação. Ano 2 nº 8. Ijuí: UNIJUÍ, out/dez 1987.

CAMINI, Isabela. Escola Itinerante – na fronteira de uma nova escola. SP: Expressão Popular, 2010.

CARVALHO, Horacio Martins de. A emancipação do movimento no movimento de emancipação social continuada. Disponível em <http://www.ces.UC.pt/emancipa/research/pt/ft/mst.html>

CASALDÁLIGA, P, VIGIL, J. M. Espiritualidade da Libertação. São Paulo: Vozes, 1993.

CIVITAS Revista de ciências sociais. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/issue/view/311>.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: vol. 1 dos pré socráticos a Aristóteles. 2ª Ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

COMBLIN, J. Trinta anos de Teologia Latino-Americana. In: SUSIN, Luiz Carlos. (Org.). *Mysterium Creationis - Um olhar interdisciplinar sobre o universo*. São Paulo, 1999. vol 1.

COMERLATTO, G. V. A Metafísica em Marx. Dissertação (Mestrado) Porto Alegre: PUCRS. PPG-Filosofia, 2000.

COMPARATO, Fábio Konder. Bendito seja o MST. Disponível em <http://www.mst.org.br/node/5663>.

DEMO, P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 7ª ed. SP: Cortez ed. 2000.

DICIONÁRIO Internacional de Teologia do Novo Testamento. 2ª ed. SP: Vida Nova, 2000.

DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1987.

DICIONÁRIO Patrístico e de Antiguidades Cristãs. SP: Vozes/Paulus, 2002.

EAGLETON, T. Ideologia. SP: UNESP-Boitempo, 1997.

ENCICLOPEDIA Teologica. 2ª Edizione. Brescia: Queriniana, 1990.

ESCOTO, D. Tratado acerca del primer principio. Versão F. Alluntis. Madri: B. Autores Cristianos, 1989.

FLICKINGER, H-G(Org.), Entre caridade, solidariedade e cidadania: história comparativa do Serviço Social Brasil / Alemanha. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. O potencial crítico da Filosofia do Direito. In Veritas. Porto Alegre: Vol. 49, nº1 março/2004, p. 31-47.

_____. A juridificação da liberdade: os direitos humanos no processo de globalização In Veritas. Vol. 54, Porto Alegre: Edipucrs, jan/mar 2009.

FOUREZ, Gérard. A Construção das Ciências; introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995.

FREITAS, M da C. Mistério. Mística. In LOGOS – ECICLOPÉDIA LUSO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. Nº. 3. Lisboa/SP: Verbo, 1991 p 889-900.

FRIGOTTO, G. Os delírios da razão: Crise do capital e metamorfoses no campo educacional. In GENTILLI, P. (org.) Pedagogia da Exclusão. Crítica ao neoliberalismo na educação. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOHN, M. da G (Org.). Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

_____. Os Sem-Terra, ONGs e cidadania. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Movimentos Sociais e Educação. SP: Cortez, 1992.

_____. Novas Teorias dos movimentos Sociais. SP: Edições Loyola, 2008.

GÓMEZ DE SOUZA, L. A. Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. Nas origens de Medellín: Da ação católica às CEBs e às pastorais sociais (1950-1968) p. 31 – 37. In Revista Internacional de Teologia Concium. nº 296. Petrópolis: Vozes, 2002/3.

_____. Os estudantes católicos e a política. Petrópolis: Vozes, 1985.

GÖRGEN, Frei S. (coord.) Uma foice longe da terra. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. Marcha ao coração do latifúndio. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. O massacre da fazenda Santa Elmira. Petrópolis: Vozes, 1989.

GUERRA, S. Mística. In Dicionário Teológico O Deus cristão. SP: Paulus, 1988 p. 574 - 586.

GUTIERREZ, G. Beber no próprio poço. 3 ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

_____. El Dios de la vida. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones. 1981.

_____. Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 1976.

GUTIERREZ, G. A verdade vos libertará: confrontos. São Paulo: Loyola, 2000.

_____ Pobres y opcion fundamental. In SOBRINO, J; ELLACURIA, I. Mysterium Liberationes: conceptos fundamentales de la Teologia de la Liberación. Tomo I. Madrid: Trotta, 1994.

HABERMAS, J. Para a reconstrução do materialismo histórico. SP: Brasiliense, 1990.

HEGEL, G.W.F. Principios de la Filosofía del Derecho: o Derecho Natural y Ciencia Política. Buenos Aires: Sudamericana, 1975.

HINKELAMMERT Franz Josef. Crítica à Razão Utópica. SP: Paulinas, 1986.

_____ y DUCHOROW, U. LA VIDA O EL CAPITAL. Alternativas a la dictadura global de la propiedad. San Jose: DEI, 2003.

HOLSTON James. Legalizando o ilegal: propriedade e usurpação no Brasil. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_21/rbcs21_07.htm

KAMMER, M. A dinâmica do trabalho abstrato na sociedade moderna: uma leitura a partir das barbas de Marx. Porto Alegre: Edipuc, 1998.

KELSEN, Teoria pura do direito. 6ªed. SP: Martins Fontes, 1998.

KUENZER, Acácia (org.) Primeira Parte. Ensino Médio> Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 25 – 96.

LIBANEO. J. B. O Deus dos místicos. Disponível em <http://www.jblianio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=42>.

LIMA VAZ, H. C. Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental. São Paulo: Loyola, 2000.

LÖWY, Michael. A Mística da Revolução. In Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 1º de abril de 2001.

_____ A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUCAS, J de S. Mistério In: Dicionário Teológico O Deus Cristão. SP: Paulus, 1988 p.569-574.

MAESTRI, Mário. Há muita demagogia sobre a honestidade política das elites rio-grandenses. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=14728.

MARTINS, J. de S. O significado da criação da CPT na história social e contemporânea do Brasil. In CPT. A Luta Pela Terra: a CPT 20 anos depois. SP: Paulus, 1995, p. 71-78.

MARX, K. Manuscritos Económico-Filosóficos. Lisboa. Ed. 70. 1993.

MEDEIROS, E. C. de. A mística como instrumento pedagógico na formação política dos militantes do MST. In Revista Geonotas v.05, nº 04, Universidade Estadual de Maringá, out-dez 2001 <disponível em <http://www.dge.uem.br/geonotas/vol5-4/evandro.shtml>.

MENEZES NETO, Antonio Julio de. Além da Terra: cooperativismo e trabalho na educação do MST. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

MESTERS, C. A missão do povo que sofre: os cantos do servo de Deus no livro do profeta Isaías. Petrópolis: Vozes, 1981.

MESTERS, C. A Bíblia como memória dos pobres. Petrópolis/RS: Vozes, 1983.

MÉSZÁROS, I. O século XXI: Socialismo ou barbárie. SP: Boitempo, 2003.

_____ Para além do capital. SP: Boitempo, 2003.

MOVIMENTO NACIONAL FÉ E POLÍTICA. Mística da militância. Santo André: editora Rede, 2001.

MST – Documento básicos. A luta pela reforma agrária e por mudanças sociais no Brasil. São Paulo: Sem Terra, 2005a.

_____. Construindo o caminho numa escola de assentamento do MST. Veranópolis: ITERRA, 2000. Cad. nº 3.

_____. Relato da Marcha do MST por membro da Direção Estadual (Rodrigo) em Junho de 2005b, UFRGS.

_____. Escola itinerante: uma prática pedagógica em acampamentos. São Paulo: 2001.

_____. Ocupando a Bíblia. Caderno de educação nº 10. 2ª ed. São Paulo: MST, 2003.

_____. Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. Caderno de Formação Nº 27. São Paulo: Peres, 1998.

NAVARRO, Zander. Mobilização sem emancipação - as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. In: Boaventura Sousa Santos. (Org.). Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista.. 01 ed. Rio de Janeiro: : Civilização Brasileira, 2002, v. 01, p. 189-232.

OFFE, C. Partidos políticos y nuevos movimientos sociales. Madri: Sistema, 1992.

PASSOS, Nadja. A revista Veja e a invenção de um movimento terrorista. Entrevista com Nadja dos Passos. Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=28153.

PICANÇO, Iracy & TIRIBA, Lia Vargas (orgs.). Trabalho e Educação. Arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia solidária. Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2004.

PELUSO, I. A força que anima os militantes. In: O vigor da Mística. São Paulo: MST, 2002.

PIXELEY, J.; BOFF, C. Opção pelos pobres. Petrópolis: Vozes, 1987

PIZZETA, A. Apresentação In: BOGO, A. O vigor da Mística. SP: MST, 2002, p. 7-20.

QUINTANS, M. T. D. O MST e o direito: contribuições para crítica do positivismo Jurídico disponível em http://www.conpedi.org/manaus/arquivos/anais/bh/mariana_trotta_dallalana_quintans.pdf

RIBEIRO, M. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. Educação e Pesquisa. SP, vol. 38, nº 2 p. 113-128. jul/dez 2002.

_____. O caráter pedagógico dos movimentos sociais. Revista Serviço Social & Sociedade, SP, v. 19 nº 58, p. 41-71, nov 1998.

_____. Trabalho cooperativo no MST e ensino fundamental: desafios à educação básica. Revista Brasileira de Educação, Campinas/SP, v. 1, n. 17, p. 20-39, 2001.

_____ A dimensão pedagógica da violência na formação do trabalhador amazonense. Disponível em <http://www.ufrgs.br/tramse/perural/artigos/pedagogiaviolencia.rtf>.

_____. Exclusão: problematização do conceito. In: Educação e Pesquisa. V.25, nº1. SP: FAE/USP, p.35-50, jan/jun 1999.

_____. Organizações cooperativas de agricultores e educação escolar: desafios a uma formação cooperativa. In: Perspectiva. v. 22, nº 1. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, p. 167 – 196, 2004 a.

REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. Historia da filosofia: Vol.1 antiguidade e idade média. 6ª São Paulo: Paulus, 2000.

RICHARD, P. A Teologia da Libertação na nova conjuntura: tema e desafios novos para a década de 90. IN: Cadernos da ESTEF nº 7, 1991. p. 19 – 32.

_____ A força espiritual dos pobres. Petrópolis/RJ: Vozes, 1989.

SAAVEDRA, G.A., E.A. SOBOTTKA, Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/issue/view/311>

SANTOS, T. Conceito de classes sociais. Petrópolis: 1982.

SELL, C. E. Universidade Federal de Santa Catarina. A virada mística: subsídios para uma análise sociológica do discurso místico da teologia da libertação. Florianópolis, 2004. 1 v. Tese (Doutorado).

_____, BRUSEKE, J. Mística e Sociedade Itajaí-São Paulo: Univali/Loyola, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo: Epu, 1986.

SILVA, Rebeca P. A vida dos pobres é luz para o mundo. Estudo de Is 49,1-6. (Dissertação de Mestrado) PPG Teologia PUCRS. Porto Alegre, 2007.

SOBOTTKA, E. A utopia político-emancipatória em transição: movimentos sociais viram ONGs que viram terceiro setor. Teoria & Sociedade (UFMG), Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 48-65, 2003.

_____. Movimentos Sociais: a busca da ampliação do espaço político in: FLICKINGER, H. G (org.). Entre a caridade, solidariedade e cidadania. Porto Alegre: Edipuc, 2000.

SHMIDT-LEUKEL, Uma nova espiritualidade para um mundo religiosamente plural. In CONCILIUM, nº308 2004/5 Petrópolis: Vozes, 2004.

STÉDILE, J. P. e FERNANDES, Bernardo Mançano. Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

_____. Uma porta de entrada para compreender o MST. In: SUSIN, L. C. Terra prometida: movimento social, engajamento cristão e teologia. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 109-130.

_____. (org.) A questão agrária hoje. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

SUNG, J. M. Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

SUSIN, L. C O estatuto epistemológico da teologia como ciência da fé e a sua responsabilidade pública no âmbito das ciências e da Sociedade pluralista. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1748/1281>

SUSIN, LC O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes/Est, 1984.

TAMEZ, Elza. Mártires na América Latina. In CONCILIUM, Nº 299, Petrópolis: Vozes, 2003/1, p. 30-36.

TOURAINÉ, Alain. Os movimentos sociais: o conflito central. In TOURAINÉ, A. Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1999. pp. 112-118.

TÜRCKE, C. O Nascimento Mítico do Logos. In: De Boni, Luis Alberto (Org.) Finitude e Transcendência. Petrópolis: Edipucrs/Vozes, 1995.

_____. Limites do discurso. in SIDEKUM, A.(org.) Ética do Discurso e Filosofia da Libertação. Modelos complementares. São Leopoldo: ed. Unisinos, 1994. p. 41-51.

UMBELINO, Ariovaldo. '1/5 das terras no Brasil são de pessoas que não têm documentos hábeis legais. Entrevista especial com Ariovaldo Umbelino Disponível em http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=21484

USARKI, F. Constituintes da Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas, 2008

VENDRAMINI, Célia Regina. (org.) Educação em Movimento na Luta pela Terra. Florianópolis: CED/NUP/UFSC, 2002.

VIOLA, Solon Direitos humanos e democracia no Brasil São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.

_____ A força dos movimentos sociais na luta por direitos humanos e democracia no Brasil. Disponível em

http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_eventos&Itemid=26&task=evento&id=190&id_edicao=285

VENDRAMINI, Célia Regina. (org.) Educação em Movimento na Luta pela Terra. Florianópolis: CED/NUP/UFSC, 2002.

VIEIRA, L. V. Os movimentos sociais e o espaço autônomo do “político”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____A democracia com pés de barro: o diagnóstico de uma crise que mina as estruturas do estado de direito. Recife: UFPE, 2006.

WOOD, E. M. As Origens Agrárias do Capitalismo. Disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/sumario10.html>

WOOD, Ellen M.. Estado, democracia e globalização. In: BORON, Atilio; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina. A teoria marxista hoje - problemas e perspectivas. São Paulo: Expressão Popular - Clacso, 2007. p. 381-3994.

SOMOS TODOS SEM TERRA



CONTRA A CRIMINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS



MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST

SECRETARIA ESTADUAL – MST-RS

Travessa Francisco de Leonardo Truda, 98/4º andar

90010-050 Porto Alegre/RS

Fone/Fax: (51) 3221-9022

e-mail: mstrs@mst.org.br

home-page: www.mst.org.br/mstrs

Porto Alegre, 05 de abril de 2010

Autorizamos para os devidos fins a inserção e publicação das fotos, pertencentes ao arquivo fotográfico do Movimento Sem Terra, para a tese de doutorado de GIOVANI COMERLATTO. Nada mais havendo a declarar, subscrevo-me,

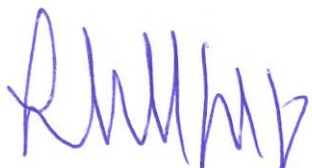
Atenciosamente,

Miguel Enrique Stédile
Coordenação Estadual MST - RS

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM
EM PUBLICAÇÃO

Informo a que interessar possa que de minha parte não existe nenhum óbice ou qualquer restrição a que Giovani Comerlatto publique, no corpo de sua Tese de Doutorado, conforme sua solicitação, fotos de minha autoria.

Porto Alegre, 6 de abril de 2010.



Leonardo Melgarejo
CPF 206 406 760-49